

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

KARIME CHAIBUE

**UNIVERSAIS LINGUÍSTICOS APLICÁVEIS ÀS LÍNGUAS DE SINAIS:
DISCUSSÃO SOBRE AS CATEGORIAS LEXICAIS NOME E VERBO**

Goiânia
2013

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	KARIME CHAIBUE		
E-mail:	karime_chaibue@yahoo.com.br		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG)		
Agência de fomento:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	Sigla:	CAPES
País:	Brasil	UF:	GO CNPJ:
Título:	UNIVERSAIS LINGÜÍSTICOS APLICÁVEIS ÀS LÍNGUAS DE SINAIS: DISCUSSÃO SOBRE AS CATEGORIAS LEXICAIS NOME E VERBO		
Palavras-chave:	Universais Linguísticos. Nome. Verbo. Línguas de Sinais. Libras.		
Título em outra língua:	APPLICABLE LINGUISTIC UNIVERSALS TO THE SIGN LANGUAGE: DISCUSSION ON NAME AND VERB LEXICAL CATEGORIES		
Palavras-chave em outra língua:	Universals Linguistic. Name. Verb. Language Sign. Libras.		
Área de concentração:	Estudos Linguísticos		
Data defesa:	11/10/2013		
Programa de Pós-Graduação:	Letras e Linguística		
Orientador (a):	CHRISTIANE CUNHA DE OLIVEIRA		
E-mail:	christianecunhadeoliveira@outlook.com		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Data: 11/08/2014.

Assinatura do (a) autor (a)

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

KARIME CHAIBUE

**UNIVERSAIS LINGUÍSTICOS APLICÁVEIS ÀS LÍNGUAS DE SINAIS:
DISCUSSÃO SOBRE AS CATEGORIAS LEXICAIS NOME E VERBO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de pesquisa: Descrição e análise de línguas indígenas e demais línguas naturais

Orientadora: Profª Drª Christiane Cunha de Oliveira

Goiânia

2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG**

Chaibue, Karime.

C434u Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais:
discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo
[manuscrito] / Karime Chaibue. - 2013.
162 f.: il., figs.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Christiane Cunha de Oliveira;
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras, 2013.

Bibliografia.

Inclui lista de abreviaturas e siglas, figuras e quadros.

Apêndices.

Anexos.

1. Libras (Língua brasileira de sinais) – Análise
 2. Língua de sinais – Análise 3. Linguística universal
- I. Título.

CDU: 81'221.22

KARIME CHAIBUE

**UNIVERSAIS LINGUÍSTICOS APLICÁVEIS ÀS LÍNGUAS DE SINAIS:
DISCUSSÃO SOBRE AS CATEGORIAS LEXICAIS NOME E VERBO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre, defendida e aprovada em 11 de outubro de 2013 pela banca examinadora constituída pelas professoras: Dra. Christiane Cunha de Oliveira – UFG (Orientadora e Presidente); Dra. Mônica Veloso Borges – UFG; Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento – UnB; Dra. Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio – UFG (Suplente).

À comunidade surda brasileira, pois sem ela não seria possível a realização de trabalhos sobre Libras.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me proporcionar as condições físicas e mentais necessárias para a realização deste curso.

À minha Orientadora, Professora Christiane Cunha de Oliveira pelo interesse em orientar o meu trabalho, por acreditar em mim e por compartilhar seus conhecimentos.

Às Professoras Mônica Veloso Borges, Sandra Patrícia de Faria do Nascimento e Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio por aceitarem participar das minhas bancas de qualificação e de defesa, e por contribuírem para o aperfeiçoamento desta dissertação através de suas considerações e sugestões.

À equipe do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG) pela atenção oferecida: à ex coordenadora, Professora Goiandira Ortiz, à coordenadora atual, Professora Maria Cristina Faria Dalacorte Ferreira e aos secretários, Bruno Calassa e Consuelo de Lourdes Costa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de Mestrado.

Ao meu esposo Samuel Gonçalves do Carmo pelo incentivo, companheirismo e compreensão durante todo o curso.

Ao meu amigo Hildomar José de Lima por ter acreditado em mim, me incentivado a fazer a seleção do mestrado, pelas tardes na biblioteca estudando comigo. ARRASOU, Hildeni!

Aos amigos maravilhosos que o curso de Mestrado me proporcionou ou que intensificou ainda mais nossa amizade: Alessandra Silva, Alex Mendes, Bruno Carneiro, Charlene Stephany, Karina Cunha, Maria Luísa, Ronan Lucas, Sâmela Ramos, Themis Bruno, Thiago Aguiar.

Aos surdos que colaboraram no desenvolvimento desta pesquisa: Edina Barros, Eliane Barros, Joyce Alves, Paulo Pedro Silva, Quinzzuca Carvalho.

Ao Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez do Estado de Goiás (CAS-GO) por ter sido o lugar que me fez apaixonar ainda mais pela Língua de Sinais Brasileira (libras), por comemorarem comigo minha aprovação e por sempre terem se mostrado dispostos a me ajudar na coleta de dados. Agradeço em especial à ex diretora, Meranda Assunção, e à diretora atual, Suely Santos. Sinto-me orgulhosa por ter trabalhado neste lugar!

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) - Câmpus Formosa pelo incentivo à conclusão deste curso e por entenderem quando era preciso me ausentar em decorrência da minha pesquisa.

Ao Ministério dos Surdos Adventistas por viabilizarem muitos dados para minha pesquisa, em especial ao carinho e atenção sempre recebido da diretora Jackeline Mennon.

Aos meus primeiros professores surdos de libras por terem me ensinado sobre esta língua e sobre a cultura surda: Edson Franco e Luiz Júnior.

Aos amigos e familiares que de uma forma ou de outra me incentivaram a entrar e a concluir este curso, é impossível citar todos, mas vou tentar citar alguns: Andrea, Carine, Carol, Charles, Cláudia, Danielly, Dina, Dorian, Elaine, Elizabel, Elza, Estelita, Fátima, Eleuza, Fernanda, Hélica, Isabel Cristina, Ivanilde, Ivna, Ivonilda, Jackeline, Janei, Joaquim Orílio, Joelma, José Carlos, José Gonçalves (*in memoriam*), Juliana, Kaithy, Liovaldo, Lisiana, Lucas Eduardo, Lucas Xavier, Lúcia, Lucy, Maraíza, Marcia, Marlene, Meire, Neide, Neima, Paolla, Quézia, Rachel, Rayne, Roberto, Rosy Lenny, Shiverson, Silmara, Sofia, Suzana, Valdo, Valéria, Vanda, Viviane, Waléria, Zelma.

Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeito a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a Língua de Sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, mas temos que permitir-lhes serem surdos.

Terje Basilier (psiquiatra surdo norueguês)

RESUMO

O presente trabalho é composto de uma análise descritiva da língua de sinais brasileira (libras), sob as perspectivas teóricas da linguística funcional, cognitiva e da tipologia linguística. O objetivo da pesquisa é o de discutir sobre um universal linguístico considerado absoluto por Greenberg (1966) - um traço compartilhado por todas as línguas do mundo. O universal em questão é “todas as línguas fazem distinção entre Nome e Verbo” (GREENBERG, 1966). Pretende-se, mediante a análise de dados da libras, confrontar os estudos tipológicos existentes sobre universais linguísticos absolutos, investigar a aplicabilidade de universais linguísticos às línguas de sinais (LS) e apontar como os dados da libras podem interferir no *status* de “absoluto” do universal linguístico sobre a distinção entre Nome e Verbo. Esta pesquisa apresenta as características de uma pesquisa qualitativa e do estudo de caso como método de coletas de dados. Os participantes da pesquisa foram cinco surdos adultos de diferentes regiões do Brasil. Os instrumentos da pesquisa foram narrativas livres enunciadas em libras, de temas variados, registradas em vídeos, e um questionário sociolinguístico. A análise de dados considera alguns estudos realizados sobre as categorias Nome e Verbo em línguas orais (LO): Givón (2001), Schachter e Shopen (2007), Langacker (1997, 2008), Praça (2007); e em LS: Quadros e Karnopp (2004), Salles et al. (2007), Zeshan (2002), Pizzio (2011), Lima (2012). Percebe-se em nosso *corpus* uma inconsistência do parâmetro movimento como elemento distintivo das categorias Nome e Verbo na libras, certas inaplicabilidades de alguns critérios distintivos nas LO para tais categorias nas LS, e a necessidade de considerar vários tipos de critérios e a especificidade da modalidade na análise de dados da libras. A contribuição desta pesquisa é a discussão de um universal considerado absoluto, apontando para a possibilidade de se entender as categorias Nome e Verbo sob uma visão mais ampla e contextualizada.

Palavras-chave: Universais Linguísticos. Nome. Verbo. Línguas de Sinais. Libras.

ABSTRACT

The present work consists of a descriptive analysis of the Brazilian sign language (Libras) under the theoretical perspectives of functional, cognitive and typological linguistics, along with a discussion on a linguistic universal that has been considered by Greenberg (1966) as an absolute – a feature shared by all languages around the world – namely, that “all the languages make a distinction between Noun and Verb” (GREENBERG, 1966). The main goal of the research is to confront the analysis of libras with the existing typological findings on this so-called absolute universal, in order to investigate the degree to which such universal can be easily applicable to sign languages (SL) as well, or whether the SL data can interfere with the “absolute universal” status of the distinction between the lexical categories Noun and Verb. The research is a qualitative report on a case study based on linguistic data. The participants of the research were five deaf adults fluent in Libras, from different parts of Brazil. The database for the research consisted of free narratives in Libras on varied themes, recorded in video, plus a sociolinguistic questionnaire. The theoretical framework adopted for the analysis includes cognitive, functional and typological studies on the categories Noun and Verb in oral languages (OL), such as Givón (2001), Schachter and Shopen (2007), Langacker (1997,2008), Praça (2007); and in SL, mainly, Quadros and Karnopp (2004), Salles et al. (2007), Zeshan (2002), Pizzio (2011), Lima (2012). The analysis of the data has demonstrated an inconsistency with regard to the parameter Movement as the distinctive element for the establishment of Noun and Verb as lexical categories in Libras. It has also shown that certain criteria considered distinctive for such categories in OL are not necessarily adequate for an analysis of SL data, and that such inadequacy may be related to the specificities of each language modality. The present work hopes to contribute for a broader understanding on the cognitive and functional factors involved in the categorization of Nouns and Verbs in the languages of the world, both Oral and Signed.

Keywords: Linguistics Universals. Noun. Verb. Sign Languages. Libras.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ART	Artigo
ASG	Associação dos Surdos de Goiânia
ASP	Aspecto
ATV	Voz ativa
AUM	Aumentativo
AVI	Audio Video Interleave
BEN	Beneficiário
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAS-GO	Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez do Estado de Goiás
CL	Classe
COEE	Coordenação de Ensino Especial
DEF	Definido
DSD	Desiderativo
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
I	Classe 1 - Verbo
II	Classe 2 - Nome
IFG	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
IMP	Imperativo
IND	Indicativo
INDEF	Indefinido
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
INT	Intensivo
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
MEC	Ministério da Educação
N	Nome
NEG	Negação
N-PROC	Nominalização de Processo
OBJ	Objeto
OD	Objeto direto
PL	Plural
PRS	Presente
PSD	Passado
R	Reduplicação
RDPL	Reduplicação para Plural
REF	Referente
SG	Singular
1.SG	1ª pessoa do singular
3.SG	3ª pessoa do singular
SNP	Sistema de Notação em Palavras
SUJ	Sujeito

SUME	Subsecretaria Metropolitana de Educação
TOP	Tópico
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNB	Universidade de Brasília
V	Verbo
WMV	Windows Media Video

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1	Ferramenta contida no programa <i>Quick Time Player</i>	28
Figura 1.2	Contexto de sinalização de AVIÃO.....	29
Figura 1.3	Ficha catalográfica do Vídeo 1.....	29
Figura 1.4	Quadro de configuração de mãos.....	30
Figura 1.5	Sinal ROUBAR.....	31
Figura 1.6	Sinal RELAÇÃO SEXUAL.....	31
Figura 1.7	Sinais que se opõem quanto à locação.....	32
Figura 1.8	Sinais que se opõem quanto à orientação.....	33
Figura 1.9	Tipos de movimentos.....	34
Figura 1.10	Expressões faciais de alegre e triste.....	36
Figura 1.11	Expressão facial negativa e interrogativa.....	37
Figura 1.12	Grau de intensidade.....	37
Figura 1.13	Grau de tamanho.....	38
Figura 2.1	Sinal AMIGO.....	55
Figura 2.2	Sinal CONHECER.....	55
Figura 2.3	Figura 2.3: Sinal TRABALHAR.....	55
Figura 2.4	Sinal RELIGIÃO.....	56
Figura 2.5	Sinal POLÍTICA.....	56
Figura 2.6	Sinal PSICOLOGIA.....	56
Figura 2.7	Sinal FILOSOFIA.....	57
Figura 2.8	Sinal NÃO (libras) e ONDE (ASL).....	58
Figura 2.9	Sinal OVELHA.....	58
Figura 2.10	Sinal CAIR.....	59
Figura 2.11	Sinais NUNCA.....	65
Figura 2.12	Sinal CHOPP.....	65
Figura 2.13	Sinal CHOPP.....	65
Figura 3.1	O movimento como parâmetro distintivo.....	83
Figura 3.2	Distinções aspectuais e tipos de ação.....	88
Figura 3.3	Codificação da negação em V.....	88
Figura 3.4	Sinal AJOELHAR.....	89
Figura 4.1	Sinais CORTAR.....	94
Figura 4.2	Sinais PINTAR.....	94
Figura 4.3	Sinal AJOELHAR.....	130
Figura 4.4	Sinal LIQUIDIFICADOR.....	131

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1	Convenções do Sistema de Notação em Palavras - libras/LP.....	39
Quadro 1.2	Símbolos acrescidos para representação de elementos da libras..	42
Quadro 2.1	Exemplos de isolamento, aglutinação e fusão na língua inglesa...	49
Quadro 3.1	Universais linguísticos.....	84
Quadro 4.1	Itens lexicais: datilologia e contexto de enunciação.....	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA DA PESQUISA.....	22
1.1 Fundamentação teórica da pesquisa.....	22
1.2 Os instrumentos da pesquisa.....	23
1.3 Os participantes da pesquisa.....	24
1.4 Procedimentos para a organização do <i>corpus</i>	27
1.5 Os dados: características estruturais preliminares da libras.....	30
1.5.1 Configuração de mãos.....	30
1.5.2 Ponto de articulação.....	31
1.5.3 Orientação.....	32
1.5.4 Movimento.....	33
1.5.5 Expressão facial e/ou corporal.....	36
1.6 Procedimentos para transcrição de dados.....	38
CAPÍTULO 2: A TIPOLOGIA LINGÜÍSTICA E AS LÍNGUAS DE SINAIS	44
2.1 Histórico dos estudos tipológicos.....	44
2.2 A teorização de Greenberg.....	51
2.3 Histórico das línguas de sinais.....	54
2.4 A tipologia linguística e as línguas de sinais.....	63
CAPÍTULO 3: AS CATEGORIAS LEXICAIS NOME E VERBO EM LÍNGUAS ORAIS E EM LÍNGUAS DE SINAIS	67
3.1 As categorias Nome e Verbo em línguas orais (LO).....	67
3.1.1 Protótipos e Esquemas.....	68
3.1.1.1 Traços semânticos utilizados na identificação dos protótipos categoriais.....	69
3.1.1.2 Processos cognitivos envolvidos na elaboração dos conceitos.....	71
3.1.1.2 Características estruturais relevantes na identificação de N e V.....	73
3.2 As categorias Nome e Verbo em línguas de sinais (LS).....	82
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS DADOS.....	92
4.1 O critério do parâmetro movimento.....	92
4.2 Os critérios semânticos de Givón (2001) aplicados à libras.....	103
4.2.1 Nomes.....	103
4.2.1.1 Estabilidade temporal.....	103
4.2.1.2 Complexidade.....	105
4.2.1.3 Concretude, Compacidade, Contabilidade.....	107
4.2.2 Verbo.....	109
4.2.2.1 Instabilidade temporal.....	109
4.2.2.2 Concretude, Compacidade Temporal.....	111
4.2.2.3 Complexidade e difusão espacial.....	111
4.2.2.4 Agentividade e atividade mental.....	112
4.3 Critérios gramaticais da libras.....	114
4.3.1 Categorias morfológicas: Gênero, Tempo/Aspecto/Modalidade, Negação.....	114
4.3.2 Construções predicativas nominais.....	120
4.4 Considerações de Lima (2012) sobre as categorias lexicais N e V em libras.....	124
4.5 Algumas considerações a partir da ótica cognitivista.....	131

CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: AS CATEGORIAS NOME E VERBO CONSTITUEM UM UNIVERSAL ABSOLUTO?.....	134
5.1 O papel dos gestos no uso da libras.....	134
5.2 A relação das características prototípicas e da iconicidade em N e V na libras	137
5.3 O caráter absoluto do universal linguístico da distinção das categorias lexicais Nome e Verbo.....	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS.....	144
APÊNDICES.....	151
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	151
APÊNDICE B – Consentimento da pessoa como participante da pesquisa.....	153
APÊNDICE C – Questionário aplicado aos participantes da pesquisa.....	154
ANEXOS.....	159
ANEXO A – Universais Linguísticos.....	159

INTRODUÇÃO

Nos estudos sobre a linguagem, um dos pontos que mais têm chamado atenção nas pesquisas desde meados do século XX, a partir especialmente das contribuições de Noam Chomsky para a evolução da Linguística, é a investigação sobre o que há de universal nesta que é uma característica única da espécie humana. A busca pelos universais da linguagem tem percorrido diferentes caminhos epistemológicos, de modo que até mesmo aquilo que se pretende encontrar varia de uma abordagem teórica para outra.

Na vertente chomskiana, deparamo-nos com a noção de Gramática Universal, entendida como um mecanismo específico da mente humana, responsável pela capacidade inata que as pessoas têm de apreender as regras de gramática de uma dada língua a partir da sua exposição ao contexto em que a língua é falada. Neste caso, a Gramática Universal é entendida como um conjunto de regras gerais que fazem parte da capacidade inerente a cada membro da espécie. Trata-se de um construto da teoria propriamente dita, que precisa ser testado mediante a análise dos dados.

Por outro lado, numa vertente mais indutiva, deparamo-nos com a abordagem da tipologia linguística, a qual se fundamenta primeiramente na observação dos dados gramaticais das línguas do mundo para, assim, levantar argumentos acerca do que é, de fato, universal em todas as línguas. Neste caso, diferentemente da visão chomskiana, fala-se de Universais da Linguagem, os quais resultam da análise das línguas mesmas e a partir do quê se pode teorizar acerca dessa capacidade cognitiva tipicamente humana.

A tipologia linguística é um estudo sistemático e comparativo das línguas existentes no mundo, cujo intuito é perceber o que varia e o que há de comum entre elas. As características comuns a todas as línguas são interpretadas como características universais, por estarem presentes em toda e qualquer língua humana.

O surgimento da tipologia linguística como uma teoria formalmente organizada, pautada por uma visão mais empírica, ocorreu na segunda metade do século XX e teve como marco inicial o trabalho pioneiro de Joseph Greenberg sobre os universais linguísticos, lançado na década de sessenta (GREENBERG, 1966). Desde então, os estudos tipológicos têm contribuído para um maior conhecimento sobre as línguas do mundo, na medida em que necessita se fundamentar numa base

de dados muito ampla, que inclua informações até mesmo sobre as gramáticas de línguas menos conhecidas.

A inclusão de informações sobre as gramáticas de línguas menos conhecidas é de suma importância para a tipologia linguística, visto que seu objetivo é a percepção das variações e das características universais das línguas. Conforme Whaley (1997), os universais, para serem considerados absolutos, precisam estar presentes em todas as línguas e em todos os tempos, até mesmo naquelas já extintas ou sem algum registro.

Apesar de todos os desenvolvimentos da tipologia linguística nos últimos anos e dos seus esforços para construir uma base de dados diversificada, os principais estudos encontrados na área têm sido fundamentados em um *corpus* constituído principalmente de informações sobre línguas orais (LO).

A ausência de informações sobre línguas de sinais (LS) desde os primeiros *corpora* da pesquisa tipológica talvez tenha resultado de uma falta de compreensão mais bem elaborada sobre a natureza das línguas de modalidade visogestual² e da consequente escassez de dados disponíveis sobre essas línguas, à época dos primeiros esforços empreendidos por Greenberg (1966).

Foi nessa mesma década, aliás, que tiveram início os estudos em linguística das LS, a partir do trabalho pioneiro de William C. Stokoe (STOKOE, 1960). Desde então, pesquisas relativas a esta modalidade linguística têm sido desenvolvidas em diversos países.

Se de um lado os estudos em tipologia linguística carecem de dados em LS, de outro, os estudos em língua de sinais também não têm buscado nortear suas pesquisas por uma perspectiva tipológica. Zeshan (2008) aponta para o distanciamento entre a tipologia linguística e os estudos sobre LS, apresentando como principais razões para tal distanciamento a falta de domínio de LS por parte dos tipologistas e a falta de estudos descritivos das línguas de modalidade visogestual. A autora foi pioneira na publicação de obras em tipologia de LS, produzindo estudos descritivos sobre três diferentes LS, a da Alemanha, a da Turquia e a da Índia.

² As línguas de modalidade visogestual são aquelas cujo modo principal de percepção linguística é a visão, tendo o corpo e o espaço à sua volta como modo principal de produção; opõem-se conceitualmente às línguas de modalidade oral-auditiva, caracterizadas pela audição como modo principal de percepção e a fonação como modo de produção. O que é denominado "palavra" ou "item lexical" nas línguas orais-auditivas é denominado "sinal" nas línguas visogestuais. O sinal surge da combinação dos seguintes parâmetros de articulação: configuração das mãos, ponto de articulação, movimento, orientação, expressão facial e/ou corporal (FELIPE; MONTEIRO, 2007).

Dentro do arcabouço teórico da tipologia linguística, o seguinte postulado proposto por Greenberg (1966): “todas as línguas fazem distinção entre Nome e Verbo”, é entendido como um universal absoluto — um traço compartilhado por todas as línguas do mundo. Naturalmente, várias pesquisas sobre línguas específicas foram e têm sido desenvolvidas com o intuito de corroborar ou refutar tal postulado.

Praça (2007), ao se deparar com a complexidade envolvida na tarefa de se distinguir entre as categorias Nome e Verbo na língua Tapirapé, defende que os critérios utilizados para a atribuição dessas classes lexicais devem ser entendidos como específicos de cada língua, e não universais.

Assim, apesar de a função básica do Nome ser a de argumento e a do Verbo ser a de predicado nas línguas do mundo, na língua Tapirapé, uma mesma raiz lexical pode desempenhar uma ou outra função conforme a morfologia flexional que recebe no contexto da oração. Este é um dos traços estruturais que remetem ao que Praça (2007) define como sendo a onipredicatividade característica – e específica – da língua Tapirapé.

A dificuldade em se distinguir Nome de Verbo é uma realidade que pode ser ainda mais complexa na análise de LS, não só pela natureza dos dados, mas também porque os estudos sobre essas línguas tradicionalmente vêm influenciados por descobertas oriundas das pesquisas sobre línguas orais; em outros casos, pode acontecer também de a análise de uma dada língua de sinais ser influenciada pela análise proposta para outra língua sinalizada que conte com um maior número de estudos. No caso da língua de sinais brasileira (libras)³, alguns autores apontam para a aparente interferência de análises da língua portuguesa (LP), bem como de outras LS (PIZZIO, 2011). É perceptível a suposição de que as mesmas categorias lexicais existentes nas línguas orais estarão presentes também nas LS; tal suposição descarta as possíveis diferenças decorrentes da modalidade (visogestual ou oral-auditiva).

Quadros e Karnopp (2004) baseiam sua análise da libras em estudos sobre a língua de sinais americana (ASL), realizados por Supalla e Newport no ano de

³ LIBRAS é a sigla difundida pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), para referir-se à língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira. Existe também a sigla LSB – Língua de Sinais Brasileira, que segue os padrões internacionais de denominação das línguas de sinais. Porém LIBRAS também é o nome oficial da língua, conforme utilizado pelo Ministério da Educação (MEC), em documentos legais, e por vários pesquisadores e especialistas (cf. QUADROS, 2007). Neste trabalho, optamos por usar a expressão “língua de sinais brasileira” por obedecer aos padrões linguísticos da LP (língua oficial do presente texto acadêmico), porém utilizaremos a sigla **libras** por ser a mais usual.

1978⁴, os quais apontam o parâmetro movimento como sendo o critério relevante para a distinção entre Nome (N) e Verbo (V) naquela língua. Felipe (2006) defende, no entanto, que a análise proposta para a identificação de N e V na ASL não pode ser aplicada à libras, pois, em pesquisa realizada por ela, os usuários não distinguiram N e V através do parâmetro movimento e também não demonstraram uma padronização na realização de sinais equivalentes a essas categorias. Pizzio (2011) também discorda sobre a possibilidade de se aplicar o movimento como critério para a diferenciação entre N e V; a autora reporta que não conseguiu identificar uma unidade responsável por tal distinção nos sinais da libras.

Os estudos em tipologia linguística e sobre a estrutura gramatical das LS, bem como a convivência com surdos adultos e fluentes em libras, me proporcionaram a oportunidade de observar o uso espontâneo dessa língua, instigando-me a buscar um estudo mais aprofundado, capaz de responder os seguintes questionamentos:

- 1) Dado que os universais linguísticos foram traçados sem se levar em conta as línguas de modalidade visogestual, será possível que o *status* “absoluto” do universal linguístico proposto por Greenberg (1966) venha a ser contrariado pelas LS?
- 2) De que maneira os dados da libras podem corroborar ou refutar a hipótese de que a distinção entre N e V seja absolutamente universal nas línguas do mundo?
- 3) Até que ponto os universais linguísticos em geral são aplicáveis a dados de línguas visogestuais?
- 4) Se pudermos constatar, a partir dos dados da libras, a existência da distinção N / V também em LS, o que este fato nos pode revelar sobre a capacidade cognitiva do ser humano para a linguagem? E sobre a natureza do código?

O objetivo geral deste trabalho é, então, o de investigar a validade do universal linguístico relativo às categorias lexicais N e V, mediante uma análise descritiva dos dados da libras. Os objetivos específicos são: (i) confrontar os estudos tipológicos existentes sobre universais linguísticos absolutos (GREENBERG, 1966) com os dados da libras, apontando possíveis discrepâncias; (ii) investigar a aplicabilidade de universais linguísticos às LS com base no estudo de caso sobre a libras; (iii) apontar como os dados da libras podem interferir no *status* de “absoluto”

⁴Conforme Felipe (2006) e Quadros e Karnoop (2004).

do universal linguístico que afirma a existência da distinção entre N e V em todas as línguas do mundo.

Esta pesquisa apresenta as características de uma pesquisa qualitativa e do estudo de caso como método de coleta de dados. Os colaboradores da pesquisa são surdos fluentes no uso da libras, originalmente das regiões de Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro. Nosso *corpus* é formado por vídeos encontrados na internet, em materiais didáticos ou em outros meios nos quais se faz o uso da libras para a narração espontânea. Os vídeos das narrativas em libras não possuem legenda ou tradução oral na LP e tratam de temas variados, tais como educação, religião, histórias pessoais e notícias. A metodologia incluiu a aplicação de questionário aos surdos participantes da pesquisa com o intuito de verificar a forma de aquisição da libras e a aceitação e postura da família diante do processo de aprendizagem da libras.

Esperamos que esta investigação possa contribuir para uma discussão do universal linguístico absoluto proposto por Greenberg (1966), de que "todas as línguas fazem distinção entre Nome e Verbo". A investigação se apoia na análise de dados linguísticos contextualizados, leva em consideração outros estudos já realizados acerca das categorias Nome e Verbo em línguas orais e de sinais, procurando, no entanto, se esquivar ao máximo da influência que a análise de outras línguas possa exercer sobre a interpretação dos resultados.

A dissertação se divide em cinco capítulos. O capítulo 1 descreve a fundamentação teórica e a metodologia adotada na realização desta pesquisa. O segundo capítulo apresenta um panorama sobre as premissas e métodos da tipologia linguística e como as descobertas dessa linha de investigação têm se relacionado com a pesquisa sobre as LS. O terceiro capítulo oferece um histórico da discussão sobre as categorias lexicais Nome e Verbo nas línguas do mundo, numa perspectiva tipológico-funcional e cognitiva, e uma discussão sobre os estudos realizados acerca dessas categorias nas LS, apesar das diferentes abordagens teóricas tradicionalmente adotadas para tal. O capítulo 4 apresenta a análise dos dados selecionados e, no capítulo 5, tecemos algumas considerações sobre os resultados da análise, oferecendo algumas reflexões sobre a influência da modalidade na organização gramatical das LS, em especial, no que se refere às categorias lexicais Nome e Verbo. Após as Considerações Finais, encontram-se a seção de Referências Bibliográficas, os Apêndices, que ilustram o modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido adotado para esta pesquisa, o Consentimento de Participação na

Pesquisa e o Questionário utilizado na interação com os sujeitos da pesquisa. Por fim, encontra-se em anexo, um quadro com os universais linguísticos apresentados por Greenberg (1966).

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo se organiza em seis seções. A primeira discorre sobre a fundamentação teórica, expondo sobre as abordagens linguísticas utilizadas, o tipo de pesquisa a ser desenvolvido e o método de coleta de dados. Na segunda seção, apontamos os instrumentos de pesquisa utilizados. Na terceira, apresentamos os critérios de seleção de participantes, bem como o perfil de cada um deles. Na quarta expomos sobre o procedimento de organização dos dados. Na quinta seção, apresentamos certas características gramaticais preliminares da libras, com o intuito de situar o leitor quanto aos tipos de elementos a serem considerados durante a transcrição dos dados. Na sexta seção, trazemos detalhes do sistema de transcrição adotado, apontando as principais dificuldades existentes e as possíveis soluções encontradas durante o processo.

1.1 Fundamentação teórica da pesquisa

As abordagens teóricas que fundamentam este trabalho são duas. Uma, de escopo mais amplo, é a perspectiva da linguística funcional. A outra abordagem, central para este estudo, é a da tipologia linguística. Pode-se então definir a perspectiva teórica adotada nesta pesquisa como sendo de orientação tipológico-funcional, onde serão levadas em conta inclusive as contribuições teóricas da linguística cognitiva sobre a distinção entre Nome e Verbo. As principais obras que fundamentam teoricamente nossa pesquisa são: Greenberg (1966), Givón (2001), Schachter e Shopen (2007) e Langacker (1997, 2008).

A linguística funcional tem como premissa investigativa a proposição de que as estruturas linguísticas existentes na gramática de uma dada língua emergem da língua em uso, contextualizada em situações comunicativas reais, sendo a gramática, por esse motivo, suscetível a transformações diacrônicas constantes, conforme afirmam Cunha, Costa e Cezário (2003, p. 29):

A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. [...] Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é

motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema.

A tipologia linguística busca identificar, através da análise de dados comparativos de línguas inclusive não relacionadas genealogicamente, as características estruturais que se destacam em meio à variabilidade existente entre as línguas do mundo, bem como as características estruturais presentes em todas as línguas analisadas – aquelas propriedades ditas “universais”.

Perante tais perspectivas, neste trabalho buscamos discutir a sustentação empírica de um universal considerado absoluto por Greenberg (1966), mediante a análise de dados da língua de sinais brasileira (libras). O universal em questão é o de que “todas as línguas fazem distinção entre Nome e Verbo”.

Este trabalho apresenta as características de uma pesquisa qualitativa. De acordo com Lüdke e André (1986) a pesquisa qualitativa considera todos os dados da pesquisa importantes, preocupa-se mais com o processo do que com o produto, não se interessando por buscar evidências que comprovem hipóteses pré-definidas, mas sim em retratar a perspectiva dos participantes. Sendo assim, buscamos analisar de forma imparcial os dados da pesquisa, levando em consideração as revelações obtidas mediante nossa análise, não nos restringindo simplesmente a confirmar hipóteses previamente levantadas.

Os métodos da pesquisa qualitativa são, basicamente, a análise documental, a pesquisa ação, o estudo de caso e a pesquisa etnográfica. Dentre os métodos pertencentes à abordagem qualitativa, temos o estudo de caso como o método de coleta de dados desta pesquisa. O estudo de caso é caracterizado por apresentações de um ou múltiplos casos, passando pela coleta e posteriormente por uma análise interpretativa dos dados, buscando identificar possíveis generalizações (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

1.2 Os instrumentos da pesquisa

A discussão acerca do universal linguístico apresentado por Greenberg (1966) sobre a distinção entre N e V será baseada na análise de narrativas livres⁵ produzidas por cinco surdos adultos de diferentes localidades do Brasil.

⁵ Tomamos por narrativas livres, neste trabalho, histórias espontâneas contadas por surdos.

As narrativas livres são enunciadas em libras e estão registradas em vídeos contidos em nosso acervo pessoal ou disponíveis na internet. Não possuem legenda ou tradução oral na língua portuguesa (LP) e versam sobre temas variados, tais como educação, religião, histórias pessoais e notícias. A maioria desses vídeos foi gentilmente cedida pelos seus usuários, porém houve a necessidade de realizarmos a filmagem com duas participantes da pesquisa (ver seção 1.4). Todos os participantes assinaram um termo de concessão de uso de sua imagem para os propósitos desta pesquisa, não importando se os vídeos em que aparecem foram retirados na internet, cedidos ou produzidos exclusivamente para este fim (apêndice A e B).

Um questionário foi aplicado em entrevista com os surdos participantes da pesquisa, com o intuito de verificar a forma de aquisição da libras, bem como a aceitação e postura da família diante do processo de aprendizagem da língua (apêndice C).

1.3 Os participantes da pesquisa

No início de nossa pesquisa esperávamos poder contar com a participação de cerca de dez sujeitos surdos. No entanto, o contato com a comunidade surda revelou uma pouca aceitação por parte dos surdos em participar de pesquisas ou outras atividades que expusessem suas imagens⁶. A partir de tal percepção, buscamos e obtivemos a participação de cinco surdos adultos em nossa pesquisa.

Os critérios estabelecidos para a busca desses participantes surdos foram o grau de fluência em libras e o fato de serem adultos; muito importante também foi o fato de que cada participante já tinha conhecimento prévio da pesquisadora.

O motivo de se escolherem apenas surdos adultos para participarem na pesquisa foi o receio de que, construindo uma análise baseada em dados produzidos por crianças ainda em fase de aquisição da língua, tais dados viessem a se mostrar inadequados para os fins desta investigação.

⁶ Durante três anos em que trabalhei numa instituição que oferecia cursos de libras, tive muita dificuldade em produzir materiais didáticos com fotos de surdos realizando sinais (apostilas), pois vários surdos recusavam a expor suas fotos nos materiais didáticos, com receio de que tanto a comunidade surda quanto os alunos pudessem atribuir a eles qualquer erro cometido acerca da representação da língua nesses materiais. Cunha (2011) teve a mesma percepção em sua pesquisa.

O critério do conhecimento prévio entre pesquisadora e participantes se justificou pela confiança mútua existente entre as partes, a segurança quanto à fluência dos falantes no uso da libras, por parte da pesquisadora, e a maior liberdade para questionamentos acerca das dúvidas que surgem ao longo de uma análise.

O nível de escolaridade, a localização geográfica, a ocupação profissional, o gênero, a idade, o tipo e a causa da surdez dos participantes são bastante heterogêneos. Tal heterogeneidade não pode ser considerada um critério primário na seleção dos participantes, porém houve de fato uma preferência pela variabilidade quanto à fonte dos dados, em sintonia com os preceitos metodológicos da tipologia linguística.

Figueiredo (2010) sugere que os nomes dos participantes da pesquisa sejam substituídos por um pseudônimo por uma razão ética, a saber, a preservação da privacidade dos sujeitos. Os nomes dos participantes de nossa pesquisa serão substituídos por A, B, C, D e E, sendo que tais letras foram escolhidas aleatoriamente, não pretendendo estabelecer qualquer relação com seus referidos nomes. No entanto, sabemos que a omissão de nomes é uma estratégia bastante limitada como garantia de anonimato em uma pesquisa que tem como objeto uma língua visogestual. A exposição de imagens da sinalização é necessária para uma melhor compreensão dos dados, por parte do leitor – ou seja, o nome do sujeito não é revelado, mas a sua imagem sim.

O participante A é do sexo masculino, tem 35 anos, nasceu na cidade de Rio Verde-GO, vive em Goiânia-GO desde os 18 anos, sua surdez é congênita, aprendeu libras a partir dos 14 anos, é o único surdo da família, é licenciado em Letras Libras, cursou uma pós-graduação *lato sensu* na área da educação e trabalha como professor de libras na rede educacional pública das cidades de Goiânia e Aparecida de Goiânia. A comunicação entre o participante A e os seus familiares acontece mediante o uso de sinais isolados, mímicas criadas entre eles e alguns itens lexicais escritos da língua portuguesa (LP). Não realiza uma boa leitura labial e nem uma boa comunicação oral.

O participante B é do sexo masculino, tem 52 anos, vive na cidade do Rio de Janeiro-RJ há 29 anos, sua surdez foi adquirida com um ano de idade, começou a aprender libras aos 15 anos, é o único surdo na família, é casado há muitos anos com uma surda e tem duas filhas ouvintes. Possui ensino médio e trabalha como assistente operacional numa empresa particular; é bastante atuante no trabalho de evangelismo

com surdos numa instituição religiosa. A comunicação entre o participante B e os seus familiares acontece mediante o uso de leitura labial e língua oral, porém com sua esposa e filhas a comunicação é realizada em libras.

A participante C é do sexo feminino, tem 44 anos, nasceu e vive na cidade de São Paulo-SP, sua surdez foi adquirida aos 5 anos, começou a aprender libras aos 21 anos, é a única surda na família, é casada há vários anos com um surdo e tem duas filhas ouvintes. É graduada em Pedagogia, trabalha como professora de libras na rede pública de SP e é bastante atuante no trabalho de evangelismo com surdos na instituição religiosa à qual pertence. A comunicação entre a participante C e os seus familiares acontece mediante o uso de leitura labial e língua oral, porém com seu esposo e filhas a comunicação é realizada em libras.

A participante D é do sexo feminino, tem 37 anos, nasceu e vive atualmente na cidade de Formosa-GO, morou durante um ano na cidade de Planaltina-DF. Sua surdez é congênita, começou a comunicar-se em libras com dois anos e meio, tem uma irmã (dois anos mais velha) e seis primos surdos. É casada com uma pessoa ouvinte e suas duas filhas também são ouvintes. Estudou até a quarta série do ensino fundamental, trabalhou durante oito anos como auxiliar de limpeza num hospital da cidade na qual reside, porém no momento encontra-se afastada devido a um problema na visão⁷. No momento, a participante é aluna de um curso profissionalizante na área de construção civil de um programa de extensão para mulheres⁸ no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), campus Formosa. A comunicação entre a participante D e alguns familiares acontece mediante o uso de sinais isolados e mímicas criadas entre eles, porém com uma grande parte da família, a comunicação acontece em libras, inclusive com seu esposo e filhas. Não realiza uma boa leitura labial e nem uma boa comunicação oral.

A participante E é do sexo feminino, tem 39 anos, nasceu e vive na cidade de Formosa-GO, adquiriu surdez aos dois anos, começou a se comunicar em libras aos quatro anos, tem uma irmã⁹ (dois anos mais jovem) e seis primos surdos. É casada com uma pessoa surda¹⁰ e seus três filhos são ouvintes. Estudou até a quarta série do ensino fundamental, trabalha há nove anos como auxiliar de limpeza num

⁷ A participante possui baixa visão e só consegue enxergar até uma distância próxima.

⁸ Mais detalhes sobre o programa estão disponíveis em: <<http://mulheresmil.mec.gov.br>>. Acesso em 13 de janeiro de 2013.

⁹ As participantes D e E são irmãs.

¹⁰ O esposo da participante E também possui vários familiares surdos.

hospital da cidade na qual reside. A comunicação entre a participante E e alguns familiares acontece mediante o uso de sinais isolados e mímicas criadas entre eles, porém com uma grande parte da família acontece em libras, inclusive com seu esposo e filhos. Não realiza uma boa leitura labial e nem uma boa comunicação oral.

1.4 Procedimentos para a organização do *corpus*

Para a formação do nosso *corpus*, iniciamos a busca de vídeos a partir de nosso acervo pessoal, registrados em formato digital. Esses vídeos foram produzidos para utilização em cursos básicos de libras, no preparatório¹¹ para o exame nacional de proficiência (denominado ProLibras), ou para fins evangelísticos. Os sinalizantes desses vídeos são os participantes A, B e C.

Após a busca de vídeos em nosso próprio acervo, partimos para a escolha de vídeos disponíveis na internet. Os vídeos selecionados na internet para nossa análise de dados são, em sua maioria, pertencentes ao gênero religioso e seus sinalizantes são os participantes B e C.

A escolha dos vídeos existentes em nosso acervo pessoal ou na internet aconteceu paralelamente à entrega do termo de consentimento livre e esclarecido e dos questionários aos participantes A, B e C. Antes da entrega dos documentos, houve uma conversa informal sobre os objetivos da pesquisa e, demonstrado o interesse em colaborar no trabalho, os sujeitos receberam os documentos. Toda a explicação sobre a pesquisa e sobre o preenchimento dos documentos aconteceu de forma presencial com o participante A, D e E. Com os participantes B e C, esse contato aconteceu virtualmente devido à distância geográfica em que se encontram. Os participantes B e C enviaram os documentos preenchidos por meio postal.

As participantes D e E não tinham vídeos produzidos, pois suas atividades cotidianas não requerem este tipo de recurso. Para a realização da filmagem dessas duas participantes utilizamos uma câmera digital *Cyber-shot 16.1 megapixels* e organizamos um local onde elas pudessem sinalizar sem interferência externa; para tanto, marcamos fisicamente o local do foco da filmagem e colocamos a câmera apoiada para que elas se sentissem à vontade. Após o término da sinalização, elas nos chamavam para interrompermos a gravação, ficávamos então próximas a elas,

¹¹ Preparatório realizado na Associação dos Surdos de Goiânia (ASG) pelos alunos do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) do polo IFG em abril de 2011.

porém sem acesso à sinalização em tempo real. Nossa intenção inicial foi a de não interferir na escolha das narrativas das participantes. Porém, por não estarem acostumadas a este tipo de atividade, elas não se sentiam seguras em fazer sua parte sem nos questionar. Sugerimos então que elas contassem suas respectivas histórias de vida, as consequências da surdez no seu cotidiano e as perspectivas com relação ao futuro.

O programa escolhido primeiramente para visualizarmos os vídeos do nosso *corpus* foi o *Quick Time Player*. Este programa possibilita assistirmos vídeos no formato *Audio Video Interleave (AVI)* oferecendo a opção de controle de imagem e velocidade do vídeo (veja figura 1.1). A ferramenta de controle de velocidade é de suma importância para a análise de nossos dados, pois nos permite verificar de modo mais minucioso a realização dos sinais, inclusive se o movimento é ou não o elemento distintivo entre Nome e Verbo em nosso *corpus*.

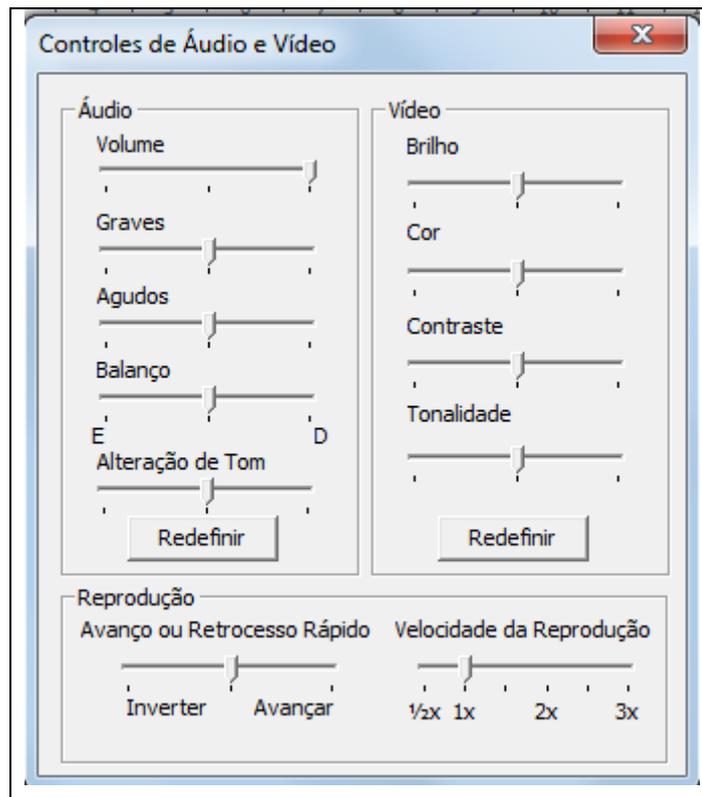


Figura 1.1: Ferramenta contida no programa *Quick Time Player*

Alguns dos vídeos contidos em nosso acervo pessoal não estavam salvos no formato AVI, impossibilitando a visualização através do *Quick Time Player*. Para esses vídeos salvos no formato *Windows MediaVideo (.wmv)* utilizamos o programa

Windows Live Movie Maker, o qual oferece ferramentas de controle de brilho da imagem e da velocidade das cenas.

Para ilustramos alguns sinais, bem como alguns aspectos da sinalização, como, por exemplo, a expressão facial e corporal do sinalizante, utilizamos a tecla *print screen* do teclado do computador e fizemos os recortes e colocação de setas através do programa *Paint* (figura 1.2).



Figura 1.2: Contexto de sinalização de AVIÃO

Todos os vídeos foram catalogados num arquivo, conforme exemplifica a figura abaixo; posteriormente, iniciamos o processo de transcrição, tradução e análise dos dados.

<p>Vídeo 1</p> <p>Tema: Viagem para o Rio de Janeiro</p> <p>Tempo: 3 minutos e 8 segundos</p> <p>Sinalizante: (A)</p> <p>Visualização dos sinais: (X) Boa () Regular () Ruim</p> <p>Extensão do arquivo: <i>Videoclipe (AVI)</i></p> <p>Programa utilizado: <i>Quick Time Player</i></p> <p>Localização do arquivo: Notebook – Pasta Karime</p> <p>Nome do arquivo: Rio de Janeiro</p>

Figura 1.3: Ficha catalográfica do Vídeo 1

1.5 Os dados: características estruturais da libras

Conforme demonstram as análises já realizadas sobre as LS do mundo, desde o trabalho pioneiro de Stokoe (1960) sobre a ASL, entendeu-se e estabeleceu-se que os sinais podem ser analisados em termos de parâmetros, os quais são unidades correspondentes àquelas dos níveis fonético e fonêmico na análise de línguas orais. Tais parâmetros incluem a configuração das mãos, o ponto de articulação do sinal, a orientação da palma da mão, o movimento dos articuladores e a expressão facial e/ou corporal do falante. Esses parâmetros serão apresentados a seguir.

1.5.1 Configuração de mãos

O parâmetro configuração de mão diz respeito ao formato que a mão, ou ambas as mãos, apresentam para a realização do sinal. A constituição de um sinal fundamenta-se predominantemente na configuração das mãos.

O quadro a seguir apresenta as setenta e cinco configurações de mãos observadas no uso da Libras, segundo a análise de Faria-Nascimento (2009). Dentre as configurações de mãos apresentadas na figura 1.4, estão aquelas que representam letras do alfabeto da LP.



Figura 1.4: Quadro de configuração de mãos¹²

¹² Retirado de Faria-Nascimento (2009, p. 177-183).

Embora os sinais sejam predominantemente compostos por configurações de mãos, há registros de sinais que não fazem uso deste parâmetro em suas composições. As figuras (1.5) e (1.6) ilustram os sinais que expressam os conceitos 'roubar' e 'relação sexual', respectivamente, os quais são expressos na libras por expressões faciais, apenas.

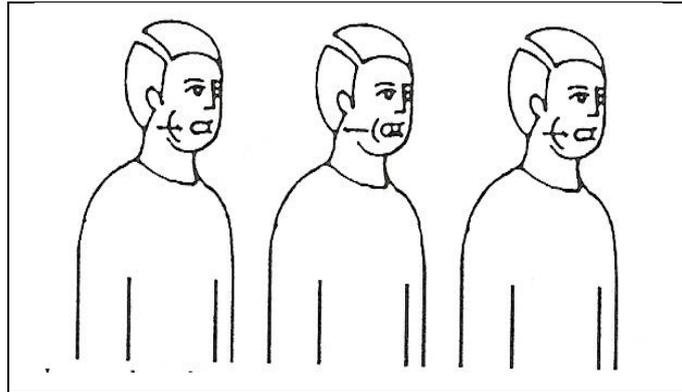


Figura 1.5: Sinal ROUBAR¹³

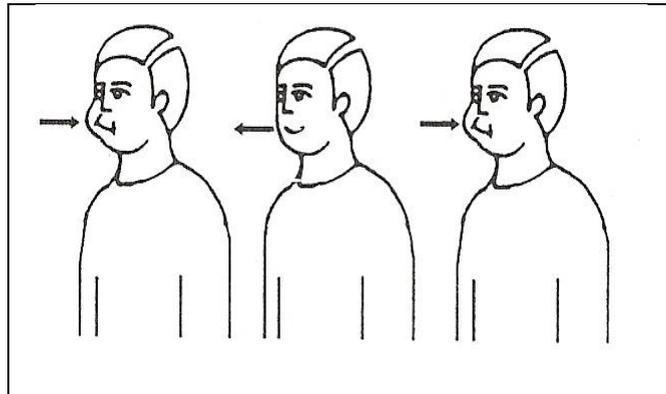


Figura 1.6: Sinal RELAÇÃO SEXUAL¹⁴

1.5.2 Ponto de articulação

O parâmetro ponto de articulação é o local do corpo onde o sinal é realizado. A figura (1.7) apresenta o contraste de sinais que se opõem quanto à locação. Os sinais para 'ter' e 'Alemanha' possuem a mesma configuração de mão e o mesmo movimento, porém são realizados em diferentes pontos de localização pelo corpo – no peito e na testa, respectivamente – formando assim um par mínimo na libras.

¹³ Retirado de Capovilla e Raphael (2001, p.1154).

¹⁴ Retirado de Capovilla e Raphael (2001, p.1130).

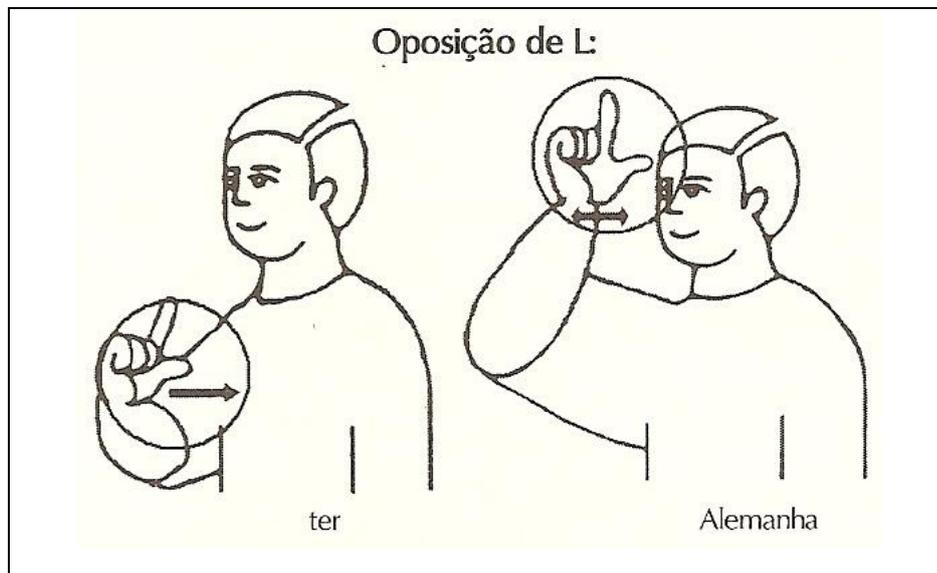


Figura 1.7: Sinais que se opõem quanto à locação¹⁵

Faria-Nascimento (2009) observa trinta e seis pontos de articulação, sendo eles: (1) parte alta das costas, (2) ombros, (3) parte traseira do pescoço, (4) nuca, (5) parte traseira da cabeça, (6) topo da cabeça, (7) testa, (8) sobrançelas, (9) olhos, (10) orelha, (11) nariz, (12) lábio superior, (13) dentes, (14) língua, (15) lábio inferior, (16) bochecha, (17) queixo, (18) pescoço, (19) parte externa do braço, (20) cotovelo, (21) parte externa do antebraço, (22) parte externa do pulso, (23) dorso da mão, (24) parte externa dos dedos, (25) parte interna dos dedos, (26) palma da mão, (27) parte interna dos pulsos, (28) peito, (29) seios, (30) abdômen, (31) cintura, (32) região pélvica, (33) quadril, (34) coxa, (35) nádegas, (36) parte baixa das costas. Todos estes seriam relevantes na produção sistemática de sinais em libras.

1.5.3 Orientação

O parâmetro orientação remete à direção para a qual está apontada a palma da mão durante a execução de um sinal. A figura (1.8) apresenta sinais que contrastam quanto à orientação da palma: o conceito 'ajudar alguém' é codificado através de um sinal em que a palma da mão está orientada para fora do centro dêitico

¹⁵Retirado de Gesser (2009, p. 15).

(i.e. o sinalizante); enquanto a noção ‘ser ajudado’ é expressa com a palma voltada para o centro dêitico.

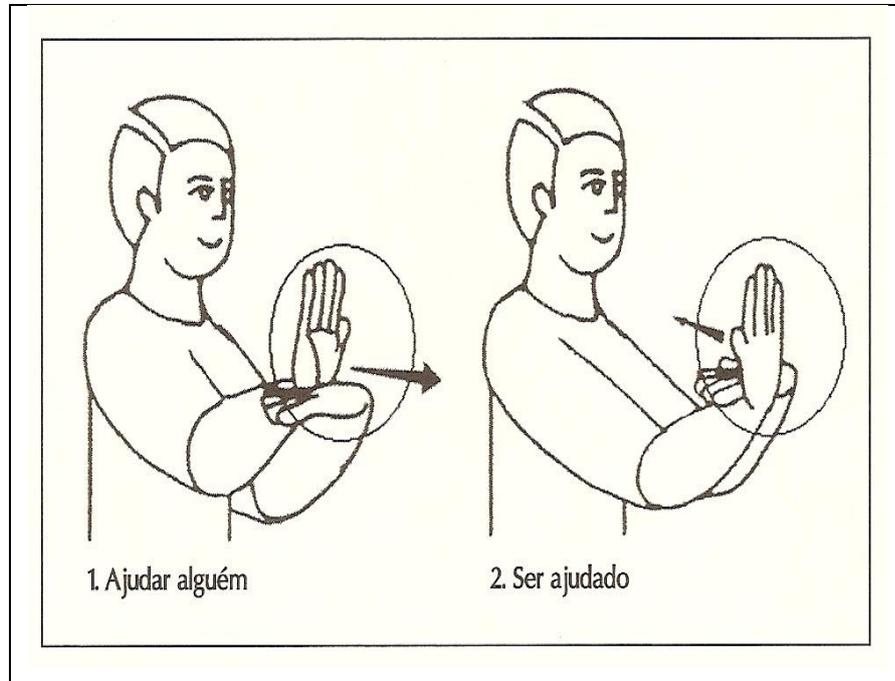


Figura 1.8: Sinais que se opõem quanto à orientação¹⁶

Faria-Nascimento (2009) observa que, durante a realização de um sinal, a palma da mão pode estar direcionada para cima, para baixo, na vertical para frente, na horizontal para frente, para dentro, na lateral ao lado do corpo e na contralateral, tendo o sinalizante como ponto de referência.

1.5.4 Movimento

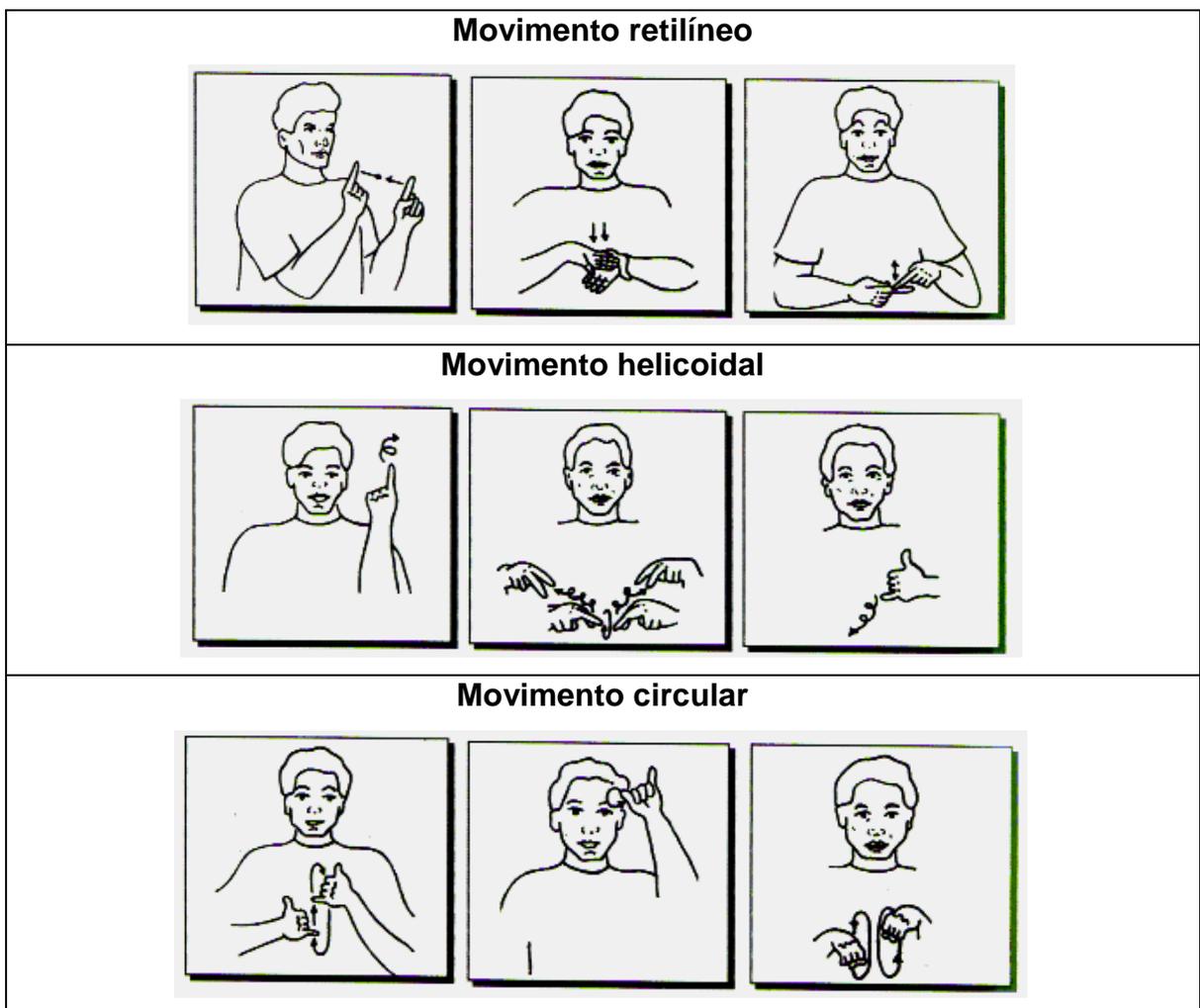
O parâmetro movimento refere-se a como se desloca a mão, durante a realização do sinal.

Faria-Nascimento (2009) classifica o parâmetro movimento conforme os seguintes aspectos: direção, modo, frequência, intensidade e tipo. Com relação à direção, a autora observa que os movimentos podem ser realizados para frente, para trás, para esquerda, para direita, para a diagonal esquerda, para a diagonal direita, para o centro e para fora, tomando o sinalizante como ponto de referência. O movimento pode ocorrer de modo simultâneo ou alternado, na constituição de um

¹⁶Retirado de GESSER, 2009, p. 16

senal. No que diz respeito à frequência, o movimento pode ser pontual ou repetido. A intensidade do movimento pode ser lenta e fraca ou forte e rápida. Finalmente, observam-se dois tipos básicos de movimento: o movimento descritivo e o movimento de trajetória. Como exemplos do primeiro tipo, a autora cita os movimentos de nó, de laço, de cruz. Os movimentos de trajetória se dividem em: linear, trêmulo, balanço horizontal, balanço vertical, oscilado, ondulado, curvo, arqueado, circular, giratório, espiralado e ziguezagueado.

Strobel e Fernandes (1998) propõem a classificação do movimento em termos da noção de direção. Assim, o movimento pode ser descrito como: unidirecional, bidirecional ou multidirecional. Os tipos de movimentos apresentados pelas autoras são: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso e angular, conforme ilustra a figura (1.9).



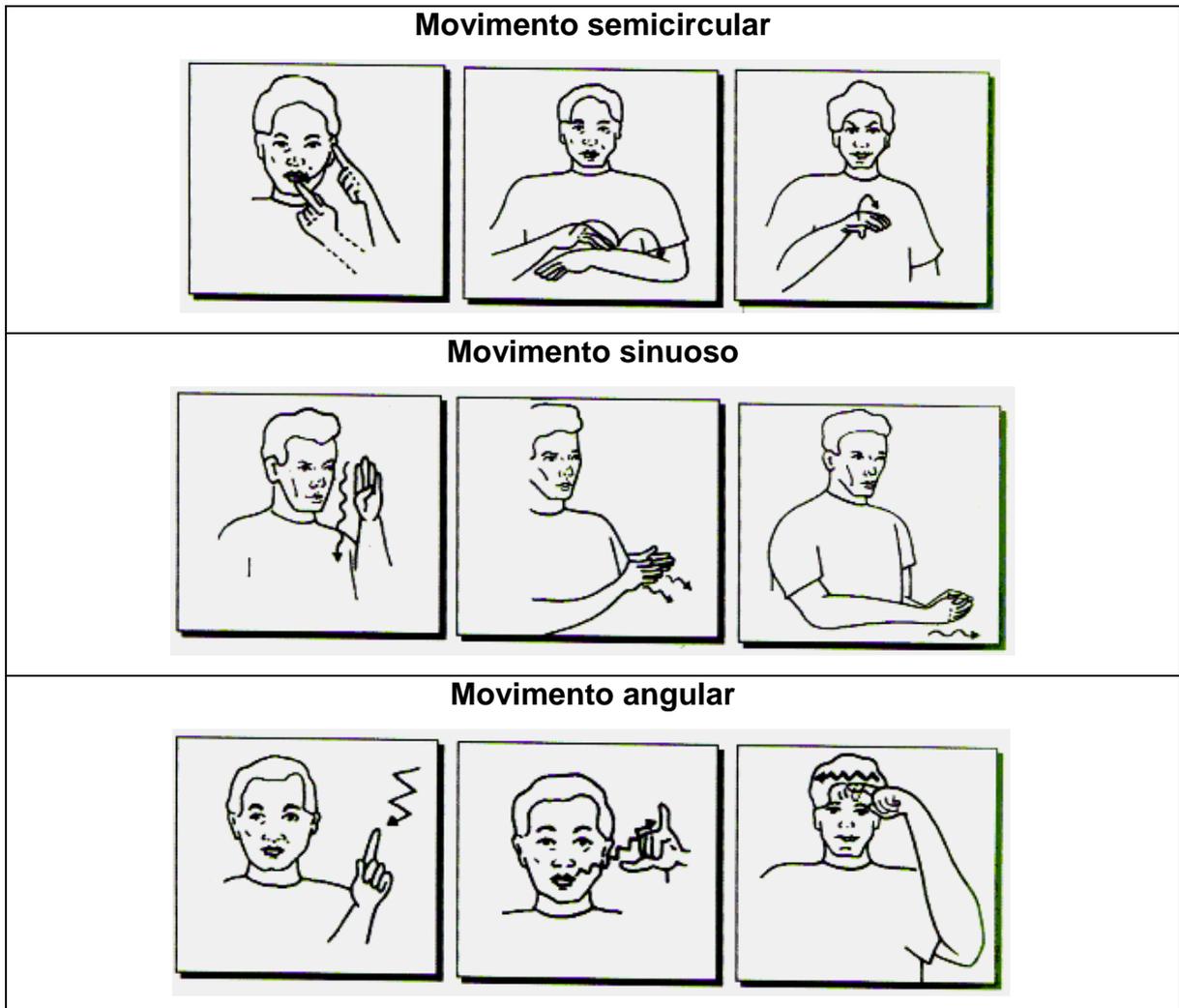


Figura 1.9: Tipos de movimentos ¹⁷

Finalmente, as categorias de movimento apresentadas por Quadros e Karnopp (2004, p. 56)¹⁸ são as seguintes: movimento de contorno ou forma geométrica, movimento de interação, movimento de contato, torcedura do pulso, dobramento do pulso e movimento interno das mãos.

Os movimentos de contorno ou forma geométrica são subclassificados em retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular e pontual. Os movimentos de interação podem ser: alternado, de aproximação, de separação, de inserção e cruzado. Os movimentos podem apresentar as seguintes formas de contato: de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar. Os movimentos de torcedura do pulso podem ser com rotação e/ou refreamento. O dobramento do pulso pode ser apontando para cima ou para baixo. O movimento

¹⁷Adaptado de Strobel e Fernandes (1998, p. 11-13).

¹⁸ Estas categorias foram baseadas nos estudos de Ferreira-Brito (1995).

interno das mãos pode ser de abertura, de fechamento, de curvatura e de dobramento simultâneo ou gradativo.

Nota-se, nesta classificação, uma maior susceptibilidade ao caráter icônico dos movimentos (esfregar, riscar, escovar, pincelar), para além daquelas categorias concebidas de modo discreto (retilíneo, helicoidal, circular, sinuoso).

1.5.5 Expressão facial e/ou corporal

O parâmetro expressão facial e/ou corporal são marcas não manuais que podem expressar sentimentos, negar, afirmar, duvidar, questionar e demonstrar grau de intensidade e tamanho.

A figura (1.10) apresenta dois sinais constituídos de expressões faciais relacionadas a sentimentos, as quais são indispensáveis na formação dos itens lexicais. Percebe-se que as expressões faciais mais abertas são indicativas de sentimentos positivos, enquanto as mais fechadas indicam sentimentos negativos (FARIA-NASCIMENTO, 2009).



Figura 1.10: Expressões faciais de alegre e triste¹⁹

As expressões faciais e/ou corporais podem ser elementos distintivos entre sinais, como aqueles que expressam os conceitos 'exemplo' e 'triste' em libras. Ambos os sinais compartilham a mesma configuração de mão, o mesmo ponto de articulação e a mesma orientação da palma. A diferença entre os sinais, no entanto, se dá pela expressão não manual, através do corpo e do rosto. Faria-Nascimento (2009) observa seis pontos relevantes na expressão facial: sobrancelha, olhos, arcada dentária, línguas, lábios e bochechas.

¹⁹ Adaptado de Felipe e Monteiro (2007, p. 23).

Diferentes tipos de frases podem ser estabelecidos pelas expressões faciais e/ou corporais. A figura 1.11 apresenta um exemplo de construção negativa e outro de construção interrogativa feita pela expressão facial e corporal.



Figura 1.11: Expressão facial negativa e interrogativa²⁰

Com o uso de expressões faciais e/ou corporais podemos demonstrar o grau de intensidade e de tamanho representado num conceito. A figura (1.12) traz exemplos de grau de intensidade realizados pela alternância da expressão facial e corporal.

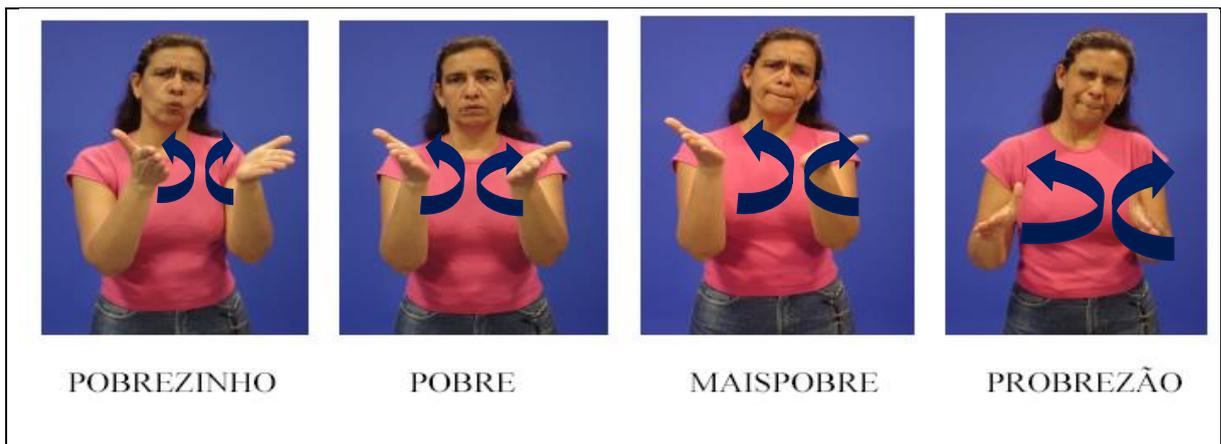


Figura 1.12: Grau de intensidade ²¹

²⁰Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 132-133).

²¹Adaptado de Quadros, Pizzio e Campello (2009, p. 5).

A figura (1.13) mostra sinais que codificam a noção das dimensões físicas de um bebê, através do uso de expressões faciais e corporais.



Figura 1.13: Grau de tamanho ²²

Tendo em mente essas categorias presentes na descrição dos sinais, explicitaremos a seguir quais os procedimentos adotados para a transcrição dos dados utilizados nesta pesquisa.

1.6 Procedimentos para transcrição de dados

A transcrição dos dados reunidos para esta pesquisa se deu predominantemente pelo uso do Sistema de Notação em Palavras (SNP). O sistema de notação de palavras é amplamente utilizado por pesquisadores de LS no Brasil e no mundo. Apesar de apresentar várias limitações, a escolha por tal sistema se justifica pela possibilidade de se empregarem glosas em LP, as quais não somente traduzem os sentidos lexicais e gramaticais presentes nos sinais e enunciados, mas também outros fatores relevantes para a análise, tais como a forma e frequência dos movimentos, especificidades sobre as configurações de mão bem como a interação entre os articuladores e assim por diante.

Propostas alternativas para a transcrição de LS também existem, tais como a de se empregarem sistemas de escrita das LS. Contudo, tais propostas se mostram mais complexas, pois envolvem a necessidade de aprendizado de um novo conjunto de convenções que requerem treinamento específico para este fim.

²²Adaptado de Quadros, Pizzio e Campello (2009, p. 5).

A seguir, apresentamos um quadro com as convenções do SNP (adaptado de FELIPE; MONTEIRO, 2007, p. 24-27):

Quadro 1.1

Convenções do Sistema de Notação em Palavras - libras/LP

Item	ELEMENTOS DA LIBRAS	REPRESENTAÇÃO NA LP
01	Sinais na libras	Itens lexicais da LP em letras maiúsculas Ex.: CASA, ESTUDAR
02	Sinal traduzido por duas ou mais palavras na LP	Palavras correspondentes separadas por hífen Ex.: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO
03	Sinal composto – formado por dois ou mais sinais	Duas ou mais palavras separadas pelo símbolo ^ Ex. CAVALO^LISTRA (Zebra), LEÃO^BOLINHA-PELO-CORPO (Onça)
04	Datilologia (alfabeto manual) – usado para expressar nome de pessoas, localizações e outras palavras que não possuem sinal	Palavra separada letra por letra utilizando um hífen Ex.: J-O-S-É, M-A-R-Y
05	Sinal soletrado ou soletração rítmica – palavra da LP que passou a pertencer à libras por ser expressa pelo alfabeto manual com incorporação de movimento próprio da LIBRAS	Soletração ou parte da soletração do sinal em itálico Ex.: <i>N-U-N-C-A</i> , <i>M-Ç-O</i> (março)
06	Ausência de gênero e número (plural) no sinal	Terminação com o símbolo @ Ex.: AMIG@ (amiga, amigo, amigos), FRI@ (frio, fria, frios, frias), ME@ (meu, minha, meus, minhas)
07	Traços não manuais – expressões faciais e corporais realizadas simultaneamente com um sinal	São representados por fonte sobrescrita apresentando uma ideia com relação: - tipo de frase Ex.: Nome [?] , Admirar [!] - advérbio de modo ou intensificador Ex.: LONGE ^{muito} , ANDAR ^{rápido}
07	Verbos com concordância de gênero (pessoa, animal, objeto, veículo)	Especificar o gênero em letras minúsculas anteriormente ao sinal Ex.: pessoaMOVER, veículoMOVER, animalMOVER
09	Verbos com concordância de lugar ou número-pessoal (movimento direcionado)	Colocar letras minúsculas ao lado do sinal de acordo com os seguintes símbolos: - variável para o lugar Ex.: i – ponto próximo à 1ª pessoa, j – ponto próximo à 2ª pessoa, K e k' – pontos próximos às 3ªs pessoas, e – esquerda, d – direita - as pessoas gramaticais Ex.: 1s, 2s, 3s – 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular. 1d, 2d, 3d – 1ª, 2ª e 3ª pessoas

		do dual. 1p, 2p, 3p – 1 ^a , 2 ^a e 3 ^a pessoas do plural Ex.: 1sDAR2s – eu dou para você, 2sPERGUNTAR3p – você pergunta para eles/elas, kdANDARK'e – andar da direita (d) para à esquerda (e)
10	Marca de plural pela repetição ou alongamento do sinal	Colocação de uma cruz no lado direito acima do sinal Ex.: PRÉDIO+, ÁRVORE+
11	Sinal que é realizado geralmente com uma das mãos, ou dois sinais sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente	Colocar um sinal abaixo do outro com indicação das mãos Ex. muitas-pessoasANDAR(md) muitas-pessoasANDAR(me) muitas-pessoasANDAR(md) pessoaEM-PÉ(me)

Antes de iniciarmos a transcrição dos dados, assistimos ao vídeo em velocidade normal e sem fazer interrupções, apenas para uma compreensão geral do contexto. Após a primeira visualização, reduzimos em 50% a velocidade do vídeo e fizemos várias pausas e retornos antes de anotarmos cada glosa. A transcrição foi feita de modo dividido e tentamos fazer essa divisão de acordo com a conclusão de cada ideia presente no texto. Após a escrita da glosa, fizemos a tradução e anotamos as observações que julgamos necessárias, bem como todas as dificuldades encontradas (1.1).

(1.1)²³ **Vídeo 1, tempo: 02:01 – 02:04**

CHAMARf eLÁdc PRÉDIO AGRADECER.

Tradução livre para o Português: 'Chamei o motorista e mostrei o prédio, em seguida, agradei.'

- Na glosa 29 julgamos necessário indicar que o sinal de chamar foi feito à frente do corpo do sinalizante (CHAMARf). Mesmo sabendo que o motorista do veículo estava à frente do sinalizante, uma pessoa que lesse a glosa poderia imaginar que o surdo estivesse chamando alguém à sua direita ou à sua esquerda, como por exemplo, o amigo que ele foi visitar. Por isso, optamos por representar a direção para frente com a letra f. No uso da glosa LÁ, indicamos que o sinal dêitico realizado pelo surdo a fim de mostrar o prédio ao seu interlocutor, foi realizado com movimento da esquerda para a direita e para cima (eLÁdc).

[...]

Vídeo 1, Tempo: 02:21 – 02:26

JOIA OBRIGADO JOIA pessoaANDAR elevadorSUBIR+.

²³ Adotamos neste trabalho o mesmo critério de numeração de figuras e quadros para nossos exemplos, referimos primeiramente à numeração do capítulo e depois à numeração da ordem que o exemplo aparece no capítulo.

Obs.: Sentença enunciada com o corpo do sinalizante voltado para a sua direita até o sinal pessoaANDAR, o sinal elevadorSUBIR o corpo do sinalizante estava voltado para frente.

Tradução para o Português: ‘Eu disse a ele: “tudo bem, obrigado!” Fui andando e subi de elevador.’

O sistema de transcrição de dados adotado na pesquisa muitas vezes não nos permitiu expor de forma simplificada, como fazemos com os sinais, algumas marcações não manuais. No entanto, acreditamos que a razão desta dificuldade não é decorrente simplesmente do sistema de transcrição escolhido, mas da modalidade viso-espacial que as LS apresentam.

McCleary e Viotti (2007) afirmam que, de modo geral, os sistemas de transcrição de dados das LS são limitados. Além de explicitarem as limitações encontradas nos seus próprios sistemas de transcrição, os autores levantam também os problemas identificados nos sistemas de outros pesquisadores.

Em nossa transcrição, tentamos registrar certos detalhes ao máximo, mesmo que para isso extrapolássemos o princípio da simplificação. Observe-se no exemplo (1.2), a seguir, a forma como registramos alguns desses detalhes encontrados em nossa base de dados:

(1.2) **Vídeo 1, tempo: 00:11 – 00:17 (Vídeo 1)**

EU IR AVIÃO EU FUI bolsa/ombroCOLOCAR (faz movimento com o corpo representando o ato de caminhar segurando a bolsa).

Tradução para o Português: Eu fui de avião, coloquei a bolsa no ombro e saí andando.

Foi possível então comprovar, durante a transcrição dos dados, a observação de McCleary e Viotti (2007) acerca da dificuldade do uso do sistema de glosas para o registro de enunciações espontâneas, não controladas pelo pesquisador. Os autores afirmam que:

Tal notação parece servir razoavelmente bem para estudos baseados em intuições de falantes bilíngues, a respeito de enunciados apresentados ou eliciados isoladamente, e em comparações pontuais com descrições de outras línguas sinalizadas. [...Mas] para a análise de trechos de discurso espontâneo, o sistema de glosas simples que tem sido usado apresenta uma série de limitações. (MCLEARY; VIOTTI, 2007, p. 75)

O discurso espontâneo exige muito mais elementos do que os apresentados no SNP. Diante disso, durante nosso processo de transcrição de dados, além das várias observações anotadas, fizemos uso de imagens de sinais e acréscimo de símbolos/convenções para representação de elementos da libras. Vejam-se alguns exemplos no quadro a seguir:

Quadro 1.2

Símbolos acrescentados para representação de elementos da libras

Item	Símbolo acrescentado	Objetivo
01	C Ex.: ceVERd	Mostrar de forma simplificada que o sinal VER foi feito direcionado para cima.
02	2m Ex.: papelSEGURAR(2m)	Facilitar a transcrição de sinais iguais realizados simultaneamente com as duas mãos (McCleary; Viotti, 2007).
03	I Ex.: LONGE ⁱ	Mostrar de forma simplificada a expressão facial de intensidade.
04	a! Ex.: CHEGAR ^{a!}	Mostrar de forma simplificada uma expressão facial que demonstre alívio.
05	F Ex.: CHAMAR ^f	Mostrar de forma simplificada que o sinal CHAMAR foi feito direcionado para frente.
06	R Ex.: OLHAR ^r	Mostrar de forma simplificada que o sinal OLHAR foi feito direcionado rapidamente.
07	Cab Ex.: OLHAR (cab)	Mostrar de forma simplificada que o sinal OLHAR foi realizado apenas com a cabeça.
08	EFC	Representar somente uma expressão facial/ corporal sem o sinal em libras.
09	F Ex.: EFC ^f	Mostrar de forma simplificada a expressão facial de felicidade.
10	AP Ex.: VEM ^{AP}	Mostrar de forma simplificada uma expressão facial apelativa.
11	Dz Ex.: NORMAL ^{dz}	Mostrar de forma simplificada uma expressão facial de desprezo.
12	# Ex. AVIÃO [#]	Distinguir repetição do sinal de alongamento do movimento. Felipe e Monteiro (2007) representam os dois aspectos com o mesmo símbolo +, porém na nossa pesquisa, os dois aspectos são os pontos principais analisados na estrutura do sinal, por isso, sentimos a necessidade de marcar essa distinção. Adotamos então + para representar repetição e # para representar alongamento do movimento.
13	e (suspenso) Ex.: ESTRANHO ^e	Mostrar de forma simplificada a expressão facial de estranhamento.
14	ns (suspenso) Ex.: EFC ^{ns}	Mostrar de forma simplificada a expressão facial e corporal de “não saber”.

O uso de narrativas livres demanda muito tempo e trabalho para o processo de transcrição de dados e, ainda, corre-se o risco de não se encontrar, numa determinada enunciação, o ponto de interesse do pesquisador, conforme observa Leite (2008). Porém, o mesmo autor defende que este tipo de enunciação ocorre de maneira mais autêntica e não de acordo com os objetivos do pesquisador. Daí a sua relevância para os objetivos desta pesquisa.

Após a conclusão da transcrição e da tradução de cada vídeo, partimos para uma análise minuciosa dos sinais que poderiam trazer ambiguidade de sentido, como, por exemplo, no Vídeo (1)²⁴: AVIÃO ou aviãoIR; SENTAR ou CADEIRA.

Nosso procedimento de análise começa com uma consideração quanto ao contexto pragmático e à situação comunicativa em que o sinal é produzido. A seguir, partimos para a visualização do sinal em velocidade lenta e com várias pausas, a fim de verificar a existência ou não de algum elemento distintivo na constituição do sinal – em particular, a presença, ausência e natureza do movimento (ver capítulo 3). Após essa etapa, reproduzimos as imagens do sinal passo a passo, a fim de observar o desenvolvimento do sinal com base no registro estático de cada etapa da sua realização.

A finalidade dessas observações é alcançar conclusões acerca do parâmetro Movimento, inicialmente, mas também de outros traços estruturais que possam remeter à distinção entre Nomes e Verbos na libras. Em grande medida, o que se pôde constatar é que esta distinção também depende muito do contexto pragmático em que se insere o enunciado.

²⁴ A partir deste instante, passaremos a adotar as convenções de transcrição e notação recém apresentadas nesta seção, para referência aos dados da libras.

CAPÍTULO 2

A TIPOLOGIA LINGUÍSTICA E AS LÍNGUAS DE SINAIS

Este capítulo apresenta um panorama sobre as premissas e métodos da tipologia linguística e como as descobertas dessa linha de investigação têm se relacionado com a pesquisa sobre as línguas de sinais (LS). Iniciaremos com um breve histórico dos estudos tipológicos de modo geral e, na linguística, explanaremos as contribuições teóricas de Greenberg (1966). A seguir, apresentamos um histórico das LS e a relação da tipologia linguística com os estudos dessas línguas.

2.1 Histórico dos estudos tipológicos

O termo “tipologia” começou a ser empregado a partir do ano de 1886 nas áreas da teologia e da arqueologia. Nos estudos arqueológicos, havia uma investigação das semelhanças existentes em artefatos encontrados nas diferentes propriedades rurais, a fim de se identificarem as origens culturais do povo a quem pertenceram. Na teologia, o primeiro trabalho a utilizar-se da tipologia foi o de Patrick Fairbairn em 1845, *“The typology of scripture”*, o qual trouxe considerações a respeito das doutrinas e dos princípios da igreja cristã (GREENBERG, 1974).

Croft (1993) aponta que o termo “tipologia” é bastante usado no campo da biologia, num sentido mais geral de “taxonomia” ou “classificação”. Embora o uso da tipologia seja possível em várias áreas, é importante entender a diferença entre este uso mais comum e o uso deste termo dentro de uma análise linguística. No que diz respeito ao tratamento das línguas, a taxonomia aponta apenas as características pertencentes a cada língua a fim de classificá-la num determinado grupo, enquanto que a análise tipológica, por outro lado, busca entender o processo constitutivo de tais características, formando assim os universais da linguagem:

[...] tipologia no sentido linguístico é mais do que uma classificação de como as línguas diferem em sua estrutura. Uma descrição tipológica conduz a generalizações que delimitam o quanto as línguas podem variar; tais generalizações são universais da linguagem (CROFT 1993, p. 2)²⁵.

²⁵ Tradução nossa. No original: “[...] typology in the linguistic sense is more than a classification of how languages differ in their structure. A descriptive typology leads to generalizations that constrain how much languages can vary; those generalizations are language universals”.

Lehmann (1981) explica que a tipologia extrapola o trabalho da taxonomia, pois a análise taxonômica baseia seu trabalho numa seleção de características externas do objeto de estudo, e a tipologia busca estudar a constituição do seu objeto. O autor afirma que, na área da linguística, a taxonomia propõe “uma classificação das partes características do discurso, formas das palavras ou tipos de sons”²⁶ e a tipologia busca uma análise de princípios centrais da linguagem, como “a estrutura de uma sentença simples e seus constituintes, e processos, como regência, modificação e subordinação”²⁷ (LEHMANN, 1981, p. 5).

Apesar de Croft (1993) e Lehmann (1981) explicitarem esta diferença entre “taxonomia ou classificação” e “tipologia”, para Whaley (1997) existem duas definições de tipologia, no que se refere ao contexto da linguagem. De maneira geral, tipologia linguística é “a classificação das línguas ou de seus componentes baseada nas características formais partilhadas”²⁸ (p. 7). De um modo mais detalhado, para a autora, a tipologia linguística pode ser definida como uma comparação translinguística, uma classificação da língua ou de seus aspectos e ainda como uma investigação de traços formais da língua.

O caráter comparativo da tipologia linguística também se manifesta na linguística histórico-comparativa, cuja origem remonta ao trabalho de Sir William Jones em 1786, envolvendo a comparação entre os dados do Grego, do Latim e do Sânscrito. A diferença entre as duas abordagens é o objetivo de cada uma. Enquanto a linguística histórico-comparativa utiliza-se de um método comparativo para apresentar as relações genealógicas entre as línguas, a tipologia linguística procura trabalhar com a maior variedade possível de línguas, tanto no aspecto genealógico como no geográfico. Além disso, a linguística histórico-comparativa utiliza-se de estudos diacrônicos para atingir seus objetivos e a tipologia linguística utiliza-se de estudos sincrônicos (CROFT, 1993).

Segundo Greenberg (1974), o conceito “tipologia” foi introduzido na Linguística em 1928, pelos linguistas da Escola de Praga. Porém, antes disso já houve pesquisas linguísticas sobre características tipológicas das línguas, como por

²⁶ Tradução nossa. No original: “classification of characteristic parts of speech, or shapes of words, or kinds of sounds”.

²⁷ Tradução nossa. No original: “the structure of the simple sentence and its constituents, and processes like government, modification, and subordination”.

²⁸ Tradução nossa. No original: “the classification of languages or components of language based on shared formal characteristics”.

exemplo, a tipologia morfológica do século XIX. A tipologia morfológica na época era chamada de “classificação morfológica”, mas, apesar da diferença na terminologia, o autor afirma que ambas são correspondentes entre si e que podem ser consideradas como sinônimos.

Whaley (1997) afirma que os primeiros linguistas a proporem análises dentro do quadro da tipologia morfológica foram os alemães Friedrich von Schlegel e Wilhelm von Humboldt. O trabalho de ambos consistia em investigar o processo de formação de palavras, utilizando um esquema de categorização da língua. Este esquema quantificava e explicava sobre o uso da morfologia na formação de uma palavra. A partir da estrutura das palavras, a tipologia morfológica propôs uma divisão tripartida das línguas, consistindo em línguas isolantes ou analíticas, aglutinantes e fusionais ou flexivas.

Comrie (1989) define as línguas isolantes como as línguas que não têm modificações morfológicas, havendo uma correspondência entre palavras e morfemas. Para Robins (1981, p. 343), nas línguas isolantes, “as palavras são designadas em classes de palavras segundo suas diferentes funções sintáticas”, não apresentando marcas em sua estrutura morfológica e o exemplo mais típico deste tipo de língua, é a língua vietnamita, conforme apresentada no exemplo (2.1) a seguir (COMRIE, 1989, p. 43).

(2.1) *Khi tôi đến nhà bạn tôi, chúng tôi bắt đầu làm bài*
 when I come house friend I PL I begin do lesson²⁹
 When I came to my friend's house, we began to do lessons.
 ‘Quando eu vim à casa do meu amigo, começamos a fazer as lições.’

Percebe-se no exemplo (2.1) a invariabilidade de cada palavra, por exemplo, *tôi* é usado tanto para fazer referência a “eu” quanto a “meu”, sendo ainda usado para a primeira pessoa do plural. Porém, no plural, foi usada juntamente com *tôi* ‘1’ a palavra *chúng* ‘PL’. Há uma equivalência de cada palavra para cada morfema, com a exceção de *bắt đầu* ‘começar’, que utilizou dois morfemas, talvez tendo resultado de uma expressão que veio a se gramaticalizar como marcador aspectual.

²⁹ Adotamos para os exemplos expostos neste capítulo, a seguinte lista de abreviações: ASP ‘aspecto’; ATV ‘voz ativa’; AUM ‘aumentativo’; BEN ‘beneficiário’; CL ‘classe’; DSD ‘desiderativo’; IND ‘indicativo’; OD ‘objeto direto’; PL ‘plural’; PRS ‘presente’; PSD ‘passado’; SG ‘singular’; 1.SG ‘1ª pessoa do singular’; 3.SG ‘3ª pessoa do singular’; SUJ ‘sujeito’; TOP ‘tópico’.

As línguas aglutinantes permitem a concatenação de vários morfemas diferentes na palavra, sendo bastante nítida a divisão dos morfemas (cf. COMRIE, 1989). Robins (1981) considera o turco, o exemplo mais prototípico deste tipo de língua. Vejamos a seguir, a forma de ligação de morfemas no turco, conforme (2.2) (COMRIE, 1989, p. 44).

(2.2) Tipos de caso	Singular	Plural
Nominativo	<i>adam</i>	<i>adam-{\ar}</i>
Acusativo	<i>adam-{\i}</i>	<i>adam-{\ar-{\i}</i>
Genitivo	<i>adam-{\in}</i>	<i>adam-{\ar-{\in}</i>
Dativo	<i>adam-a</i>	<i>adam-{\ar-a}</i>
Locativo	<i>adam-da</i>	<i>adam-{\ar-da}</i>
Ablativo	<i>adam-dan</i>	<i>adam-{\ar-dan}</i>

No exemplo (2.2) do turco, há a ausência de afixos em *adam* 'homem' no singular e a presença do sufixo *-{\ar}* no plural. Para os tipos de marcação de caso temos a ausência de sufixos, para o caso nominativo, e a presença de sufixos específicos para cada um dos outros casos, como *-{\i}* para o acusativo, *-{\in}* para o genitivo, *-a* para o dativo, *-da* para o locativo e *-dan* para o ablativo. Os sufixos correspondentes a plural estão alocados sempre após a raiz *Adam* e por último os sufixos relativos aos casos.

O verbo *yabiguriye* da língua Kirundi (falada em Burundi, regiões adjacentes da Tanzânia, República Democrática do Congo e Uganda) também é um exemplo de aglutinação, onde cada morfema representa uma informação, conforme (2.3) a seguir (WHALEY 1997, p. 20).

(2.3) <i>y-a-bi-gur-i-ye</i>	<i>abâna</i>
SUJ.CL1-PSD-OD.CL8-comprar-BEN-ASP	crianças
'Ele os comprou para as crianças'	

Nas línguas flexivas ou fusionais, ocorre também a inserção de morfemas, porém, diferem-se das línguas aglutinantes porque, ao invés de cada morfema ser responsável por uma única informação, várias informações semânticas são

codificadas por um mesmo morfema, como afirma Comrie (1989, p. 44): “não existe essa fronteira clara entre morfemas, a característica de uma língua flexional é que a expressão de diferentes categorias dentro de uma mesma palavra se funde de modo a resultar em um único morfema indivisível³⁰”. O exemplo (2.4) é do latim (ROBINS, 1981, p. 343).

(2.4) *am-ō*

am-1.SG.PRS.IND.ATV

‘amo’

Greenberg (1974) relata que após a divisão tripartida da tipologia morfológica, houve o acréscimo de uma quarta classe, que são as línguas incorporantes ou polissintéticas. O autor aponta que o acréscimo foi feito por Wilhelm von Humboldt, que afirmava que as línguas incorporantes ou polissintéticas eram compostas por palavras equivalentes a sentenças.

Robins (1981) destaca que este quarto grupo de línguas não é de grande uso na tipologia linguística, pois não acrescenta nenhuma característica diferente à divisão tripartida apresentada anteriormente, apenas intensifica a quantidade de características apresentadas nas línguas aglutinantes e fusionais. Algumas línguas indígenas norte-americanas são exemplos de línguas incorporantes ou polissintéticas, assim como o esquimó, língua falada em partes da Sibéria, ilustrado em (2.5) (COMRIE, 1989, p. 45).

(2.5) *angya -ghlla -ng-yug -tuq*

barco-AUM adquirir -DSD -3.SG

‘Ele quer adquirir um barco grande.’

Robins (1981) menciona que a tipologia morfológica sofreu críticas de linguistas no final do século XIX e início do século XX e que seu trabalho de classificar as línguas nesta divisão tripartida muitas vezes generalizava as características de

³⁰ Tradução nossa, no original: “there is no such clear-cut boundary between morphemes, the characteristic of a fusional language being that the expression of different categories within the same word is fused together to give a single, unsegmentable morph.”

uma determinada língua, visto que muitas podem apresentar características das três classes, isolantes ou analíticas, aglutinantes e fusionais ou flexivas. O autor sugere então que essa divisão seja tratada como uma tendência e apresenta exemplos de isolamento, aglutinação e fusão na morfologia da língua inglesa, como apresentado no quadro (2.1) a seguir.

Quadro 2.1

*Exemplos de isolamento, aglutinação e fusão na língua inglesa*³¹

Isolamento	Aglutinação	Fusão
<i>since, from, as, when, seldom, now</i> 'desde, de, como, quando, raro, agora'	<i>cars, houses, cats</i> 'carros, casas, gatos'	<i>men, mice, geese, women</i> 'homens, ratos, gansos, mulheres'

No quadro (2.1) percebemos uma correspondência exata de morfemas e palavras em '*since, from, as, when, seldom, now*', sendo um exemplo de isolamento. Nos exemplos '*cars, houses, cats*', o morfema {s} é ligado aos morfemas lexicais 'car, house, cat', indicando plural e apresentando uma divisão nítida dos morfemas. Nos exemplos '*men, mice, geese, women*', não encontramos uma regularidade nos morfemas que indicam plurais e nem mesmo uma divisão clara entre os morfemas, porém conforme afirma Comrie (1981) esses tipos de exemplos são minoritários na língua inglesa, pois os processos morfológicos desta língua são predominantemente aglutinantes.

O enfoque generalizante utilizado na linguística morfológica visava estabelecer fundamentos padronizados nas línguas. Para isso, tanto Friedrich von Schlegel e Wilhelm von Humboldt, quanto seus contemporâneos, usavam argumentações oriundas da teoria inatista da linguagem. Um dos pressupostos básicos da teoria inatista, que é a capacidade natural de uma criança adquirir uma língua *independentemente de sua origem*, de certa forma, corroborou para o desprendimento das relações genealógicas das línguas até então predominantes na linguística histórico-comparativa. Além disso, tanto a teoria inatista quanto a tipologia morfológica, faziam uso de estudos sincrônicos e não diacrônicos, como fazia a linguística histórico-comparativa.

³¹ Adaptado de Robins (1981, p. 342-343).

Os linguistas da tipologia morfológica partiam da premissa, contida na teoria inatista, de que a linguagem e a mente humanas são indissociáveis, para justificarem as semelhanças e também as diferenças entre as línguas. As línguas seriam equiparadas a uma unidade orgânica: assim como os organismos têm um ciclo vital – nascem, desenvolvem-se e morrem – as línguas também seriam caracterizadas por este ciclo.

As línguas nascem a partir de seus falantes, desenvolvem-se arraigadas à cultura destes, refletindo os seus hábitos e modo de vida. As semelhanças entre as línguas são explicadas pela semelhança também existente na estrutura mental humana e as diferenças existentes são justificadas pelas diferenças de estruturas mentais de seus falantes. As diferenças encontradas nas estruturas das línguas serviam de argumento para julgarem as línguas como superiores e inferiores.

O nível de civilização de um povo era julgado de acordo com o nível de estrutura de sua língua, havia a crença de que “cada língua é uma revelação distinta do espírito”³² e de que “todas as línguas são completas, mas nem todas são perfeitas”³³ (GREENBERG, 1974, p. 38). O alemão, o latim, o sânscrito e o grego eram considerados pela maioria dos linguistas da época como línguas superiores, pois, além de serem as línguas que aprenderam na infância, eles julgavam a estrutura das mesmas superiores. Havia a crença em dois grupos de línguas, as complexas e as simples, pois para eles as línguas flexionais eram consideradas mais complexas em sua forma, portanto superiores.

Os linguistas modernos não concordavam com a postura etnocêntrica adotada, pois para eles não existiam línguas superiores e inferiores, mas sim diferentes. Sapir (1971) chega a afirmar que esta atribuição de superioridade e inferioridade das línguas é um trabalho anticientífico, pois tinha como base a predileção, e que toda língua tem uma estrutura própria e complexa.

As pesquisas estruturalistas contribuíram de forma relevante para a caracterização da tipologia linguística. Os estudos estruturalistas buscavam identificar as características individuais das línguas, porém sem levarem em consideração ou sem almejarem um entendimento acerca das relações genealógicas existentes entre elas, diferentemente das pesquisas desenvolvidas no quadro teórico da linguística histórico-comparativa.

³² Tradução nossa, no original: “each language is a distinct revelation of the spirit”.

³³ Tradução nossa, no original: “All languages are complete but not all are perfect”.

A partir das características individuais encontradas nas línguas, tanto as pesquisas estruturalistas como as pesquisas tipológicas, traçaram seus universais. A diferença entre as pesquisas estruturalistas e as pesquisas de tipologia linguística é que as pesquisas estruturalistas buscavam traçar seus universais baseando-se em características abstratas de aquisição da linguagem, enquanto que a tipologia linguística traçava seus universais baseando-se em aspectos estruturais existentes numa ampla variedade de línguas. Além disso, as análises estruturalistas não se preocupavam com uma ampla variedade de línguas, pois partiam da premissa teórica de que os universais da linguagem eram provenientes de uma capacidade inata da linguagem (COMRIE, 1989).

2.2 A teorização de Greenberg

Na segunda metade do século XX, o linguista Joseph Greenberg propôs a enumeração dos universais linguísticos e uma caracterização mais detalhada dos aspectos teórico-metodológicos desse campo de investigação.

O estudo sobre os universais, conforme se vê na literatura linguística, apoia-se alternativamente em dois procedimentos metodológicos: o hipotético-dedutivo e o predominantemente indutivo. O procedimento metodológico hipotético-dedutivo baseia-se na abordagem inatista da linguagem e investiga estruturas abstratas atribuídas ao módulo da linguagem supostamente existente na mente humana. Em contrapartida, o procedimento metodológico predominantemente indutivo busca uma análise a partir de dados empíricos de uma variedade de línguas, levando em consideração aspectos estruturais e, conforme afirma Comrie (1989, p. 34), o objetivo é “estabelecer limites na variação dentro da linguagem humana”³⁴. Este último procedimento foi o que permaneceu na tipologia linguística contemporânea, a qual, diante de uma variedade de línguas, pôde apontar dados que superavam a tipologia morfológica do século XIX.

A análise empírica de uma variedade de línguas é ponto de partida para o apontamento dos universais linguísticos, os quais apresentam uma tripla divisão das possibilidades da linguagem humana em: a) propriedades necessárias; b) propriedades impossíveis; c) propriedades possíveis, mas não necessárias. Diante

³⁴ Tradução nossa, no original: “to establish limits on variation within human language”.

destas possibilidades da linguagem humana, os universais podem ser divididos basicamente em absolutos e tendências. Tanto os universais absolutos quanto as tendências podem ser implicacionais e não-implicacionais (COMRIE, 1989).

Os universais absolutos não-implicacionais são aqueles considerados compatíveis com todas as línguas; caso ocorra uma única língua que não compartilhe de tal universal, este perde seu *status* de universal absoluto, passando a ser considerada uma tendência estatística. Whaley (1997, p. 32) afirma que os universais absolutos “refletem algo sobre a natureza essencial da linguagem”³⁵, por exemplo, a existência em todas as línguas de consoantes e vogais, da distinção entre Nome e Verbo e de mecanismos para elaboração de perguntas.

Os universais absolutos implicacionais são aqueles que envolvem duas características distintas de uma língua, formando uma relação de dependência entre elas. Comrie (1989, p. 19) apresenta como exemplo de universal absoluto implicacional a seguinte declaração “se uma língua tem primeira e segunda pessoas reflexivas, então ela tem terceira pessoa reflexiva”³⁶.

Sobre as tendências não implicacionais, Whaley (1997) explica que, embora sejam admitidas as exceções³⁷, as propriedades em questão precisam estar presentes num número significativo de línguas. A existência da vogal [i], e de adjetivos, e ainda o emprego de entonação ascendente para sentenças interrogativas, mesmo não sendo universais absolutos, estão presentes em aproximadamente 90% das línguas. Outra característica das tendências não-implicacionais é que elas remetem a apenas um traço da língua.

As tendências implicacionais envolvem duas características distintas nas línguas, na qual a primeira característica tem uma grande probabilidade de desenvolver outra característica, como por exemplo, “se uma língua tem SOV como ordem básica na oração, provavelmente terá posposição”³⁸ (COMRIE, 1989, p. 19).

Na década de 60, Greenberg desenvolveu um trabalho que é considerado o artigo seminal da teoria da tipologia linguística : “*Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements*”. Esse artigo contém uma

³⁵ Tradução nossa, no original: “they reflect something about the essential nature of language”.

³⁶ Tradução nossa, no original: “if a language has first/second person reflexives, then it has third person reflexives”.

³⁷ Whaley (1997) nomeia as tendências não implicacionais de tendências estatísticas.

³⁸ Tradução nossa, no original: “if a language has SOV basic word order it will probably have postpositions”.

análise da tipologia sintática e morfológica de trinta línguas pertencentes a diferentes famílias e áreas geográficas. Greenberg (1966)relata que a preocupação em formar um *corpus* com uma considerável variedade genética e geográfica é justificada por dois propósitos: uma maior validade dos universais e uma noção da relação entre as gramáticas dos diferentes tipos de língua.

Greenberg (1966) traçou quarenta e cincouniversais linguísticos (anexo A) encontrados no seu *corpus* de pesquisa, os quais são divididos em três grupos: a) tipologia de ordem básica de palavras; b) universais sintáticos; c) universais morfológicos.

Greenberg (1966) traçou sete universais³⁹ na tipologia de ordem básica de palavras tendo quatro critérios empregados: a existência de preposições e posposições; a ordem do sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) em sentenças declarativas; a posição dos adjetivos com relação ao Nome; a ordem do genitivo. Existem seis ordens básicas: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV e OVS, porém geralmente ocorrem como dominantes apenas as ordens: SVO, SOV, VOS. As ordens VOS, OSV e OVS são extremamente raras nas línguas do mundo.

Os universais sintáticos são distribuídos em dezoito universais⁴⁰, tendo diversos parâmetros, como: sentenças interrogativas (palavras específicas e entonação); a relação entre verbos subordinados e verbos principais; auxiliares de flexão; posição de Nome, adjetivos, numerais, demonstrativos, advérbios, expressões relacionais, pronomes; a relação entre nomes próprios e comuns.

Os universais morfológicos são distribuídos em vinte universais⁴¹,tendo como critérios as formas de marcas de flexão e os sistemas de caso. Os vinte universais morfológicos contêm detalhes bem mais minuciosos que uma simples classificação das línguas, como a tipologia morfológica do século XIX havia proposto.

Lehman (1981) menciona que os estudos dos universais linguísticos são de extrema importância para o estudo da linguística de um modo geral, pois além de apontarem características ou tendências apresentadas pelos falantes, contribuíram para as reflexões de pesquisa de vários outros grandes linguistas, como por exemplo, as de Sapir (1921).

³⁹ Anexo A, itens (1-7).

⁴⁰ Anexo A, itens (8-25).

⁴¹ Anexo A, itens (26-45).

2.3 Histórico das línguas de sinais

As pesquisas linguísticas dedicadas às LS tiveram início a partir do trabalho seminal de William C. Stokoe, *Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf*, na década de 1960. À época, o linguista estadunidense se ocupou da tarefa de comprovar o *status* verdadeiramente linguístico da língua de sinais americana (ASL), demonstrando que aquele código atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua natural, no que dizia respeito ao léxico, à sintaxe e à capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.

Stokoe (1960)⁴² foi o primeiro a observar que os sinais não eram meras imagens aleatórias, mas símbolos abstratos complexos, constituídos de uma estrutura interna. As pesquisas iniciais de Stokoe deram início a uma linha de investigação bastante produtiva. Atualmente, pesquisas sobre as línguas de sinais (LS) em todo o mundo continuam sendo desenvolvidas, muitas das quais com o objetivo de descrever, analisar e atestar o *status* linguístico da LS, desfazendo assim antigos mitos existentes com relação a esta modalidade de língua, tais como os elencados abaixo, a partir das observações de Quadros e Karnopp (2004):

- i. A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.

Quadros, Pizzio e Campello (2009) apontam a existência da crença errônea de que os sinais são simplesmente gestos limitados à representação de algo concreto, enquanto as ideias são pertencentes ao campo abstrato. Apesar da modalidade visogestual apresentar uma forte propensão à iconicidade, as autoras afirmam que nem todos os sinais possuem uma relação direta entre sua forma e seu significado, e dão como exemplo os seguintes sinais da libras: AMIGO, CONHECER, TRABALHO, ilustrados nas figuras (2.1 - 2.3) a seguir.

⁴² Segunda edição, 2005.

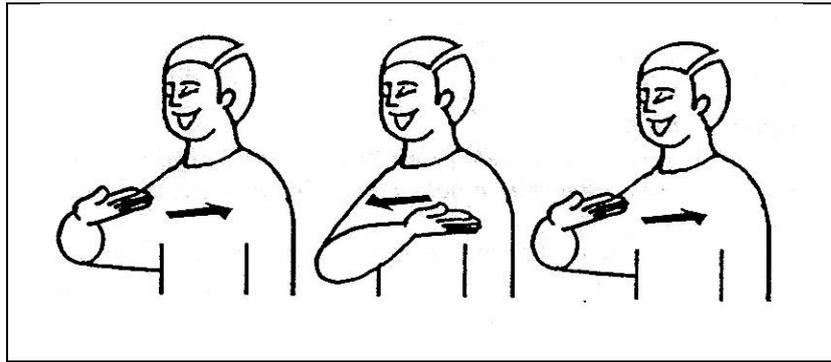


Figura 2.1: Sinal AMIGO⁴³

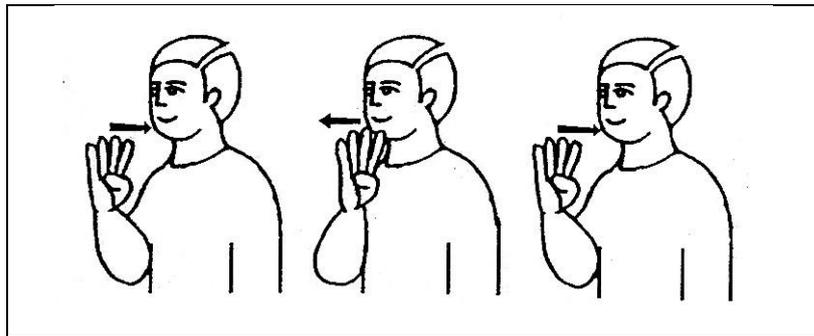


Figura 2.2: Sinal CONHECER⁴⁴

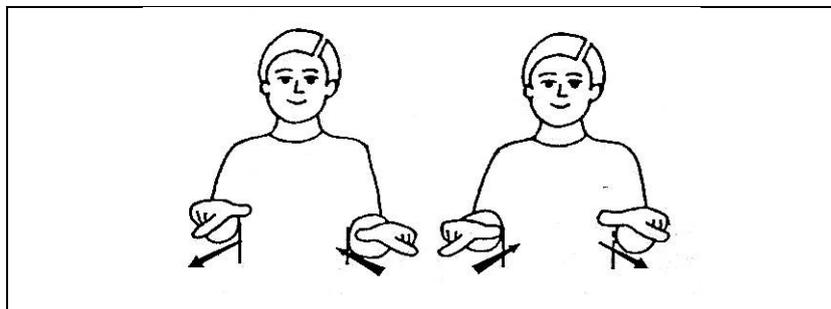


Figura 2.3: Sinal TRABALHAR⁴⁵

No ano de 1975, Hoemann selecionou cem sinais da ASL e mostrou-os a cinquenta e dois ouvintes desprovidos de qualquer conhecimento de LS, a fim de verificar a relação direta entre a forma e o significado dos sinais. O resultado obtido deste experimento foi que apenas 30% dos sinais selecionados apresentavam uma semelhança entre a forma e o significado (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Os sinais das LS possuem a mesma arbitrariedade que as palavras das LO e a mesma capacidade de expressar ideias abstratas, sendo possível discutir sobre qualquer assunto por meio de línguas sinalizadas tanto como em qualquer outra

⁴³ Retirado de Capovilla e Raphael (2001, p. 189).

⁴⁴ Retirado de Capovilla e Raphael (2001, p. 449).

⁴⁵ Retirado de Capovilla e Raphael (2001, p. 1263).

língua humana. A modalidade da língua não é fator de impedimento para a comunicação sobre determinado assunto, pois, como afirma Robins (1981), a língua é ou se torna adequada para a necessidade comunicativa de seus falantes. O fator determinante para tornar a comunicação possível será a experiência vivenciada por seus interlocutores. É possível discutir em LS tanto sobre coisas concretas como sobre temas abstratos. As figuras (2.4-2.7) a seguir representam exemplos da expressão sinalizada de conceitos abstratos, como religião, política, psicologia, filosofia, em libras.

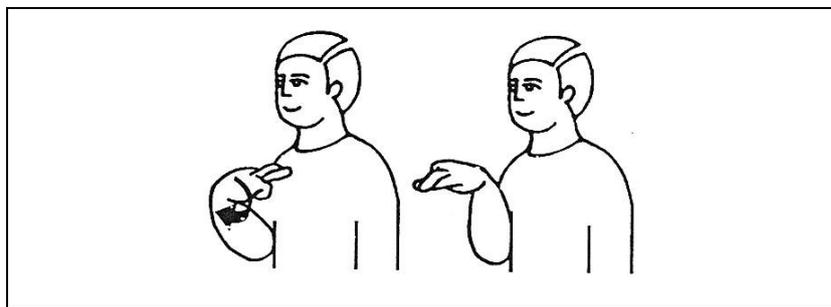


Figura 2.4: Sinal RELIGIÃO⁴⁶

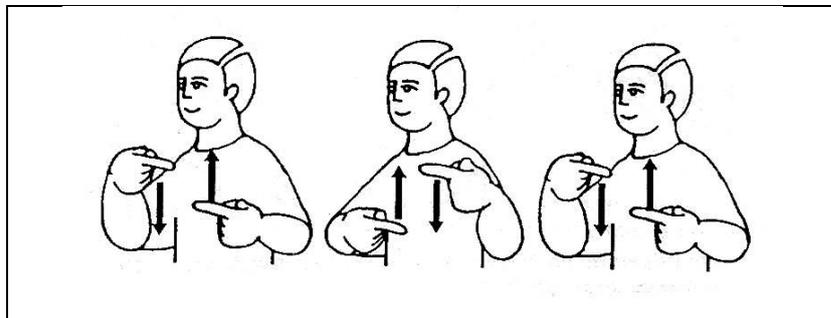


Figura 2.5: Sinal POLÍTICA⁴⁷

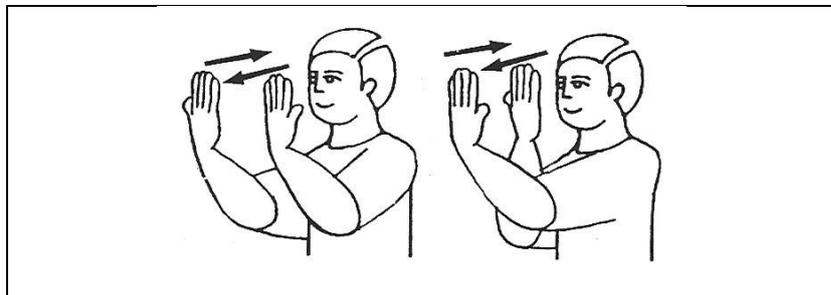


Figura 2.6: Sinal PSICOLOGIA⁴⁸

⁴⁶ Retirado de Capovilla e Raphael (2001, p. 1131).

⁴⁷ Retirado de Capovilla e Raphael (2001, p. 1055).

⁴⁸ Retirado de Capovilla e Raphael (2001, p. 1093).

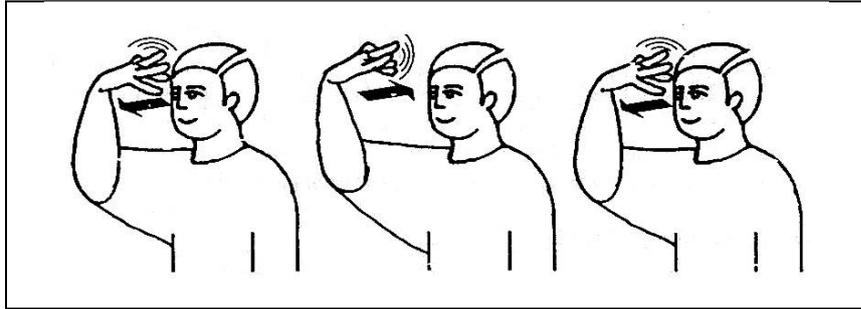


Figura 2.7: Sinal FILOSOFIA⁴⁹

- ii. Haveria uma língua de sinais única e universal usada por todas as pessoas surdas.

Fatores geográficos, culturais e linguísticos influenciam na determinação e mudança histórica do sinal, tal como ocorre na palavra falada. Por isso, cada país apresenta sua respectiva LS. Robins (1981) afirma que as necessidades dos falantes sofrem a interferência do aspecto temporal e também da localização.

Cada língua deve ser ou tornar-se adequada para as necessidades e meios de seus falantes em qualquer tempo, e, por conseguinte, os vocábulos variam de **lugar para lugar** e de **tempo para tempo** em sua riqueza relativa ou escassez de termos lexicais em diferentes campos ou categorias semânticas (ROBINS, 1981, p. 348, grifo nosso).

Quadros e Karnopp (2004) falam sobre pesquisas realizadas com a participação de surdos nativos de dezessete países diferentes, demonstrando a falta de compreensão entre os usuários de diferentes LS. As autoras exemplificam o sinal NÃO em libras para comprovarem a diferença existente entre esta e outras LS do mundo. Embora o sinal NÃO em libras seja bastante icônico, o mesmo sinal apresenta significado diferente na LS dos Estados Unidos, conforme ilustra a figura (2.8).

⁴⁹Retirado de Capovilla e Raphael (2001, p. 669).

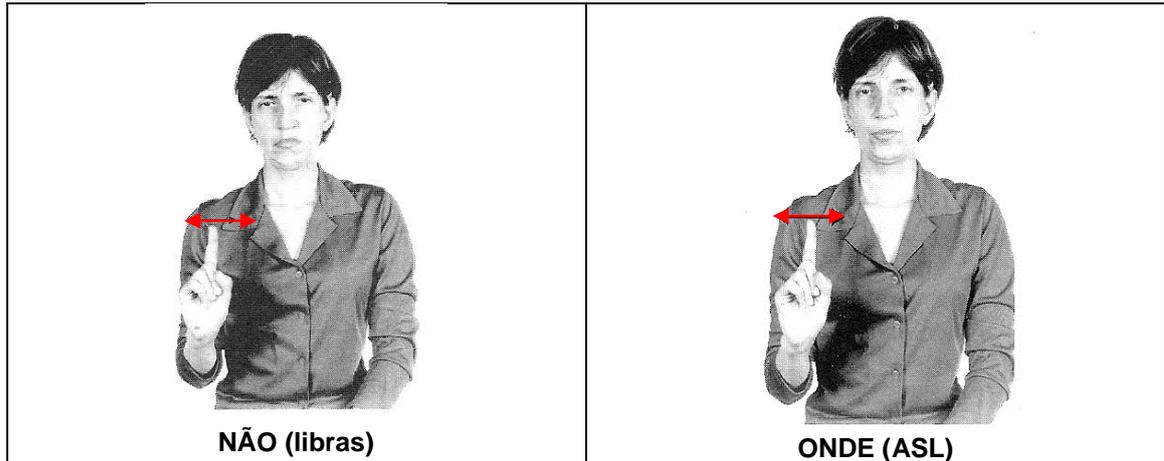


Figura 2.8: Sinal NÃO (libras) e ONDE (ASL)⁵⁰

Viotti (2008) e Stokoe (1960) defendem que mesmo os sinais que possuem iconicidade podem não ser previsíveis, pois estes passam pela convenção conceptual de cada povo. Por exemplo, diferentes partes de um objeto podem ser selecionadas para representar aquele conceito em línguas distintas, sem, contudo, perder seu aspecto icônico apesar da diferença no sinal.

Na figura (2.9) temos o exemplo do sinal OVELHA na ASL e na libras. Em ambas as LS o sinal OVELHA apresenta características icônicas, embora se trate de sinais diferentes. Como se vê nos exemplos, na ASL, a parte selecionada para representar o conceito foi a tosa do pelo do animal, enquanto em libras, a parte selecionada foram os chifres curvos do animal.



Figura 2.9: Sinal OVELHA⁵¹

⁵⁰ Adaptado de Quadros e Karnoop (2004, p. 32).

⁵¹ Os sinais de OVELHA foram retirados dos seguintes dicionários virtuais – ASL: <<http://lifeprint.com/dictionary.htm>>, libras: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>>.

- iii. Haveria uma falha na comunicação gramatical da língua de sinais, sendo esta um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais.

As línguas sinalizadas são independentes das línguas faladas. A comprovação dessa independência se percebe pelo fato de existirem países onde se fala uma mesma LO, mas onde se utilizam diferentes LS. No Brasil e em Portugal, a LO oficial é a língua portuguesa (LP), porém os dois países possuem LS distintas – libras e língua gestual portuguesa (LGP).

A estrutura gramatical das LS não é subordinada às das línguas orais. Pesquisas demonstram que as LS não são um apanhado de gestos sem princípio organizacional, mas consistem de uma configuração sistêmica de certa modalidade linguística, exibindo, portanto, estrutura gramatical própria (FERREIRA-BRITO, 1995; FELIPE; MONTEIRO, 2007; GESSER, 2009; QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS, 2007; QUADROS; PIZZIO; CAMPELLO, 2009; SANDLER; LILLO-MARTIN, 2009; ZESHAN, 2002).

Se a estrutura gramatical das LS fosse subordinada ou inferior à estrutura gramatical das LO, seria bastante fácil o aprendizado de uma LS. Para um ouvinte falante de língua portuguesa (LP), por exemplo, bastaria memorizar um montante de sinais da libras e combiná-los obedecendo à estrutura da LP, ou até mesmo aleatoriamente – o que de fato não ocorre. Quadros, Pizzio e Campello (2009) ressaltam que as LS são regidas por regras próprias e que os sinais não podem ser dispostos de modo aleatório.

Podemos citar como exemplo da diferença gramatical entre a libras e a LP, o verbo “cair”. Na LP usamos o mesmo item lexical para comunicarmos que um objeto caiu, ou que uma pessoa caiu, enquanto que em libras o item lexical dependerá da natureza ou da forma que o referente tem, conforme exposto na figura (2.10).



Figura 2.10: Sinal CAIR⁵²

⁵² Adaptado de Castro e Carvalho(2005, p. 35).

- iv. A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.

Pesquisas realizadas por Klima e Bellugi (1979 apud QUADROS; KARNOPP, 2004) mostraram que poesias, piadas, trocadilhos, jogos, entre outros, fazem parte dos hábitos interacionais dos surdos, não havendo limitações práticas para uma conversa expressa na modalidade visogestual. Os fatores que podem influenciar numa conversa em línguas de sinais são os mesmos observados nas línguas orais: memória, experiência, conhecimento de mundo e inteligência.

A expansão lexical nas LS ocorre paralelamente à maior aceitação dessas línguas em diferentes contextos sociais, como em ambientes escolares, por exemplo. Esse desenvolvimento lexical das LS pode ser comprovado nos Estados Unidos e no Canadá, países tradicionalmente comprometidos com o desenvolvimento de atividades voltadas para a comunidade surda.

- v. As línguas de sinais derivaram da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.

Este mito advém de uma concepção que perdurou por longos anos, e perdura ainda hoje, de que a linguagem está necessariamente associada à oralidade. Porém, como visto anteriormente, as LS são independentes das LO, apresentam todos os elementos classificatórios identificáveis de uma língua, têm estruturas gramaticais próprias, são reconhecidas linguisticamente como uma nova modalidade de expressão linguística e seu aprendizado demanda tempo e prática, como em qualquer outra língua.

- vi. As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.

Bellugi e Klima (1990 apud QUADROS; KARNOPP, 2004) realizaram pesquisas com surdos portadores de lesões cerebrais. Os resultados mostraram que as LS apresentam um processamento mais complexo do que as línguas faladas. Além de se constatar que as LS são processadas linguisticamente no hemisfério esquerdo, da mesma forma que as línguas faladas, as LS são também processadas no hemisfério direito, devido à sua especificidade espacial.

As pesquisas linguísticas das LS foram de suma importância para desfazer os mitos que envolvem essas línguas e conseqüentemente trazer benefícios para a comunidade surda, pois ao longo da história da civilização ocidental, os surdos sofreram atos de extrema violência – linguística, psicológica, ideológica e até mesmo física – devido a uma valorização extrema da oralidade, chegando ao ponto de serem proibidos de utilizarem a comunicação gestual.

Lourenço e Barani (2011) mencionam que os surdos foram vítimas de diferentes atitudes em diferentes sociedades, em diferentes momentos da história. Como exemplos, os autores citam o abandono de surdos em praças públicas ou nos campos, em Atenas; em Esparta, eles eram atirados de rochedos; e, em Roma, eram lançados ao Rio Tiber. Por mais que cada sociedade tenha uma motivação fundamentada na sua cultura, as atitudes demonstram uma forte violência contra o surdo.

Embora a introdução da Filosofia tenha suscitado estudos relacionados à mente e à consciência, o surdo continuou sem o direito de exercer sua cidadania. A privação social sofrida pelo surdo tinha embasamento na afirmação de Aristóteles, de que, “[...] de todas as sensações, é a audição que contribui mais para a inteligência e o conhecimento, portanto, os nascidos surdos se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão” (LOURENÇO; BARANI, 2011)⁵³.

Na Idade Média o surdo era considerado obra demoníaca e, segundo afirmam as autoras, "milhares de Surdos e demais pessoas com deficiência, por não passarem pelo exorcismo, foram queimadas na 'fogueira da inquisição', para purificar suas almas" (LOURENÇO; BARANI, 2011).

⁵³ Apesar de haver citações diretas de Lourenço e Barani (2011), não houve indicação de páginas, conforme orienta a Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), por ser um material digitalizado, disponibilizado em página única da internet. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=591>>. Acesso em: 02 abr. 2013.

Strobel (2006), ao comentar sobre o livro "História da Loucura", de Foucault, declara que o modelo médico e valores éticos e morais do século XIV até o século XVII tinham um poder de influência muito grande sobre as práticas sociais, excluindo da sociedade as pessoas não desejadas. Assim como outros sujeitos, os surdos viviam em situações de isolamento, ficando presos em celas, cadeias, asilos, hospitais ou então sendo usados como escravos. Posteriormente, os surdos foram vistos como merecedores de piedade e atitudes de exterminação ou isolamento foram substituídas por atitudes de inclusão em atividades religiosas e manuais, porém a exclusão de atividades intelectuais ainda prevalecia.

A preocupação com a educação de surdos começou a partir do século XVI. Por várias partes do mundo, professores se utilizavam de comunicação gestual para ensinar aos surdos. Em 1880 aconteceu em Milão um congresso internacional com o objetivo de discutir qual a melhor forma de se ensinar para o surdo, vencendo o método oralista, o qual predominou por aproximadamente cem anos. Albres (2005) declara que os avanços tecnológicos contribuíram bastante para o fortalecimento do método oralista. De acordo com Albres (2005, p. 21), o método "manualista" era assim denominado por envolver o uso das mãos para a produção dos sinais, enquanto que aquele que se ocupava especificamente do ensino da fala para os surdos era chamado o método "oralista".

O avanço dos estudos médicos sobre a surdez trouxe uma categorização dos surdos conforme os diferentes graus de surdez, de 'surdos leves' a 'surdos profundos'. Em decorrência da sua dificuldade em ouvir e falar, os surdos foram considerados mais uma vez doentes e deficientes. No século XIX, devido à visão assistencialista da sociedade, os surdos eram entregues às instituições para viverem em regime de internato, revelando mais uma vez a mentalidade de que os indesejados deveriam ser removidos do convívio social.

No Brasil, a primeira instituição para surdos foi fundada no ano de 1856 pelo surdo francês Ernest Huet, na cidade do Rio de Janeiro, com o apoio do Imperador Dom Pedro II. Trata-se do atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (ROCHA, 2007). A partir desse primeiro esforço, no século XX, a sociedade começou a se preocupar com a inclusão do surdo no convívio social. Em 24 de maio de 1913, foi fundada a primeira associação de surdos no Brasil, também sediada na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente no Brasil existem mais de cem associações ou instituições afins, segundo Macedo (2005).

Apesar de as pesquisas linguísticas contribuírem para a desmistificação de crenças errôneas a respeito das LS, tais estudos ainda são relativamente recentes e de pouca abrangência. No Brasil, a libras foi reconhecida legalmente como meio de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras há pouco mais de uma década, através da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), sendo regulamentada pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005).

Embora os estudos referentes à surdez e à libras tenham adquirido um espaço bastante significativo desde os anos 80, ainda existe uma carência de estudos tipológicos relacionados às LS, conforme afirmam Pizzio (2011) e Zeshan (2002, 2008).

2.4 A tipologia linguística e as línguas de sinais

Apesar de a tipologia linguística ter, desde o seu surgimento, a preocupação de “avaliar as diferenças e semelhanças entre as línguas [...] e a busca por universais da linguagem” (ZESHAN, 2008, p. 34), a sua contribuição para a linguística é bem mais abrangente, conforme citação a seguir:

Além de sua relevância para o estudo dos universais, os estudos tipológicos, segundo Seki (1983, p. 47-49), têm também contribuído para a Linguística sob vários outros aspectos. As diversas teorias linguísticas, por exemplo, têm se beneficiado direta ou indiretamente das análises tipológicas que, identificando fatos não previstos pelas teorias, provocam frequentemente, a sua reformulação. A tipologia contribui também para a descrição das línguas, especialmente aquelas pouco documentadas, pois permite ao pesquisador prever estruturas e confrontar seus dados com parâmetros universais. Da mesma forma, o linguista orientado para estudos diacrônicos encontra na tipologia um quadro de referência valioso para a reconstrução de línguas (MAIA, 1986, p. 19).

Sendo a variedade de línguas um fator extremamente relevante para a prática da tipologia linguística, os estudos sobre línguas pouco conhecidas podem contribuir para o registro e divulgação de seus aspectos gramaticais. Contudo, conforme afirma Zeshan (2002), o acesso a essas descrições, especialmente das LS, ainda é um desafio para a tipologia linguística.

Um dos fatores que dificultam a documentação e as análises descritivas das LS é a especificidade da sua modalidade. Ainda não existe um sistema padronizado ou amplamente divulgado de escrita e de transcrição de LS, embora haja

algumas propostas. Além disso, Pizzio (2011) afirma que as pesquisas linguísticas sobre LS são muito recentes e escassas em comparação às das línguas faladas.

Zeshan (2008) supõe que os tipologistas de LO não se sentem capacitados para trabalharem com dados de LS. Ao mesmo tempo, o autor declara que a maioria dos pesquisadores de LS desconsidera a abordagem tipológica da linguística para desenvolver seus trabalhos. Os estudos linguísticos sobre as LS são novos e poucos em comparação aos estudos linguísticos das LO, e geralmente os linguístas focam seus estudos em apenas uma das duas áreas: ou em tipologia linguística ou em análise de LS.

Pizzio (2011) revela que a carência em relação à tipologia linguística das LS não se refere apenas aos estudos comparativos (entre duas ou mais línguas), mas também a trabalhos descritivos que sejam capazes de desenvolver uma análise livre da influência de análises de LO ou até mesmo de outras LS.

Sob outro aspecto, as LS são utilizadas por determinadas comunidades surdas que partilham do mesmo território que as pessoas ouvintes. A comunidade surda é geralmente menos populosa (e tipicamente mais descontínua) do que a comunidade ouvinte, logo as LS terão grande chance de sofrerem influência das LO em níveis variados. Nascimento (2010, p. 21) afirma que “os empréstimos linguísticos podem ser decorrentes do contato de línguas, seja físico, por coexistência espacial, seja cultural, pelo acesso a livros estrangeiros, filmes, relações comerciais, enfim importação de produtos e cultura”. A autora argumenta que os empréstimos são mecanismos necessários para suprir a falta de vocabulários de uma língua e que nas LS esses empréstimos são predominantemente oriundos das LO.

Nesse contexto, Zeshan (2002) apresenta como possíveis fases na criação desses sinais: (i) a expressão datilológica do item conceitual emprestado da LO; (ii) a soletração rítmica⁵⁴ desse item; (iii) o uso da configuração de mão correspondente à primeira letra da palavra na LO, para compor o sinal; (iv) troca da configuração de mão original e inserção de um novo valor semântico. As figuras (2.11 - 2.13) ilustram algumas das fases do processo de criação de sinais oriundos de empréstimo propostas por Zeshan (2002).

⁵⁴ Segundo Felipe e Monteiro (2007), soletração rítmica é a soletração de uma palavra da LP por meio das configurações de mãos do alfabeto manual, porém tendo incorporações de movimentos da libras, podendo ou não haver omissões de letras da palavra original. As figuras 2.11 e 2.12, além de apresentarem exemplos de soletração rítmica, apresentam ainda exemplos de apócope, pois em ambos os exemplos houve omissão de letras.

Em (2.11), há a transposição das letras da LP pelas configurações de mãos da libras⁵⁵ para a expressão do sinal NUNCA (1); este sinal já não é tão usado atualmente pela comunidade surda como é o sinal NUNCA (2), que é composto por uma soletração rítmica e não mais pela transposição das letras.

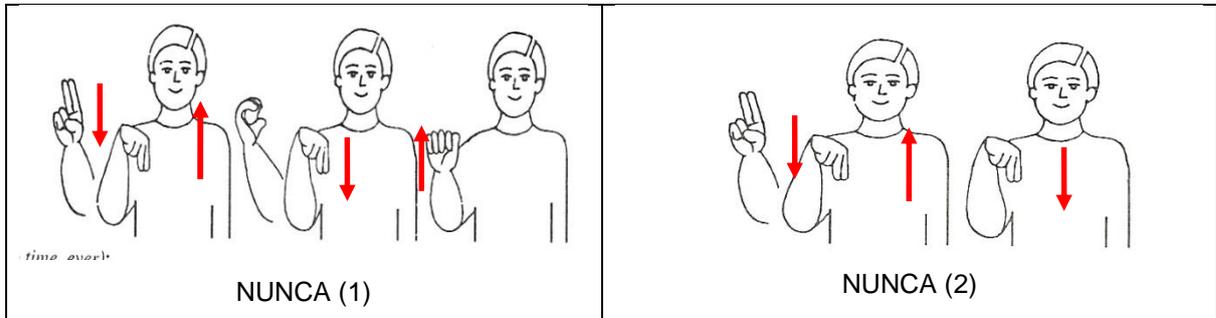


Figura 2.11: Sinais NUNCA⁵⁶

Em (2.12), o sinal CHOPP exemplifica a soletração rítmica. E em (2.13) já se observa que o sinal não emprega mais a mesma configuração de mão da palavra em LP; em vez disso, se expressa iconicamente através do formato que a mão toma ao segurar o copo de chopp, tornando-se assim numa versão bem mais icônica.

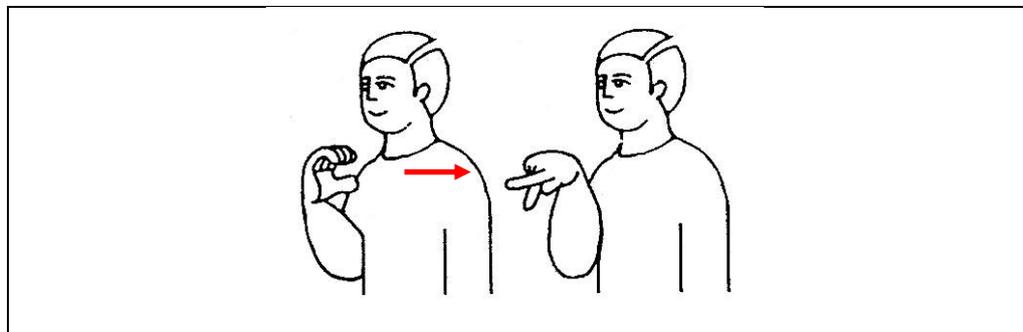


Figura 2.12: Sinal CHOPP⁵⁷



Figura 2.13: Sinal CHOPP⁵⁸

⁵⁵ Este processo é usualmente chamado de datilologia.

⁵⁶ Adaptado de Capovilla e Raphael (2001, p. 964).

⁵⁷ Adaptado de Capovilla e Raphael (2001, p. 404).

⁵⁸ Sinal retirado do dicionário virtual: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>>

Apesar dos vocábulos emprestados das LO, vários estudos buscam demonstrar uma equidade de funcionamento entre LS e LO, na tentativa de comprovar o status de língua natural das LS. Existe uma preocupação excessiva em demonstrar que tudo o que já foi comprovado cientificamente acerca das LO pode se aplicar também às LS, ignorando assim possíveis questionamentos teóricos suscitados por particularidades específicas da modalidade sinalizada (LEITE, 2008). Sandler e Lillo-Martin (2009) alertam que, embora vários aspectos das LS sejam compartilhados pelas LO, há algumas questões linguísticas que são próprias da modalidade visogestual.

O fato de as pesquisas sobre LS terem se iniciado nos Estados Unidos fez com que os estudos sobre a ASL se tornassem referência para a análise de outras LS, frequentemente ocorrendo uma transposição de categorias de análise (ver FELIPE, 2006). Contudo, apesar de as diferentes LS pertencerem a uma mesma modalidade, não compartilham necessariamente dos mesmos aspectos linguísticos, pois são distintas entre si.

A possibilidade de se aplicar os princípios da tipologia linguística à pesquisa sobre as LS representa uma oportunidade de se confrontar o conhecimento tipológico construído nas últimas décadas acerca das línguas do mundo, naquilo que diz respeito à sua variabilidade e unidade. O fortalecimento das pesquisas de orientação tipológico-funcional acerca das LS proporcionará vantagens tais como a ampliação da documentação dessas línguas; a possibilidade de se construir uma teoria de variação e mudança sobre LS; a reavaliação dos universais linguísticos; e a avaliação das particularidades relativas à modalidade visogestual, bem como, as consequências disso sobre a natureza do código.

CAPÍTULO 3

AS CATEGORIAS LEXICAIS NOME E VERBO EM LÍNGUAS ORAIS E EM LÍNGUAS DE SINAIS

Este capítulo apresenta uma discussão sobre as categorias lexicais Nome (N) e Verbo (V) nas línguas do mundo. Na primeira seção, relatamos sobre as discussões acerca de N e V em línguas orais sob a perspectiva tipológico-funcional, levando em conta preceitos da gramática cognitiva. A segunda seção oferece um panorama de estudos realizados acerca dessas categorias, inclusive sob a perspectiva tipológico-funcional, em línguas de sinais.

3.1 As categorias Nome e Verbo em línguas orais (LO)

A definição de categorias lexicais em termos de noções semânticas do tipo “N designa pessoa, coisa ou lugar” e “V designa ação”, comum nas gramáticas tradicionais, foi alvo de crítica por parte de linguistas, especialmente a partir da segunda metade do século XX, devido ao fato de serem consideradas demasiadamente simplistas e subjetivas, incapazes assim de prever toda a gama de elementos pertencentes à categoria. Para esses autores, uma definição adequada das categorias lexicais só poderia ser alcançada em termos de suas propriedades estruturais.

Com o amadurecimento das teorias linguísticas de base semântica, contudo, passou-se a observar que uma definição de categorias lexicais em termos de traços semânticos mais gerais não só era possível, como teoricamente plausível. Dentro dessa concepção, diferentes modelos buscaram aperfeiçoar os conjuntos de traços semânticos definidores das categorias, paralelamente ao desenvolvimento das ideias de que (a) as categorias linguísticas mais centrais (mais necessárias e mais recorrentes) podem ser entendidas em termos de protótipos; e (b) a categorização resulta de processos cognitivos integrados. Nessa vertente, as características estruturais são consideradas igualmente relevantes, seja para auxiliar na delimitação do protótipo ou para a identificação dos padrões cognitivos envolvidos.

Para a compreensão das propriedades semânticas utilizadas na definição das categorias N e V, sob a perspectiva tipológico-funcional cognitiva, baseamo-nos

na teorização proposta por Givón (2001) e Langacker (2008), respectivamente. Os dois autores trabalham com elementos gerais de categorização semântica de N e V, sendo que o primeiro oferece uma caracterização dos protótipos dessas categorias e o segundo oferece uma discussão sobre os esquemas mentais envolvidos no reconhecimento delas.

No que diz respeito às características gramaticais que tipicamente se aplicam a N e V, bem como a questionamentos sobre a universalidade estrutural dessas categorias, baseamo-nos nas propostas de Schachter e Shopen (2007) e Praça (2007).

3.1.1 Protótipos e Esquemas

Givón (2001) entende o significado lexical como sendo composto internamente por um conjunto de traços semânticos, os quais determinam a classificação do lexema dentro do léxico mental do falante. Devido à sua recorrência na constituição de diferentes conceitos linguísticos, os traços semânticos se intersectam, agregando os conceitos em campos semânticos. Tais campos semânticos, por sua vez, refletem uma rede estruturada de relações conceituais, a partir da qual se constitui o léxico mental do falante. Nesta concepção, o nível semântico de representação linguística se origina a partir das experiências concretas do falante nos níveis físico, sociocultural e psicológico, sendo que tais experiências concretas servem de chão para representações conceituais de nível mais abstrato.

Os traços semânticos terão sua utilidade, dentro dessa perspectiva, na delimitação do protótipo que corresponderá ao exemplar integral de uma dada categoria lexical, como veremos adiante. Esse protótipo, definido por um conjunto de características essenciais para a delimitação da classe, servirá como modelo para a identificação dos membros da categoria na língua. Porém, por remeter a uma experiência arquetípica, o protótipo permite uma flexibilidade tal que um dado item ainda pertencerá à categoria mesmo sem apresentar rigorosamente todos os traços que a caracterizam. Essa flexibilidade demonstra assim uma gradação no que tange ao pertencimento à referida classe: alguns membros serão mais prototípicos, outros serão menos prototípicos (o que muitas vezes poderá incorrer em diferenças estruturais no plano gramatical).

Langacker (2008), por outro lado, se preocupa em observar até que ponto as categorias podem ser adequadamente descritas em termos de definições esquemáticas que se estendam a *todos* os membros da categoria, e não somente àqueles considerados centrais.

O autor chama atenção para a nossa capacidade cognitiva de perceber a mesma realidade objetiva de diferentes maneiras, e a importância que isso tem para a distinção entre categorias lexicais. Ele nota que certos fenômenos aparentes no léxico são observáveis também em outras facetas da cognição, a saber: *associação, automação, esquematização e categorização*. Tal recorrência, segundo Langacker, demonstra que “a língua recruta, e dessa forma manifesta intrinsecamente na sua própria organização, uma ampla gama de processos cognitivos independentes”⁵⁹ (LANGACKER, 2008, p. 16) – ponto de vista que contrasta com a premissa gerativista de que a sintaxe é “autônoma”, no sentido de ser auto-suficiente e isolada das demais operações mentais.

Langacker (2008) acredita que tal observação confere plausibilidade psicológica ao modelo da Gramática Cognitiva, pois remete à relação existente entre as experiências vivenciadas no universo objetivo e as concepções que se constroem a respeito dele, concepções estas expressas através da linguagem.

3.1.1.1 Traços semânticos utilizados na identificação dos protótipos categoriais

Givón (2001) propõe que N e V podem ser descritos em termos de quatro traços semânticos básicos, considerados por ele como pertencentes ao nível classificatório mais geral do léxico conceitual do falante. Givón (2001) afirma que esses traços exibem fortes associações conceituais, de modo que a presença de um pode implicar na coexistência de outro. Contudo, por remeterem a diferentes pontos de vista na interpretação de uma mesma realidade objetiva, esses traços são considerados analiticamente distintos, independentes entre si. São eles (a) estabilidade temporal; (b) complexidade; (c) concretude; e (d) compactação espacial, sendo que, para cada categoria, haverá subdivisões resultantes de um refinamento das distinções semânticas pertinentes.

⁵⁹Tradução nossa. No original, “(...) language recruits, and thus intrinsically manifests in its own organization, a broad array of independently existing cognitive processes.” (LANGACKER, 2008, p.16)

No caso do N, o traço *estabilidade temporal* define a propriedade de existir no tempo de maneira estável, de modo que o conceito remeterá a uma entidade, um ser cuja existência permanece estável através do tempo. O traço *complexidade* remete ao fato de um dado conceito se constituir de sub-traços semânticos que o definem, os quais refletem experiências multissensoriais envolvidas na construção do conceito (tais como forma, cor, dimensão, textura, cheiro, peso, posição, localização etc.). O traço *concretude* se relaciona diretamente ao de estabilidade temporal, na medida em que remete à propriedade de ser palpável, o que pressupõe existência estável através do tempo. O traço *compacidade espacial*, por sua vez, remete à ideia de concretude, porém tendo em foco os limites dentro do espaço. Finalmente, em adição aos traços recém-caracterizados, Givón (2001) apresenta o traço *contabilidade*, que ele considera ser uma consequência da compacidade, uma vez que entidades percebidas como compactas, também são possíveis de serem discriminadas e contabilizadas.

Givón (2001) ressalta o contraste existente entre N e V quanto ao traço *estabilidade temporal*, apontando para o fato de que verbos prototípicos codificam situações dinâmicas, que pressupõem evolução e mudança através do tempo; ou seja, V codifica *instabilidade* temporal, ao contrário do que faz N.

Quanto ao traço *complexidade*, V também são considerados complexos no que diz respeito aos elementos envolvidos na construção do conceito. No entanto, neste caso, o ponto de vista remete aos diferentes participantes existentes na situação (por exemplo, o conceito *vender* envolve o vendedor, o bem, o comprador e o dinheiro), ou pode remeter ainda a uma complexidade na estruturação temporal interna da situação, pressupondo diferentes estágios de desenvolvimento (como nos conceitos *assar*, *construir*, *acampar*).

A *concretude* presente nas noções verbais também remete aos participantes da situação, na medida em que V pode descrever ações físicas, mudanças físicas ou o deslocamento no espaço desses participantes. Como lembra Givón (2001), no entanto, é preciso entender que tudo será uma questão de grau: haverá noções tais como *comer*, *chutar*, *furar*, que serão entendidas como mais concretas do que *procurar*, *estudar*, *ouvir*; e mais ainda do que *conceber*, *admirar*, *intuir*, e assim por diante.

O traço *compacidade* também frisa um contraste entre N e V, na medida em que N é espacialmente compacto (identificável), mas durável no tempo (estável);

enquanto V é temporalmente compacto (delimita um evento), mas difuso no espaço (envolve participantes diversos, tem estrutura temporal interna), conforme exemplifica a situação descrita em *vender*, com múltiplos participantes espalhados sobre o pano de fundo conceitual.

Finalmente, Givón (2001) aponta outro traço fundamental para o protótipo V, que é *agentividade e atividade mental*. Esse traço remete à caracterização da dinâmica interna do evento, tendo o foco na atuação do participante e a natureza da sua contribuição para o desencadeamento da corrente de força que movimenta a situação (intenção, controle, volição, atividade mental, estado mental, mudança de estado). Essa distinção pode ser exemplificada, gradualmente, por conceitos tais como *lavar, sair, atacar, compreender, enxergar, ver, secar, murchar* etc.

3.1.1.2 Processos cognitivos envolvidos na elaboração dos conceitos

Langacker (2008) observa quatro processos cognitivos básicos envolvidos na constituição do léxico de uma língua e que ocorrem em outras instâncias da experiência humana, como havíamos mencionado: (a) associação, (b) automatização, (c) esquematização e (d) categorização. Langacker (2008) descreve cada um desses processos nos termos apresentados a seguir.

A *associação* é o estabelecimento de conexões psicológicas que têm o potencial de influenciar processamentos subsequentes, como por exemplo, na linguagem, a relação simbólica que se define a partir da conexão psicológica entre uma estrutura fonológica e uma estrutura semântica.

A *automatização* é o processo através do qual se adquire o domínio de uma estrutura complexa por meio da repetição ou do ensaio, de modo que a partir de certo ponto, qualquer esforço ou monitoramento consciente passa a ser dispensável. Do ponto de vista das estruturas linguísticas, diz-se que passam por um *entrincheiramento* progressivo (no plano cognitivo) até se estabelecerem como *unidades*.

A *esquematização* é o processo através do qual se extraem, de múltiplas experiências, os pontos inerentes comuns, a partir dos quais se pode alcançar uma concepção em nível mais elevado de abstração. Tal nível de abstração pode se aplicar em diferentes graus, de modo que um esquema pode ser o mais abstrato possível ou o mais específico possível. Quando um esquema é mais

específico em termos semânticos, diz-se que ele é a *elaboração* ou *instanciação* de outro esquema mais geral⁶⁰.

Podemos tomar como exemplo, no plano lexical, a noção *anel*, que pode ser entendida através do esquema mais abstrato ‘adorno circular que se usa no corpo’ (já que um anel pode ser usado em diferentes lugares do corpo), ou através de um esquema mais específico, uma *elaboração* do primeiro, como ‘joia circular que se usa no dedo’. Pode-se também entendê-lo conforme um esquema ainda mais geral do que o primeiro, ‘estrutura de formato circular’, levando-se em conta instanciações tais como os *anéis de Saturno*, por exemplo.

A *categorização* é a interpretação de experiências específicas com base em estruturas previamente existentes, de modo a agregar elementos entendidos como equivalentes para alguma finalidade. Assim, conforme explica Langacker (2008), se uma estrutura A é considerada um membro de certa categoria, tal estrutura pode ser usada como base para a categorização de uma estrutura B, que poderá ser considerada membro da mesma categoria. Neste caso, diz o autor, o elemento A será *esquemático* em relação ao elemento B, o qual, por sua vez, será uma *elaboração* do primeiro.

As categorias gramaticais podem ser definidas semanticamente a partir do nível esquemático de descrição. Contudo, segundo o autor, definições conceituais esquemáticas só são possíveis para aquelas categorias consideradas universais (quanto à frequência em que ocorrem nas línguas) e fundamentais (quanto à frequência em que ocorrem nas construções). Neste caso, ele diz, as categorias mais óbvias são N e V.

Langacker (2008) defende o ponto de que N e V são categorias universais, argumentando que, nas línguas consideradas contra-exemplos, é o status de N e V como categorias *lexicais* universais que é negado. Na verdade, segundo ele, o ponto essencial é que N e V *sempre* têm um papel na descrição gramatical de qualquer língua: “Não se preclui que o significado de um lexema possa consistir de conteúdo conceitual somente, com a interpretação típica de cada categoria sendo imposta pela configuração gramatical em que ele aparece” (LANGACKER, 2008, p.96)⁶¹.

⁶⁰ O esquema é uma noção relativa, no sentido de que se define sempre com relação à outra parte.

⁶¹ Tradução nossa. No original: “It is not precluded that a lexeme’s meaning might consist of conceptual content alone, with the construal characteristic of particular categories being imposed by the grammatical configurations it appears in.”

Langacker (2008) não vê o nível lexical como numa relação de oposição ao nível gramatical. Ao contrário, no arcabouço da Gramática Cognitiva, léxico e gramática constituem dois polos dentro de um mesmo contínuo⁶². Por esta razão, a não universalidade de N e V como categorias lexicais não chega a ser um problema.

Já se propôs (CROFT, 1993), inclusive, que as unidades básicas da estrutura linguística são de fato as *construções*, e não as *categorias*. Langacker (2008) explica que “cada construção numa língua define uma categoria, específica para aquela língua, consistindo somente daqueles elementos que ocorrem nela”⁶³.

Ele afirma que concepções particulares geralmente são invocadas para fins gramaticais, induzindo à emergência de classes específicas. É a saliência cognitiva dessas classes que irá determinar até que ponto elas são fundamentais e universais. Segundo o autor, as categorias

“(...) mais universais e fundamentais se agregam em torno de um arquétipo conceitual altamente saliente, bem como da habilidade cognitiva básica (presumivelmente inata) que é manifestada no arquétipo e é responsável pela sua emergência. O primeiro funciona como protótipo da categoria, enquanto o último proporciona sua caracterização esquemática.” (LANGACKER, 2008, p. 97)⁶⁴

Outros processos cognitivos relevantes na concepção das categorias N e V incluem a reificação, descrita como a capacidade de conceber um evento como um objeto, e o perfil, que delimita a perspectiva que se tem da experiência.

3.1.2 Características estruturais relevantes na identificação de N e V

Schachter e Shopen (2007) oferecem uma apreciação das categorias lexicais a partir de um ponto de vista tipológico, buscando demonstrar, através dos dados, a importância dos critérios estruturais na definição das classes de palavra de uma língua.

⁶²Langacker ilustra sua argumentação tomando como exemplo as expressões idiomáticas, que são expressões maiores do que a palavra (desde sintagma até sentença), comportando-se sintaticamente como tal, porém codificando significados lexicais.

⁶³Tradução nossa. No original: “Every construction in a language defines a category, specific to that language, consisting of just those elements that occur in it.”

⁶⁴Tradução nossa. No original: “The most universal and fundamental categories coalesce around a highly salient conceptual archetype, as well as a basic cognitive ability (presumably inborn) that is initially manifested in the archetype and responsible for its emergence. The former functions as a category prototype, while the latter provides its schematic characterization.”

O argumento principal é o de que as definições nocionais⁶⁵ muitas vezes são ferramentas insuficientes diante da grande variabilidade existente na organização gramatical e conceptual das línguas do mundo. Então, para que se possa alcançar uma análise confiável e acurada dos dados, é preciso levar-se em conta os critérios gramaticais – tanto aqueles que são internos à gramática da língua em estudo, quanto aqueles já reconhecidos translinguisticamente⁶⁶.

Se, por um lado, tais análises servirão de base de dados para a construção de uma tipologia linguística, por outro, a própria tipologia poderá auxiliar de volta na análise das línguas, por proporcionar um catálogo das possibilidades gramaticais já verificadas.

Como exemplo desse aspecto, podemos tomar a observação, levantada em Schachter e Shopen (2007), de que classes abertas de palavras ocorrem em todas as línguas do mundo, sendo esta, portanto uma característica universal. Já as classes fechadas de palavra podem ou não ocorrer nas línguas do mundo, e isso depende justamente das características gramaticais internas a cada língua.

As classes abertas a que nos referimos são aquelas tais como Nome, Verbo, Adjetivo e Advérbio. Essencialmente, são definidas como classes de palavra amplas que aceitam novos membros na medida em que se faz necessária a codificação de novos conceitos na língua. As classes fechadas, por outro lado, tais como Preposição e Conjunção, caracterizam-se por serem restritas e por não aceitarem novos membros, a não ser através de longos percursos diacrônicos, comumente expressando noções gramaticais.

Das classes abertas, dizem Schachter e Shopen (2007), Nome e Verbo são aquelas que podem ser consideradas universais, no sentido de que são verificáveis em todas as línguas do mundo. Contudo, alguns pesquisadores desafiam essa interpretação, trazendo à luz informações estruturais sobre certas línguas em que a distinção entre N e V parece não se sustentar.

O contra-argumento emerge das observações acerca das propriedades morfológicas e sintáticas desses itens lexicais nas línguas. Um dos primeiros

⁶⁵ Do tipo “N designa pessoa, animal ou coisa”, já mencionado anteriormente.

⁶⁶ Os autores reconhecem que, além das informações estruturais, as informações semânticas e funcionais também são essenciais na caracterização das classes, bem como auxiliares na interpretação dos fatos gramaticais. Quanto a esse aspecto, eles tomam como referência as teorizações de Langacker (1987).

exemplos contra a universalidade das categorias lexicais N e V partiu da análise da língua Nootka, língua indígena da América do Norte, no início do século XX. Mais recentemente, a análise de outra língua indígena, desta vez da América do Sul, parece confirmar a existência desse diferente tipo de organização gramatical que questiona a distinção lexical entre N e V. Essa língua é o Tapirapé, da família Tupi-Guarani.

O trabalho de Swadesh (1939), sobre o Nootka, e o de Praça (2007), sobre o Tapirapé, parecem apontar para uma mesma direção no que diz respeito à interpretação sobre o status lexical de N e V: ambos os autores concluem que a distinção é no mínimo tênue, no plano lexical, porque as mesmas bases podem ser utilizadas em funções sintáticas alternativas, típicas de N e de V.

Conforme exposto anteriormente, numa análise tipologicamente orientada, as características estruturais dos elementos são levadas em consideração para a identificação das categorias linguísticas. Neste caso, observa-se que V tipicamente ocorre na função sintática de predicado e N nas funções típicas de argumento (sujeito, objeto, núcleo de sintagma nominal etc.).

Negrão; Scher e Viotti (2003, p. 100) apresentam a seguinte definição para predicado: “[...] itens capazes de impor condições sobre os elementos que com eles compõem o constituinte do qual são núcleos (núcleos lexicais); são, portanto, itens que possuem a capacidade deselegionar elementos” e para argumento: “[...] itens que satisfazem as exigências de combinação dos predicados, ou em outras palavras, são elementos selecionados pelo predicado”.

No exemplo (3.1), os sintagmas *thelittle boy* ‘o menino’ e *candy* ‘doce’ desempenham funções nominais de sujeito e objeto, respectivamente, sendo *boy* e *candy* membros de uma mesma classe, por serem intercambiáveis entre si na posição de núcleo do sintagma nominal. Já a expressão *waseating* ‘estava comendo’ codifica a predicação propriamente dita, tendo *eat* ‘comer’ como núcleo do sintagma verbal.

(3.1) [*The little boy*] **was eating** [*candy*]⁶⁷

SUJ V OBJ⁶⁸
‘O menino estava comendo doce’

⁶⁷Os dados expostos a seguir (3.1-3.3) são reproduzidos de Schachter e Shopen (2007, p. 7).

⁶⁸Adotamos para os exemplos expostos, a seguinte lista de abreviações: ART ‘artigo’; DEF ‘definido’; I ‘classe 1’; II ‘classe 2’; IMP ‘imperativo’; IND ‘indicativo’; INDEF ‘indefinido’; INT ‘intensivo’; N ‘nome’; NEG ‘negação’; N.PROC ‘nominalização de processo’; OBJ ‘objeto’; PL ‘plural’; PRS ‘presente’; R ‘reduplicação’; RDPL ‘reduplicação para plural’; REF ‘referente’; SG ‘singular’; SUJ ‘sujeito’; TOP ‘tópico’; V ‘verbo’.

Sabe-se que normalmente as línguas dispõem de construções específicas para a reorganização dessas relações sintáticas, de modo a permitir que V apareça em função sintática de argumento e N em função predicativa. Muitas línguas dispõem de recursos morfológicos que alteram a forma da base lexical para este fim, ou que selecionam formas já preexistentes no paradigma verbal da língua, como em português *graduar* e *graduando*.

O exemplo (3.2) ilustra a construção predicativa nominal do inglês, em que o verbo copulativo *are* 'são' liga os dois sintagmas nominais, estabelecendo assim a relação de predicação entre eles. Neste caso, *teachers* 'professores' é o núcleo do predicadonominal.

(3.2) *they are teachers*

'Eles são professores'

No exemplo (3.3), do russo, vê-se que a construção predicativa nominal dispensa a ocorrência de um verbo copulativo, empregando apenas a justaposição dos sintagmas nominais (pronome e nome, respectivamente).

(3.3) *oni učitelja*

they teachers

'Eles são professores'

Essa diferença estrutural ilustra a variabilidade das línguas e a importância de se considerar as especificidades internas de cada uma, na análise gramatical.

Também o V pode ocorrer em funções outras que não a de predicado. Os exemplos (3.4-3.5) abaixo ilustram situações em que V desempenha a função de objeto. Em ambos os casos, V se situa dentro de um sintagma nominal, com todas as características morfossintáticas pertinentes.

No Akan (3.4), o prefixo *a-* deriva uma forma nominal do verbo, que vem determinada pelo artigo definido *no*. Em Tagalog (3.5), a posição nominal em que ocorre V está delimitada pelo indicador de tópico *ang* e inclui o marcador de número plural *mga*, referencial, neste caso.

(3.4) *mehwεε* [a-saw no]
 1.assisti N-dançar ART⁶⁹
 ‘Eu assisti a dança’

(3.5) *pinanood ko ang [mga sumasayaw]*
 assistir 1 TOP PL estavam.dançando
 ‘Eu assisti aqueles que estavam dançando’

Os tipos de dados recém apresentados mostram algumas particularidades gramaticais que justificam a opinião de Schachter e Shopen (2007), de que a classificação de itens lexicais resulta mais diretamente de questões específicas das línguas do que da universalidade das categorias. No entanto, ainda assim, os autores defendem o status universal de N e V.

Embora destaquem a análise de Swadesh (1939) sobre o Nootka como sendo um dos poucos contra-argumentos conhecidos acerca dessa distinção, Schachter e Shopen (2007) a contrastam com a análise de Jacobsen (1976) sobre a mesma língua, em que o autor discorda das conclusões alcançadas por Swadesh (1939), quanto à inexistência de contraste entre N e V.

Swadesh (1939) demonstra como raízes nocionalmente N e V podem se conduzir exatamente da mesma forma, no plano sintático, sem exibir distinções relativas às posições sintáticas que podem ocupar na sentença.

Assim, nos exemplos (3.6-3.7), pode-se observar que as raízes *mamu.k* ‘trabalhar’ e *qu.ʔas* ‘homem’ podem ocorrer exatamente na mesma construção ocupando posições diferentes e desempenhar as funções tanto de argumento quanto de predicado, tomando os mesmos morfemas flexionais a cada vez. A função de predicado é possibilitada devido à presença do sufixo *-ma*, a qual indica o tempo e o modo do verbo, já a função de argumento é possibilitada devido à presença do sufixo *-ʔi* que representa um artigo definido.

(3.6) *mamu.k-ma qu.ʔas-ʔi*⁷⁰
 trabalhar-PRS.IND homem-DEF
 ‘O homem está trabalhando’

⁶⁹ Os dados expostos em (3.4-3.5) são reproduzidos de Schachter e Shopen (2007, p. 9).

⁷⁰ Os dados expostos em (3.6-3.9) são de Swadesh (1939), citados em Schachter e Shopen (2007, p. 11).

- (3.7) *qu.ʔas-ma* ***mamu.k-ʔi***
 homem-PRS.IND trabalhar-DEF
 ‘O trabalhador é homem’

Jacobsen (1976), no entanto, demonstra que alguns contrastes morfossintáticos são sim identificáveis entre os conjuntos de raízes. O autor aponta para o fato de que as raízes nocionalmente identificáveis como N podem funcionar na posição de argumento com ou sem a ocorrência do sufixo definido *-ʔi*(3.8), enquanto raízes identificáveis como V não podem exercer a função nominal sem a presença do referido sufixo (3.9). Com base em evidências deste tipo, Jacobsen (1976) contesta então a análise anteriormente proposta por Swadesh (1939), demonstrando que a distinção N / V é sim capaz de se sustentar em Nootka.

- (3.8) *mamu.k-ma* *qu.ʔas*
 trabalhar-PRS.IND homem.INDEF
 ‘Um homem está trabalhando’

- (3.9) * *qu.ʔas-ma* *mamu.k*
 homem-PRS.IND trabalhar.INDEF

No Tapirapé, língua Tupi-Guarani falada nos estados do Mato Grosso e do Tocantins, Praça (2007) demonstra que N e V podem ser definidos por critérios semânticos prototípicos (conforme GIVÓN, 2001), mas que em termos de critérios sintáticos a distinção se enfraquece, pois raízes de ambas as classes podem ocupar posição sintática tanto de argumento quanto de predicado sem maiores restrições, como nas construções predicativas nominais abaixo.

Os exemplos (3.10-3.11) ilustram o uso dos lexemas nominais *memyr* ‘filho’ e *xãwãr* ‘cachorro’ em função de predicado. Como se pode notar, o Tapirapé utiliza-se de justaposição com afixação, e não requer o verbo copulativo.

- (3.10) *marare-ø* *i-memyr*⁷¹
 vaca-REF 3.II-filho
 ‘A vaca tem filhote’ (lit.: ‘a vaca filhote dela’)

⁷¹Os dados expostos em (3.10-3.24) são reproduzidos de Praça (2007, p. 11-40).

(3.11) *xãwãr*

cachorro

'É cachorro'

Na posição de argumento, o elemento nominal vem marcado pelo sufixo -a 'REF', marcador de referencialidade, sendo que a distribuição do sufixo parece obedecer a um padrão absoluto, atrelando-se ao sujeito de verbo intransitivo e ao objeto de verbo transitivo (3.12-3.13).

(3.12) *i-memyr-a* *a-xaj'a*

3.II-filho-REF 3.I-chorar

'O filho dela chorou'

(3.13) *xe=r-opy-ø* *a-xokã* *xãwãr-a*

1.SG.II=R-pai-REF 3.I-matar cachorro-REF

'Meu pai matou um cachorro'

No que tange aos morfemas semanticamente V, estes também podem ocorrer em posição sintática de argumento, uma vez que recebam o sufixo -a 'REF' (3.14-3.15). A autora defende o ponto de que, nesses casos, a função do sufixo não é assinalar mudança de classe lexical, mas sim "atribuir referência a temas originalmente predicativos, designando entidades, e, como consequência deste fato, a de marcar função de argumento" (PRAÇA, 2007, p. 13)

(3.14) *a-hyj*

3.I-correu

'Ele correu'

(3.15) *ne=ø-hyj-a* *i-kãto*

2sg.II=R-correr-REF 3.II-ser.bom

'Sua corrida foi boa'

O fato de ambos, N e V, desempenharem com certa liberdade a função sintática de predicado, além de compartilharem outras características tipicamente verbais, como aumento de valência, indicação de tempo/aspecto e negação,

caracteriza o que Praça denomina a “onipredicatividade” da língua Tapirapé (PRAÇA, 2007, p. 17)⁷².

A autora aponta que a língua Tapirapé é constituída por uma morfologia transcategorial, que é a ocorrência de determinados morfemas em mais de uma classe de palavras, como exposto a seguir nos exemplos (3.16-3.17). Tal ocorrência é mais frequente nas classes de Nomes e Verbos, podendo também acontecer em preposições e advérbios.

(3.16) *t-amōj-a* *a-ãpa* *o'ýw-a*
 3.II-avô-REFER 3.I-fazer flecha-REFER
 ‘O avô dele fez flecha’

(3.17) *'ãwãxi-ø* *mĩ* *a-kytyk* *xe=ø-y-ø*
 milho-REFER HAB 3.I-ralar 1sg.II=R-mãe-REFER
 ‘Minha mãe sempre rala milho’

Apesar dessa característica, contudo, há certas restrições de ordem morfológica que se aplicam exclusivamente a V, em Tapirapé. Estas são arroladas resumidamente a seguir (adaptado de PRAÇA, 2007, p. 22-23):

a) Ocorrência do sufixo nominalizador *-ãw* ‘não.processual’ em verbos ativos transitivos, intransitivos e estativos (3.18-3.20).

(3.18) *tãxão-ø* *ø-xokã-ãw-a* *i-kãto*
 porcão-REF R-matar-N.PROC-REF 3.II-ser.bom
 ‘A matança (caçada) dos porções foi boa’

(3.19) *ie-ø* *ã-ino-patãr* *i-xe'eg-ãw-a*
 1SG-REF 1SG.I-ouvir-querer 3.II-falar-N.PROC-REF
 ‘Eu quero ouvir a fala (conversa) dela’

⁷² Praça (2007) também cita como onipredicativas as línguas Nootka, Salish e Nahuatl.

(3.20) *ie-∅* *n=ã-jxãk-i* *ne=∅-kane'õ-ãw-a*
 1SG-REF não=ISG.I-ver-NEG 2SG.II=R-ser.cansado-N.PROC-REF
 'Eu não vi seu cansaço'

- b) Ocorrência do prefixo **e-** 'imperativo' na segunda pessoa do singular em orações afirmativas (3.21).

(3.21) **e-par-o**
 2SG.IMP-sair-INT
 'Saia rápido!'

- c) Ocorrência do prefixo **pe-** 'imperativo' na segunda pessoa do plural em orações afirmativas (3.22).

(3.22) **pe-kyrã**
 2.PL.IMP-gordo
 'Sejam gordos'

- d) Ocorrência do prefixo **ere-** 'imperativo' na segunda pessoa do singular, em orações negativas envolvendo o clítico **ewi** (3.23).

(3.23) Wãkiri **ere-ker=ewi**
 Walkiria 2SG.IMP-dormir=NEG
 'Walkiria, não durma!'

- e) Ocorrência do prefixo **pexe-** 'imperativo' na segunda pessoa do plural, em orações negativas envolvendo o clítico **ewi**(3.24).

(3.24) **pexe-ary-xaryw=ewi**
 2PL.IMP-alegria-RDPL=NEG
 'Não fiquem alegres'

Praça (2007) constata, portanto, que, dentre os critérios estruturais, os critérios sintáticos não são tão úteis para demonstrar o contraste N / V; em vez disso, são os critérios morfológicos que apresentam maior relevância no Tapirapé.

Adicionalmente, a partir das discussões sobre o Nootka e o Tapirapé, poderíamos argumentar que nessas línguas o status N e V se estabelece não tanto com base no lexema em si, quanto nas propriedades morfossintáticas da *construção* em que o lexema se insere.

3.2 As categorias Nome e Verbo em línguas de sinais (LS)

Na análise das línguas de sinais, comumente se parte do pressuposto de que há as categorias N e V. Pouco se explorou no sentido de se estabelecer claramente a natureza deste contraste entre os sinais – ou mesmo a relevância dessas categorias lexicais nas LS.

Alguns estudos sobre LS defendem como critério para a distinção entre N e V um único aspecto estrutural das línguas: o parâmetro movimento. É possível observar ainda que os critérios semânticos e pragmáticos tendem a ser menos considerados na análise para a delimitação dessas categorias, conforme aponta Lima (2012).

Quadros e Karnopp (2004) propõem uma análise para os dados da libras fortemente inspirada na interpretação oferecida por Supalla e Newport (1978) para os dados da língua de sinais americana (ASL), tomando o parâmetro movimento como responsável pelo contraste entre N e V em libras. O pressuposto então é de que este critério se aplica às LS em geral.

Quadros e Karnopp (2004) sugerem que a formação de N se dá a partir de certos sinais relacionados a conceitos verbais, com a diferença de que V se caracteriza por um movimento longo, enquanto que no N o movimento é breve e repetitivo, conforme ilustra a figura (3.1).

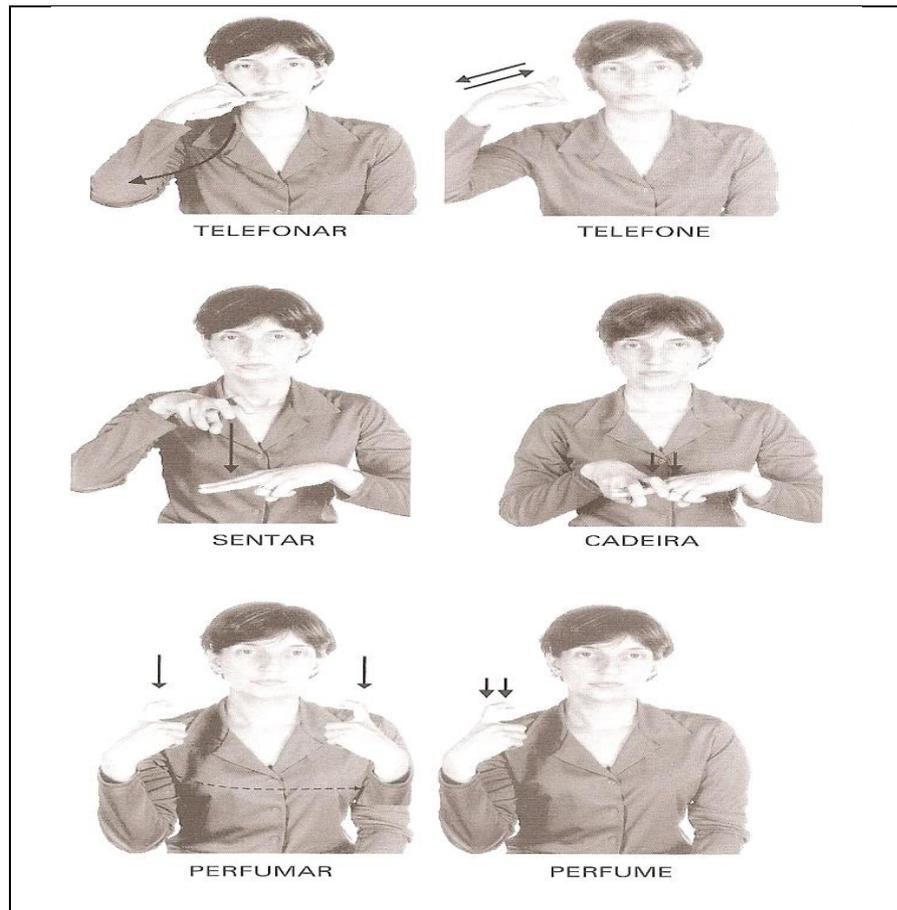


Figura 3.1: O movimento como parâmetro distintivo⁷³

Salles et al. (2007) alegam que os universais linguísticos se aplicam às LS da mesma forma que nas línguas orais, e que as diferenças acontecem exclusivamente em função da modalidade. As autoras citam onze universais linguísticos, elencados de forma resumida no quadro abaixo (3.1), dentre eles, o universal sobre a existência da distinção entre as categorias N e V.

⁷³ Reproduzido de Quadros e Karnopp (2004, p. 97).

Quadro 3.1
*Universais linguísticos*⁷⁴

Nº	Universais linguísticos
I	Onde houver seres humanos, haverá língua(s).
II	Não há línguas primitivas - todas as línguas são igualmente complexas e igualmente capazes de expressar qualquer ideia.
III	Todas as línguas mudam ao longo do tempo.
IV	As relações entre sons e significados das línguas faladas e entre os gestos (sinais) e os significados das línguas de sinais são em sua maioria arbitrários.
V	Todas as línguas humanas utilizam um conjunto finito de sons discretos (ou gestos) que são combinados para formar elementos significativos ou palavras, os quais por sua vez formam um conjunto infinito de sentenças possíveis.
VI	Toda língua falada inclui segmentos sonoros discretos e as línguas de sinais apresentam segmentos discretos na composição dos sinais.
VII	Todas as línguas apresentam categorias gramaticais (ex: N, V).
VIII	Universais semânticos, como fêmea ou macho, animado ou humano, são encontrados em todas as línguas.
X	Todas as línguas possuem formas para indicar tempo passado, negação, pergunta, comando, etc.
XI	Falantes de todas as línguas são capazes de produzir e compreender um conjunto infinito de sentenças.
XII	Qualquer criança normal, nascida em qualquer lugar do mundo, de qualquer origem racial, geográfica, social ou econômica, é capaz de aprender qualquer língua à qual é exposta.

Apesar de as autoras supracitadas concordarem quanto à existência de uma distinção entre as categorias N e V em libras, e quanto à hipótese de ser o parâmetro movimento o responsável pelo contraste entre as classes, esse ponto de vista não é compartilhado por outras pesquisadoras, como é o caso de Figueiredo-Silva (2009, p.16):

[...] os sinais na libras não apresentam evidência morfológica clara para a distinção entre as classes gramaticais; por exemplo, os sinais usados para CARRO e para DIRIGIR CARRO não apresentam qualquer diferença [...]

⁷⁴ Adaptado de FromkineRodman (1993, p. 25-26) apud Salles et al (2007, p. 86-94).

Felipe (2006) não detecta uma padronização na realização do movimento que seja suficiente para se distinguir entre N e V na libras, e defende que a distinção encontrada por Supalla e Newport (1978) na análise da ASL não se aplica à libras. Os argumentos usados pela autora incluem o fato de os próprios falantes de libras não terem identificado tal diferença nos dados da pesquisa, e ainda por haverem levantado controvérsias quanto à realização dos sinais:

[...] os pares AVIÃO/IR-DE-AVIÃO e FERRO/PASSAR-COM-FERRO apresentaram uma diferença em relação ao parâmetro movimento. O verbo IR-DE-AVIÃO, que apresenta um movimento mais alongado, em relação ao substantivo AVIÃO, e o verbo PASSAR-COM-FERRO apresenta um movimento mais repetido e alongado, em oposição ao movimento repetido e retido para o substantivo FERRO. (FELIPE, 2006, p. 205)

A citação de Felipe (2006), acima, mostra que em um dos pares (AVIÃO/IR-AVIÃO) ocorre o *alongamento do movimento* no verbo e, no outro (FERRO/PASSAR-COM-FERRO), ocorrem *repetições do movimento* no verbo. Devido a tais inconstâncias no emprego do parâmetro movimento durante a realização de sinais referentes a noções nominais e verbais, Felipe (2006) conclui que vários pares na libras possuem a mesma forma para designar entidades e eventos, ficando a diferenciação da categoria lexical dependente do contexto pragmático em que se produz o enunciado. Este contexto é fundamental para dar significado ao item lexical, pois de acordo com a circunstância, determinado sinal poderá ser entendido como N ou como V.

Na busca de critérios para a verificação da diferença entre N e V em libras, Pizzio (2011) selecionou 25 (vinte e cinco) pares N-V⁷⁵ para investigar quais seriam as diferenças formais entre uma e outra noção. Para tanto, a autora se utilizou de dois procedimentos metodológicos: um levantamento desses sinais em dicionários de

⁷⁵ Os pares selecionados foram:

ABRIR-PORTA/PORTA	ANDAR-BICICLETA/BICICLETA	BEBER/BEBIDA
BRINCAR/BRINQUEDO	CASAR/CASAMENTO	CHORAR/CHORO
CHOVER/CHUVA	CHUTAR/FUTEBOL	COMER/COMIDA
CONSTRUIR/CONSTRUÇÃO	CORRER/CORRIDA	CORTAR-TESOURA/TESOURA
DIRIGIR-CARRO/CARRO	NADAR/NATAÇÃO	NEVAR/NEVE
PASSAR-ROUPA/FERRO	PENSAR/PENSAMENTO	PENTEAR/PENTE
ROUBAR/LADRÃO	SENTAR/CADEIRA	SORRIR/SORRISO
TELEFONAR/TELEFONE	VENTAR/VENTO	EXPLODIR/EXPLOÇÃO
SONHAR/SONHO		

libras⁷⁶ e a utilização de imagens para a coleta de novos dados, evitando assim que houvesse influência da língua portuguesa (LP) na coleta dos dados.

Pizzio (2011) não conseguiu encontrar uma padronização nos pares encontrados nos dicionários que fosse capaz de corroborar a hipótese de ser o movimento o elemento distintivo entre N e V em libras. Porém as conclusões a que chegou esta autora, a partir da pesquisa nos dicionários, contradizem a afirmação feita por outros pesquisadores, sobre o caráter distintivo do parâmetro movimento nos pares de N e V:

[...] a busca nos dicionários de Libras proporcionou um leque grande de possibilidades em relação a cada par de nome e verbo. Foi observado que há uma variedade grande na forma de representar os sinais entre os diferentes dicionários. Percebeu-se também que não há um padrão no movimento que diferencie todos os pares da mesma forma. Um mesmo par foi representado de maneiras diferentes em cada um dos dicionários. Desta forma, pelo menos com os dados obtidos pelos dicionários, é possível pensar que a generalização feita por Supalla e Newport (1978) não se aplica a todos os pares de nomes e verbos na Libras como se pensava (PIZZIO, 2011, p. 131).

O segundo procedimento metodológico aplicado por Pizzio (2011) foi um teste de elucidação de dados consistindo de duas etapas, do qual participaram 35 (trinta e cinco) surdos adultos e fluentes em libras. Na primeira etapa, os surdos assistiam a vídeos com imagens de certo objeto e também com imagens desse objeto sendo utilizado, ilustrando assim noções nominais e verbais, respectivamente. As imagens não foram apresentadas na mesma sequência do par N-V para não induzirem os sujeitos a uma interpretação tendenciosa dos sinais quanto a isso.

Na segunda parte do teste, o participante assistia a um vídeo com sinais feitos por um surdo adulto fluente em libras⁷⁷ e também por ele próprio, participante. Sua incumbência era relacionar o sinal feito com uma imagem que invocasse uma noção verbal ou uma nominal.

O teste de elucidação feito por Pizzio (2011) foi bastante plausível no sentido de trabalhar apenas com imagens, de modo a eliciar dos sujeitos a expressão diretamente em libras, sem interferência da LP. O teste, contudo, não detectou uma característica formal que fosse responsável pela distinção entre N e V nos sinais em

⁷⁶ O dicionário impresso é o Capovilla; Raphael (2001) e os outros dois virtuais estão disponíveis em: <www.librasnet.com.br> e <http://www.acessobrasil.org.br/libras> (PIZZIO, 2011).

⁷⁷ Nesta parte, os sinais foram feitos seguindo o modelo de diferenciação apresentado por Supalla e Newport (1978), no qual o elemento diferenciador é o parâmetro movimento.

libras. Pizzio (2011) mais uma vez discorda quanto à possibilidade de se aplicar o movimento como traço distintivo entre N e V em libras, como concluíram Supalla e Newport (1978) a respeito da ASL.

Os resultados obtidos mostram que há bastante variação na produção dos indivíduos. Nem sempre foi observado o padrão esperado para a produção dos nomes e verbos, principalmente para aqueles pares que apresentam ou um movimento circular do sinal ou um movimento alternado de mãos e braços para realizar o sinal. Muitas vezes, os indivíduos não diferenciavam na sua produção o nome e o verbo, produzindo o mesmo sinal para ambos os casos. (PIZZIO, 2011, p. 227)

Zeshan (2002) não cita a repetição e o alongamento do parâmetro movimento como elemento diferenciador entre N e Vnas LS, mas atribui a este parâmetro a função de causar mudanças morfológicas no sinal, como por exemplo, codificar distinção de aspecto e distinguir entre diferentes tipos de ação a partir de uma mesma fonte conceitual.

A figura (3.2), a seguir, ilustra modificações morfológicas observadas na Língua de Sinais Indo-Paquistã, conforme a análise proposta por Zeshan (2002), em que o parâmetro movimento seria responsável pela distinção de aspecto no V. Pode-se perceber em (b) que a abertura da mão ocorreu em etapas, indicando assim um desenvolvimento gradual no evento codificado pelo lexema. O item (c) mostra a ação de caminhar por meio do movimento alternado dos dedos indicador e médio, estirados, em direção centrífuga a partir do falante. O item (d) ilustra movimento incipiente (aspecto) na expressão do conceito 'andar', através da sutileza no movimento das mãos, bem como pela sua interrupção. Indica que alguém está prestes a caminhar, mas que a ação não está acontecendo ainda.

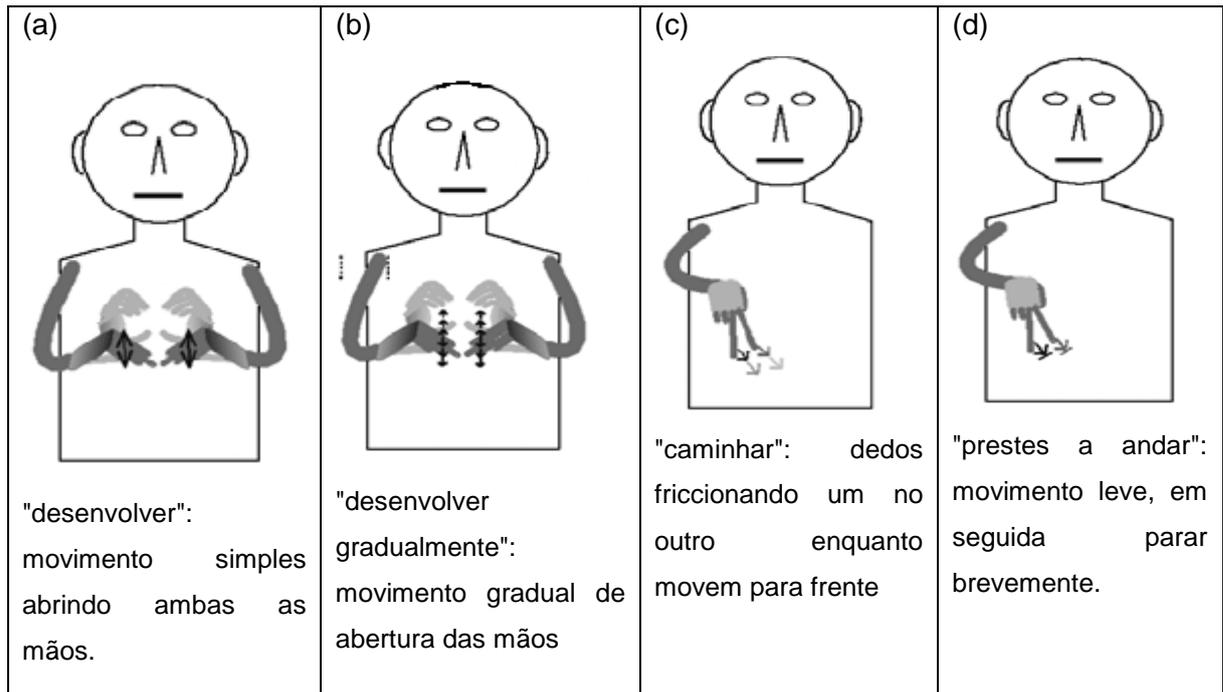


Figura 3.2: Distinções aspectuais e tipos de ação⁷⁸

Ferreira-Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), além de atribuírem ao movimento a função de codificar aspecto nos sinais V (como por exemplo, aspecto pontual, contínuo, durativo e iterativo), citam exemplos deste parâmetro como o responsável pela incorporação da negação ao verbo, como ilustra a figura (3.3). Cabe destacar que as autoras citam o movimento como um dos parâmetros envolvidos, porém não o único.



Figura 3.3: Codificação da negação em V⁷⁹

⁷⁸Adaptado de Zeshan (2002, p. 157).

Tradução nossa. No original, os exemplos apresentam respectivamente as seguintes descrições: "develop: single opening movement of both hands; develop gradually: stepwise gradual opening of the hands; walk: fingers wiggling while moving forward; just about to walk: slight movement, then stopping short".

⁷⁹Reproduzido de Quadros e Karnopp (2004 p. 110).

Lima (2012) baseia parte da sua análise sobre N e V em libras, nos critérios propostos por Givón (2001), e sugere que a percepção da *dimensão* serve como critério semântico relevante na caracterização do protótipo N em LS, sendo que este seria de certa forma uma extensão do traço *compacidade no espaço*, porém associada à modalidade visogestual da LS. Ele argumenta que este critério remete ao formato tridimensional de uma entidade, de modo que, em libras, este é um traço tipicamente observável na produção de sinais que codificam N.

Embora o encurtamento ou alongamento do movimento não seja citado por Lima (2012) como o fator distintivo entre N e V na libras, ele observa que a ocorrência do parâmetro movimento é um traço necessário para o protótipo V, pelo fato de esses sinais codificarem a relação dinâmica existente entre os diferentes participantes de um evento.

Felipe e Monteiro (2007) apresentam em seu trabalho o sinal AJOELHAR como um exemplo de sinal caracterizado pela ausência de movimento, em libras (3.4), contrastando assim com a proposição de Lima (2012), acerca do protótipo V.



Figura 3.4: Sinal AJOELHAR ⁸⁰

Sandler e Lillo-Martin (2009) afirmam que todos os sinais das LS possuem um movimento. Considerando os aspectos fonológicos, Cunha (2011, p. 52) nos diz que

[o] movimento se caracteriza por uma mudança na configuração de mão, orientação da palma ou locação. Por ser um segmento dinâmico na produção do sinal, o movimento é considerado central para a produção e percepção do sinal e, por isso, é denominado o núcleo da sílaba em LSs. A suspensão apresenta uma característica estática, é um período de tempo em que todos os aspectos constitutivos do sinal permanecem como estão.

⁸⁰Reproduzido de Felipe e Monteiro (2007, p. 22).

Sob essa ótica, o sinal AJOELHAR (3.4) então não consiste de um movimento, mas sim de uma suspensão, pois tem caráter estático, permanecendo com seus aspectos constitutivos inalterados. Percebe-se que o sinal AJOELHAR, mesmo codificando um evento (mudança de estado), não remete a um alto grau de dinamicidade, como é o caso de *correr, andar, dançar*, etc., pois se trata de (colocar-se em) uma posição no espaço, sendo assim mais distante semanticamente do protótipo de V.

Lima (2012) também observa que a interpretação das funções sintáticas desempenhadas pelos sinais em libras depende em grande parte da construção na qual eles se inserem, de modo que um mesmo sinal (base lexical) poderá codificar noções tanto nominais quanto verbais, dependendo do contexto discursivo-pragmático em que ocorre.

Contudo, conforme demonstra em sua análise, algumas construções sintáticas da libras selecionam de forma bastante clara os sinais que codificam conceitos semanticamente nominais, servindo então de critério sintático para a delimitação do protótipo N. Especificamente, trata-se das construções equativas e existenciais, nas quais o autor pode identificar inclusive a existência de marcadores copulativos na libras (LIMA, 2012).

Ao discutir sobre noções nominais e noções verbais, Lima (2012) também observou, em seus dados, a datilologia como uma característica presente nos sinais semanticamente caracterizados como N, sendo que o mesmo não foi observado nos sinais semanticamente V.

A datilologia é a transposição das letras da LP por configurações de mão da libras. A percepção de Lima (2012) sobre a predominância deste processo nos sinais correspondentes a N está em consonância com o fenômeno em outras LS.

Nascimento (2010) afirma que os empréstimos lexicais observados nas línguas tendem a incluir majoritariamente conceitos de ordem nominal. Esta interpretação certamente reflete a percepção de que a necessidade de se nomearem novas *coisas* (elementos estáveis no tempo e compactos no espaço) é mais comum do que a necessidade de se nomearem novos *padrões de comportamento* (eventos instáveis no tempo e difusos no espaço), emprestados de outra cultura, conforme expressa Vilela (1994, p. 65):

[...] a classe substantivos é a parte do discurso mais marcada pela formação de palavras, como aliás pela neologia, pelos empréstimos, etc. É que os substantivos são a classe por onde passa a designação das coisas inventadas ou importadas, são ponto de partida para a nomeação de tudo o que a tecnologia e o progresso trazem de novo para uma comunidade.

Na tentativa de acrescentar à discussão em torno da distinção N / V em libras, nesta pesquisa, levantamos dados espontâneos e contextualizados – não produzidos de forma isolada – a fim de detectar, a partir de um contexto semântico-pragmático mais rico, novos critérios para a verificação desse ponto. Para tanto, analisamos narrativas sinalizadas por surdos adultos, fluentes em libras, e os resultados dessa análise serão apresentados no Capítulo 4.

CAPÍTULO 4

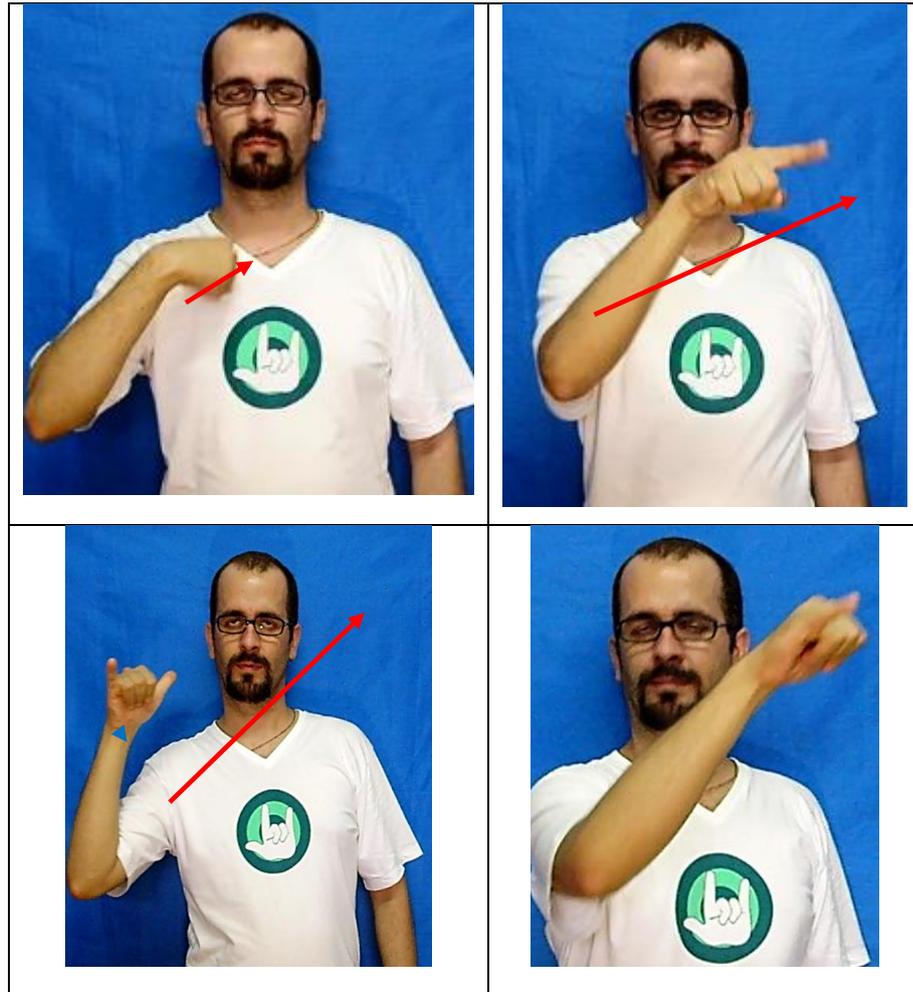
ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos nossa análise de dados em seis seções. Na primeira seção, discutimos a relevância do parâmetro movimento para a distinção das categorias lexicais N e V no contexto dos nossos dados. A segunda seção apresenta as observações com base nos critérios semânticos propostos por Givón (2001). A terceira seção leva em consideração os critérios gramaticais levantados por Schachter e Shopen (2007) e Praça (2007), buscando estabelecer se tais critérios serão válidos também para a análise de uma língua de modalidade visogestual. Na quarta seção, consideramos as observações de Lima (2012) sobre o assunto, buscando contribuir para a análise proposta por aquele autor acerca da identificação das categorias N e V em libras. Finalmente, discutimos os dados sob a perspectiva cognitivista de Langacker (2008).

4.1 O critério do parâmetro movimento

Iniciamos nossa análise observando o parâmetro movimento de alguns sinais retirados dos dados, os quais correspondem a N e V na língua portuguesa, a fim de reexaminar a hipótese de Quadros e Karnopp (2004) e Salles et al. (2007), de que os sinais da libras correspondentes a V apresentam um movimento longo, enquanto que os sinais correspondentes a N apresentam um encurtamento e uma repetição do seu movimento.

No enunciado a seguir, EU IR AVIÃO ‘Eu fui de avião’, o narrador descreve sua viagem ao Rio de Janeiro. A partir desse contexto, entendemos que, em (4.1), o sinalizante se refere ao evento ‘voar de avião’. O que se percebe na expressão sinalizada, contudo, é que a representação do evento ‘voar’ em si é indissociável da entidade ‘avião’: enquanto a configuração de mão representa a entidade, o movimento representa o evento – ambos constituindo um só sinal. Evidências desse tipo chamam atenção para um primeiro problema na discriminação de N e V: certos eventos (V) “incorporam” as entidades (N) envolvidas, para fins de expressão linguística.



(4.1) EU IR-AVIÃO 'eu fui de avião' ⁸¹

Este processo de incorporação é bastante recorrente na libras e pode acontecer entre ação e referente, de modo que o conceito da ação pode ser codificado por expressões linguísticas diversas, determinadas de acordo com a natureza do referente (FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004). A sinalização da ação acontece simultaneamente com a sinalização do objeto, constituindo isso um problema para se distinguir entre N e V em libras, uma vez que a mescla conceitual na construção do sinal torna inviável a separação entre referente e verbo. Este fenômeno pode ser entendido em termos da simultaneidade característica da modalidade visogestual.

Outros exemplos desse tipo de incorporação são os sinais/conceitos CORTAR (4.1), PINTAR (4.2), COMER, BEBER, SEGURAR. Para cada um desses

⁸¹ Para todos os exemplos selecionados do *corpus*, será indicada a localização da imagem no contexto do vídeo analisado, através da indicação do momento no tempo em que a imagem ocorre, sendo que a enumeração dos vídeos corresponde diretamente à enumeração das narrativas analisadas. Assim, este primeiro exemplo situa-se no Vídeo 1, tempo: 00:11 – 00:17.

eventos, a expressão linguística será distinta conforme a natureza do participante envolvido ('beber café' em oposição a 'beber água', por exemplo), como se vê abaixo.

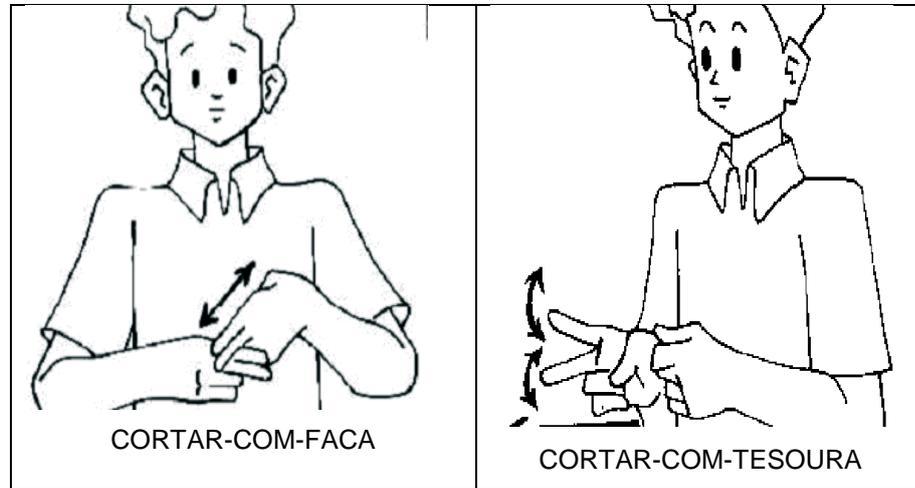


Figura 4.1: Sinais CORTAR⁸²

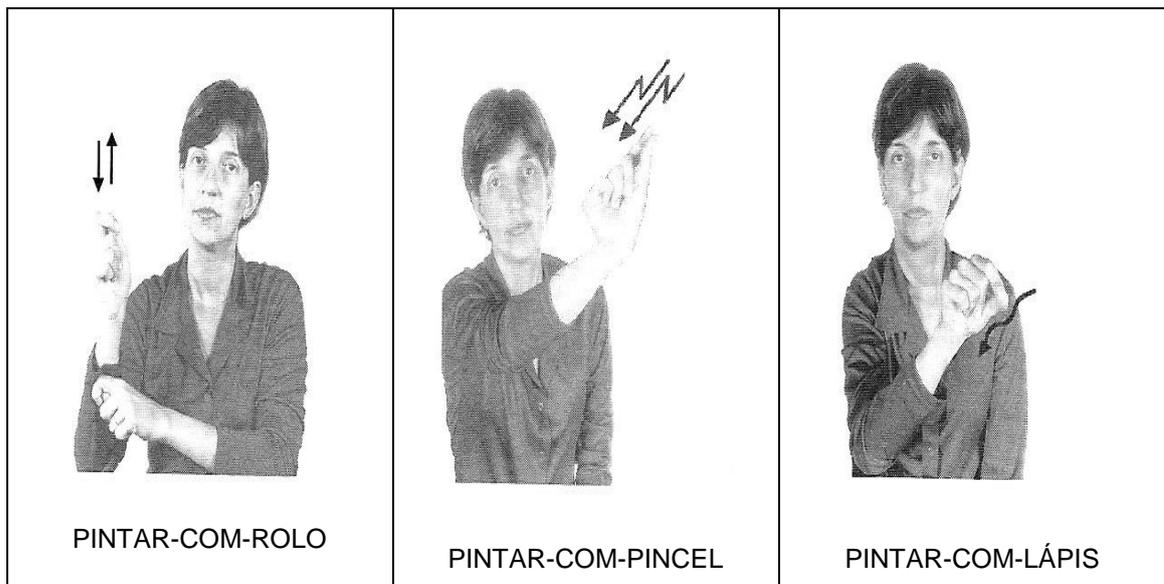


Figura 4.2: Sinais PINTAR⁸³

Já no enunciado a seguir, é possível analisar o sinal como se referindo ao evento 'sentar-se', pois, na narrativa, o sinalizante está descrevendo o conjunto das suas ações no aeroporto: a apresentação do documento, o ato de guardar o papel no bolso, o ato de sentar-se, folhear revista e descansar durante a espera pelo avião. Neste dado (4.2), pode-se perceber o prolongamento do movimento no sinal 'sentar-

⁸² Reproduzido de Felipe e Monteiro (2007, p. 403).

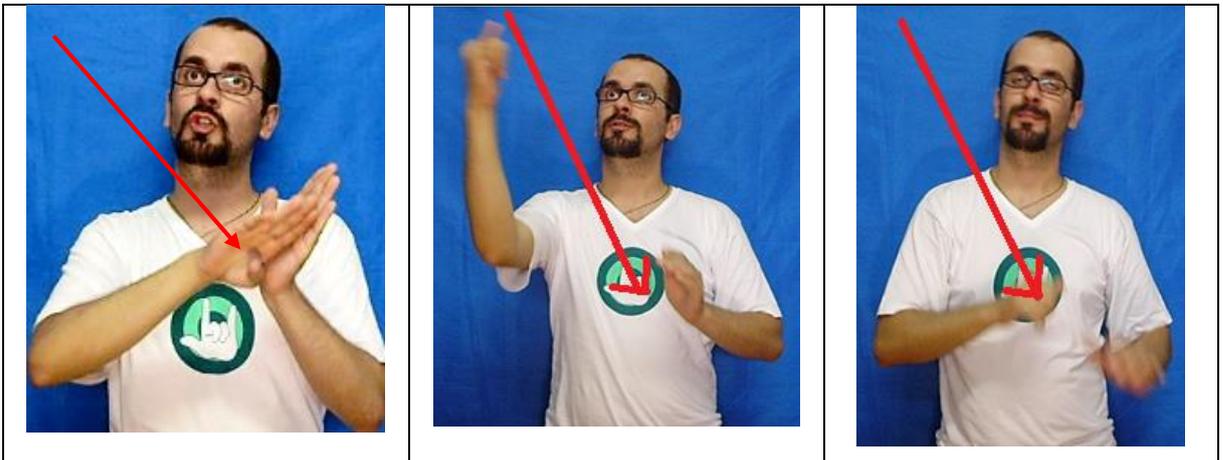
⁸³ Reproduzido de Quadros e Karnopp (2004, p. 240).

se': o sinal começou próximo ao nariz e terminou próximo ao peito, corroborando a hipótese acerca do movimento de Quadros e Karnopp (2004) e Salles et al. (2007).



(4.2) SENTAR-SE, FOLHEAR, DESCANSAR 'eu me sentei, folheei revista e descansei'⁸⁴

No enunciado a seguir, logo após o sinalizante comunicar que se sentou, folheou revista e descansou, ele produz o sinal CHEGAR AVIÃO. Alguns elementos facilitadores para a compreensão do sinal em (4.3) como referente à entidade 'avião' (N) entram em questão, a partir do contexto pragmático.



(4.3) CHEGAR AVIÃO 'o avião chegou'⁸⁵

No contexto narrativo em que se insere o enunciado sob análise, o sinal CHEGAR pede a representação de uma entidade – nesse caso, AVIÃO – que se associe à representação do evento 'chegar'.

⁸⁴ Vídeo 1, tempo 00:36 – 00:48.

⁸⁵ Vídeo 1, tempo 00:48 – 00:50.

Em (4.3) o sinal é realizado de cima para baixo, é alongado e sem repetição, corroborando assim a descrição do parâmetro movimento estabelecido por Quadros e Karnopp (2004) e Salles et al. (2007) como distintivo da categoria N.

O enunciado a seguir também se situa em uma sequência de fatos informados pelo sinalizante: após guardar sua bolsa no bagageiro, ele se senta e coloca seus braços na poltrona. Pelo contexto semântico-pragmático pode-se inferir que o sinal em (4.4) descreve um evento ('sentar-se'), ao invés de uma entidade ('poltrona').

Aqui, o movimento do sinal é iniciado na altura da testa e concluído na altura do peito, e é coerente com a afirmação de Quadros e Karnopp (2004) e Salles et al. (2007), que V em libras consiste de um movimento longo e sem repetição.



(4.4) mochilaCOLOCAR SENTAR braçosCOLOCAR 'coloquei a mochila no bagageiro, sentei-me e coloquei os braços na poltrona' ⁸⁶

Julgamos, a partir da pragmática da situação, que o sinal em (4.5) a seguir se comporta sintaticamente como N, pois, no contexto em que ocorre, indica que o avião havia decolado e chegado ao Rio de Janeiro às 6 horas. Apesar de não existir um sinal próprio para o lexema 'decolagem', o sinalizante indica a decolagem do avião pela expressão facial de intensidade, mais um leve rebaixamento do seu corpo, representando o ponto de partida, associado a um movimento prolongado de baixo para cima.

⁸⁶ Vídeo 1, tempo 01:01 – 01:05.

Interpretando-se o sinal, a partir do contexto narrativo, como sendo de natureza nominal, conclui-se que tal sinal não se encaixa nas especificações feitas por Quadros e Karnoop (2004) e Salles et al. (2007).



(4.5) AVIÃO^{intensidade/rebaixamento} CHEGAR kdLÁk'e HORA SEIS 'o avião chegou lá às 6 horas'⁸⁷

Em (4.6), o sinalizante se refere a 'avião' como entidade, pois, na sequência, ocorre o sinal CHEGAR incluindo a referência às pessoas descendo do avião – o referente que chegou, efetivamente. Como se vê no exemplo, o sinal não possui movimento alongado, é iniciado na altura abaixo da orelha e, logo acima da orelha, já se articula o sinal CHEGAR.

Aqui, conforme preveem Quadros e Karnopp (2004) e Salles et al. (2007) para a identificação dos N, o movimento presente no sinal é breve. Porém, diferentemente do que propõem as autoras, não há repetição no sinal.

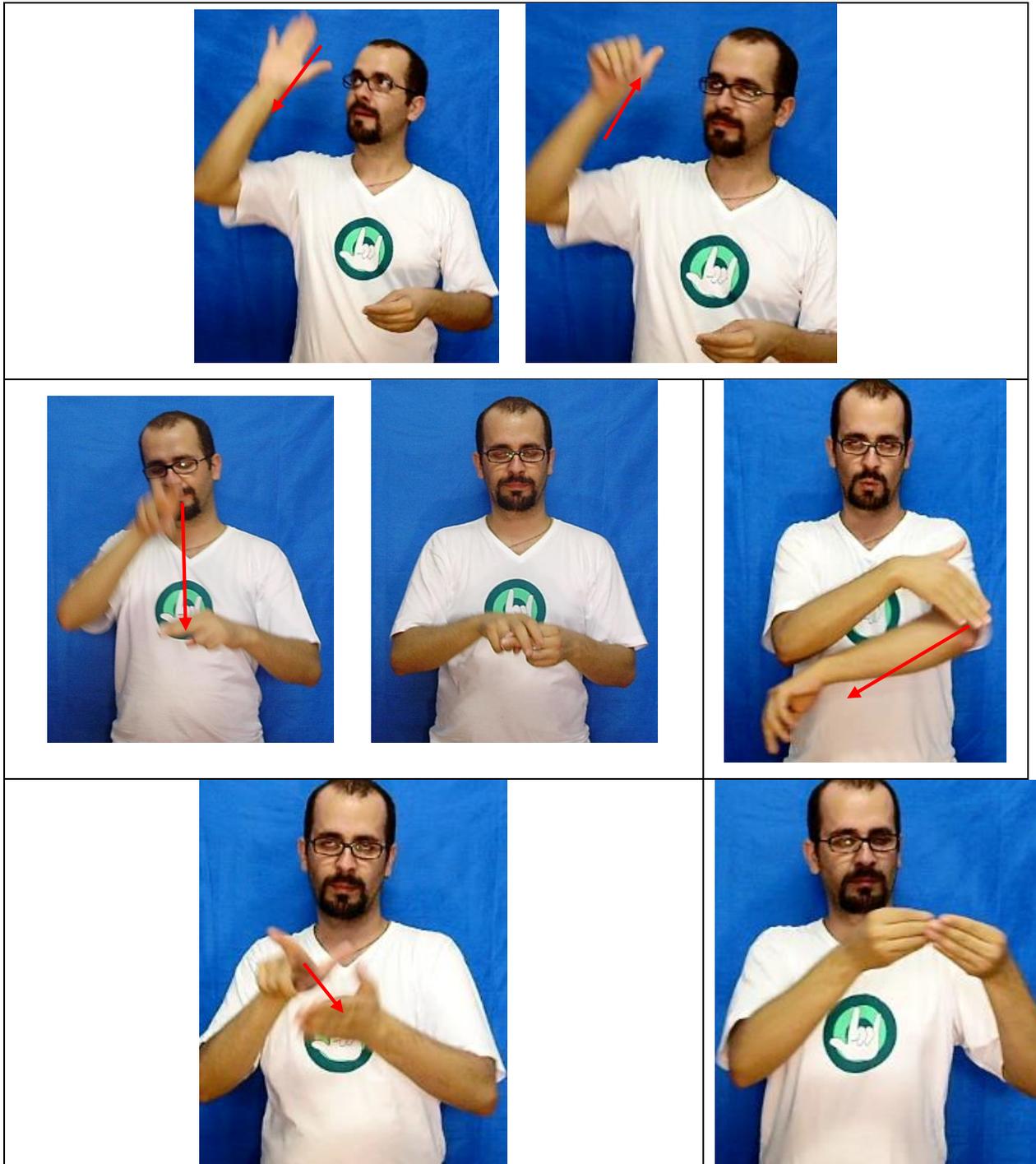
⁸⁷ Vídeo 1, tempo 01:06 – 01:13.



(4.6) AVIÃO CHEGAR pessoasDESCER 'o avião chegou e as pessoas desceram dele'⁸⁸

Em (4.7), o sinal emitido pode ser analisado como V, no contexto narrativo em que ocorre. Na situação, o motorista do táxi chama o sinalizante para o carro, ele entra, senta-se e entrega um papel com o endereço ao motorista. Nota-se que novamente ocorre a descrição do evento ('sentar-se'), e não de uma entidade ('assento'). Nesta instância, é possível visualizar o alongamento do movimento no sinal, sem repetição, corroborando a hipótese de Quadros e Karnopp (2004) e Salles et al. (2007).

⁸⁸ Vídeo 1, tempo 01:13 – 01:17.



(4.7) CHAMAR SENTAR ENDEREÇO PAPEL ENTREGAR 'o motorista me chamou, eu sentei-me e entreguei o papel com o endereço a ele'⁸⁹

Em (4.8), o sinal realizado faz parte de um contexto no qual o sinalizante é convidado a entrar e a sentar-se. Com base nesse contexto, é possível interpretar o sinal como representativo de um evento (V). Não há repetitividade no gesto, mas o alongamento presente nesta ocorrência é mais curto que aquele observado nas

⁸⁹ Vídeo 1, tempo 01:32 – 01:35.

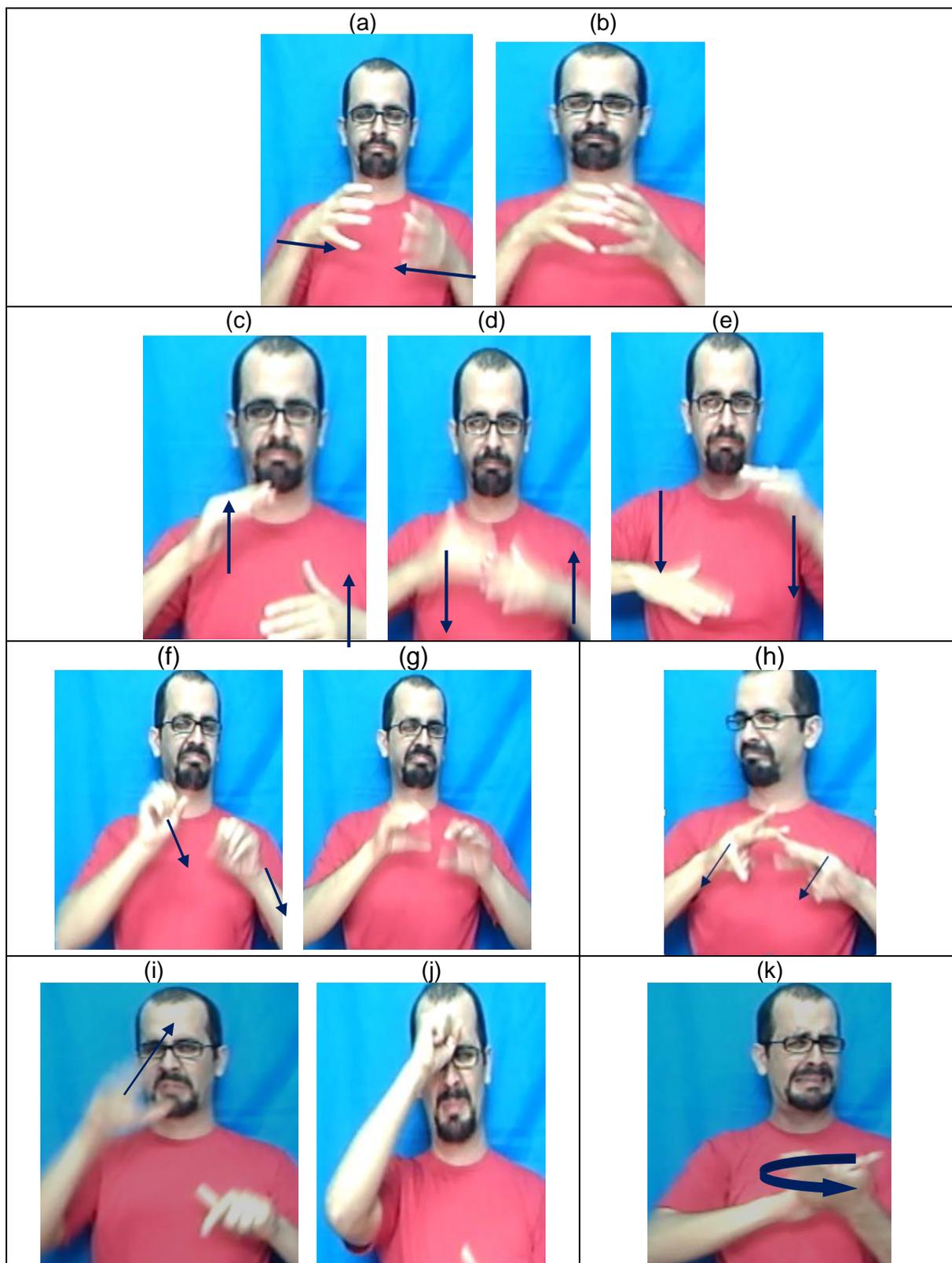
ocorrências anteriores ((4.1), (4.2), (4.4), (4.7)). É importante destacar que na pesquisa de Pizzio (2011), o único par que demonstrou coerência com a hipótese do movimento como fator distintivo de N e V apresentada por de Quadros e Karnopp (2004) e Salles et al. (2007) foi o par SENTAR e CADEIRA.



(4.8) VIR SENTAR ‘venha para dentro, sente-se’⁹⁰

Em (4.9), a tradução livre do enunciado é ‘o grupo de profissionais de ensino percebia que eu não aprendia nada, ficava alheio’. Porém, neste exemplo existe ambigüidade possível na interpretação, entre “profissionais de ensino” e “profissionais [que] ensinavam”.

⁹⁰ Vídeo 1, glosa 38, tempo 02:37– 02:38.



(4.9) GRUPO PROFISSIONAIS ENSINO PERCEBER APRENDER NADA
 'Os profissionais de ensino percebiam que eu não aprendia nada'⁹¹

⁹¹ Vídeo 2, tempo: 00:47 – 00:52.

O movimento no sinal indicado acima (4.9.f.g) não parece constituir uma marca distintiva de N e V, pois consiste em abrir e fechar as mãos, impossibilitando a análise com foco no alongamento ou repetição do movimento como propõem Quadros e Karnopp (2004) e Salles et. al. (2007), uma vez que, internamente, o sinal já envolve o movimento repetitivo e não possui movimento retilíneo como os citados anteriormente.

O movimento em questão é descrito no item (4.9.i.j), com o abrir e fechar das mãos, com as palmas voltadas de frente para o corpo. A escolha pela interpretação 'profissionais de ensino' partiu da inferência de que, na escola em questão, haveria mais profissionais que não lidam diretamente com o ensino, por isso a necessidade de se estabelecer o contraste entre os profissionais de ensino e outros tipos de profissionais existentes na escola (como a merendeira, por exemplo).

O que se pode observar, a partir dessa análise preliminar dos dados transcritos, é que os critérios propostos por Quadros e Karnopp (2004) e Salles et al. (2007) não se aplicam de maneira tão sistemática e homogênea como se poderia esperar. Os dados selecionados acima demonstram que, tendo o contexto pragmático como ponto de referência inicial, o mesmo conceito pode se manifestar linguisticamente de maneira variada, no que se refere ao parâmetro movimento. A repetição ou alongamento do movimento são critérios muito limitados para se distinguir entre N e V na libras, visto que são possíveis de serem aplicados apenas a sinais compostos por movimentos retilíneos, como se pode perceber em (4.9.i) acima e conforme já havia notado Pizzio (2011).

Diante disso, os dados apontam para a necessidade de se trilhar outros caminhos na busca por critérios formais que sejam consistentes e indicativos da distinção entre categorias, a fim de demonstrar se tal distinção de fato se aplica em libras. Buscamos então analisar nossos dados levando em conta critérios de outra ordem, como os sintáticos, semânticos e cognitivos, na tentativa de obtermos uma análise mais ampla, capaz de nos mostrar as possíveis formas de se caracterizar N e V em uma língua de modalidade visogestual.

4.2 Os critérios semânticos de Givón (2001) aplicados à libras

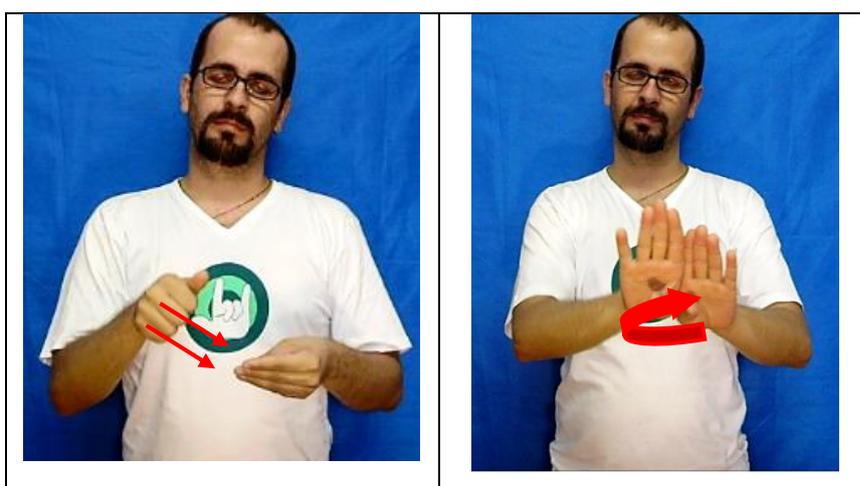
4.2.1 Nomes

Lembrando os critérios semânticos discutidos no capítulo 3, segundo Givón (2001), N pode ser definido em termos gerais como a categoria que codifica um referente que apresenta como características prototípicas: estabilidade temporal, complexidade, concretude, compacidade e contabilidade.

4.2.1.1 Estabilidade temporal

Uma das características prototípicas de N é a estabilidade temporal. Em nossos dados, encontramos vários itens lexicais que nos remetem à ideia de estabilidade temporal, conforme ilustram (4.10-4.12) a seguir.

O enunciado abaixo ilustra o sinal PORTA (4.10). No contexto narrativo, após o sinalizante subir de elevador para o décimo andar, onde é o apartamento do seu amigo, ele olha num papel e, nesta altura, realiza os dois sinais BATER – PORTA. A partir da sequência envolvendo o evento ‘bater’, pode-se inferir que o sinal seguinte representa um dos participantes desse evento, caracterizável como uma entidade temporalmente estável, neste caso, a ‘porta’.



(4.10) BATER PORTA ‘bati na porta’ ⁹²

⁹² Vídeo 1, tempo: 02:28 – 02:29.

O exemplo (4.11) ilustra o sinal CAS⁹³, que remete a um centro de capacitação na área da surdez, localizado na cidade de Goiânia. No contexto da narrativa, o sinalizante informa que trabalhava numa confecção e depois foi trabalhar no CAS. O sinal codifica a concepção de uma entidade estável no tempo.



(4.11) CAS 'CAS' ⁹⁴

No enunciado a seguir, o sinalizante produz o sinal BEBÊ (4.12) num contexto narrativo em que se trata de uma passagem da bíblia, na qual o apóstolo Paulo diz que o ensinamento deve ser de acordo com que o nível de conhecimento da pessoa. Utilizando-se de uma expressão metafórica, o sinalizante explica que o bebê não pode comer alimentos sólidos, apenas leite.



(4.12) BEBÊ 'bebê' ⁹⁵

⁹³ Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez do Estado de Goiás.

⁹⁴ Vídeo 2, tempo: 02:22 – 02:23.

⁹⁵ Vídeo 5, tempo: 00:58.

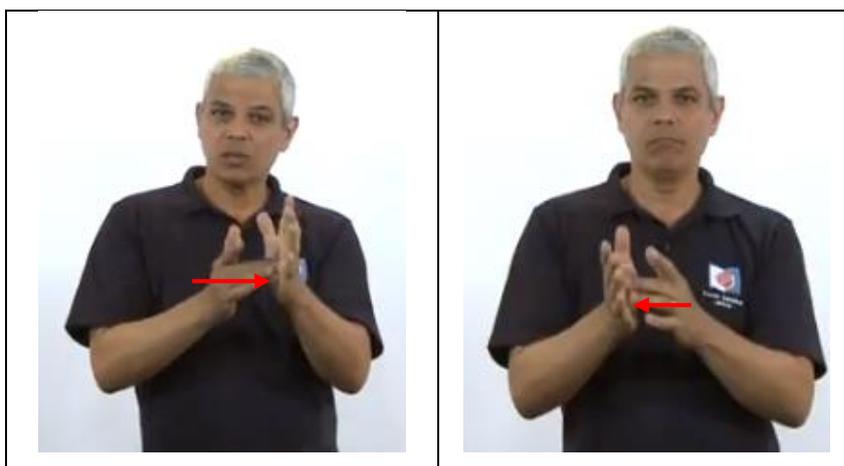
A compreensão do contexto em que se insere o sinal BEBÊ proporciona a certificação de que a referência é à entidade ‘bebê’ e não ao evento ‘balançar o bebê’.

Os três exemplos examinados nesta seção ilustram entidades caracterizadas por estabilidade temporal, remetendo, portanto a uma característica semântica típica de N.

4.2.1.2 Complexidade

A característica de complexidade, típica da categoria lexical N, também foi encontrada em nosso *corpus*, como se pode observar nos exemplos de (4.13-4.15).

No exemplo (4.13), o sinalizante produz o sinal JESUS, conforme uma das imagens mais marcantes nas religiões cristãs, que são os furos nas mãos do Cristo. Foi este o traço escolhido para a representação visual do conceito em libras. Embora o sinal JESUS seja um sinal bastante conhecido no meio religioso surdo, a sua representação visual poderia possivelmente representar um evento, como o ‘ato de cravar os pregos nas mãos’. No entanto, o contexto do enunciado revela que o sinalizante se refere à entidade referencial ‘Jesus’, pois se trata da expressão ‘Em nome de Jesus’, usada ao final de cada oração.



(4.13) JESUS ‘Jesus’⁹⁶

No enunciado seguinte, a sinalizante realiza o sinal HOMEM (4.14), que dentre várias características específicas ao sexo masculino, é representado pela

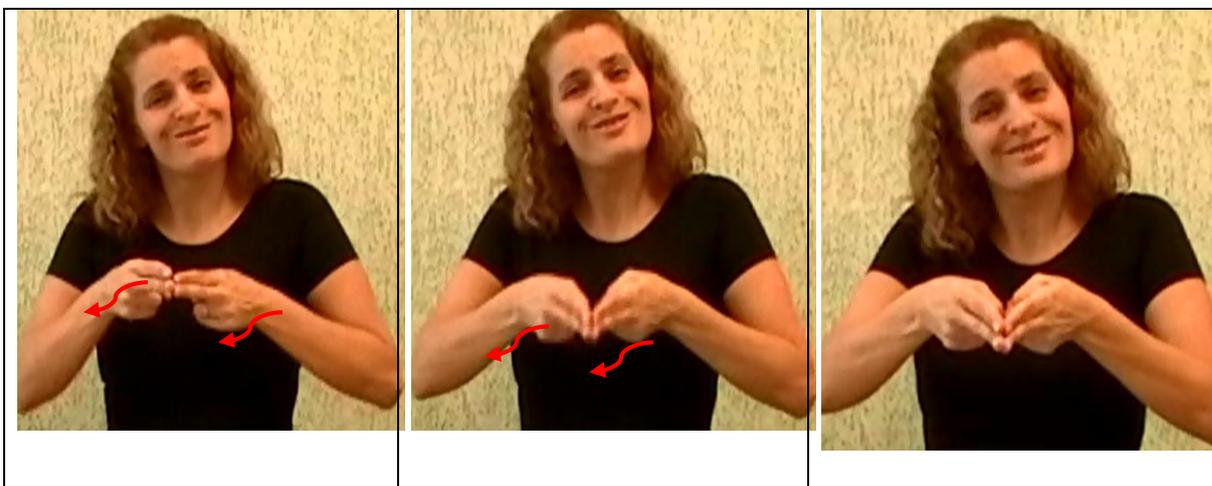
⁹⁶ Vídeo 5, tempo: 00:28.

barba, em libras. Podemos afirmar que o sinal se refere a 'homem' e não a 'barba', pois a narradora informa que irá contar a história de uma pessoa, um homem.



(4.14) HOMEM 'homem'⁹⁷

A seguir, a sinalizante realiza o sinal NOÉ (4.15), que diz respeito a um personagem bíblico responsável pela construção de uma arca. O sinal em libras envolve então a configuração de mão em N (letra inicial da palavra escrita) e o mesmo movimento utilizado no sinal BARCO.



(4.15) NOÉ 'Noé'⁹⁸

Todas essas referências semânticas empregadas na constituição dos sinais recém apresentados ilustram o grau de complexidade existente na composição de cada conceito, o que é uma característica semântica típica de N, assim como de

⁹⁷ Vídeo 6, tempo: 01:47.

⁹⁸ Vídeo 6, tempo: 05:02.

V, porém no N a complexidade encontra-se especialmente em consonância com o traço de compacidade.

4.2.1.3 Concretude, Compacidade espacial, Contabilidade

As características de concretude, compacidade e contabilidade, típicas de N, também foram facilmente encontradas em nossos dados. Os sinais examinados a seguir ilustram a presença de tais características, as quais foram agrupadas aqui em decorrência da forte relação que possuem entre si.

O sinal LIVRO, ilustrado em (4.16), demonstra compacidade por ser um conceito delimitado no espaço, remetendo assim à ideia de concretude e à possibilidade de discriminação e contabilidade.

Apesar de o sinal LIVRO ser bastante conhecido, a certeza de que o sinalizante se refere a uma entidade e não ao evento 'abrir um livro' emerge do contexto narrativo em que aparece. Neste caso, o sinalizante explica que uma pessoa novata no meio religioso não conseguirá entender, se o ensino for pesado, pois ainda não tem conhecimento profundo sobre o livro (ou a Bíblia).



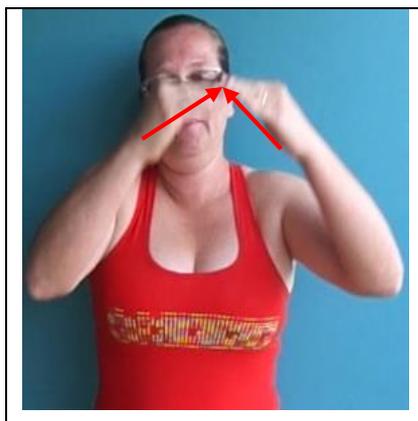
(4.16) LIVRO 'livro' ⁹⁹

O sinal TELEVISÃO (4.17), que codifica um item doméstico, invoca as noções de concretude, delimitação espacial e também à possibilidade de ser contável. Indica um referente.

⁹⁹ Vídeo 5, tempo: 00:32.

(4.17) TELEVISÃO 'television' ¹⁰⁰

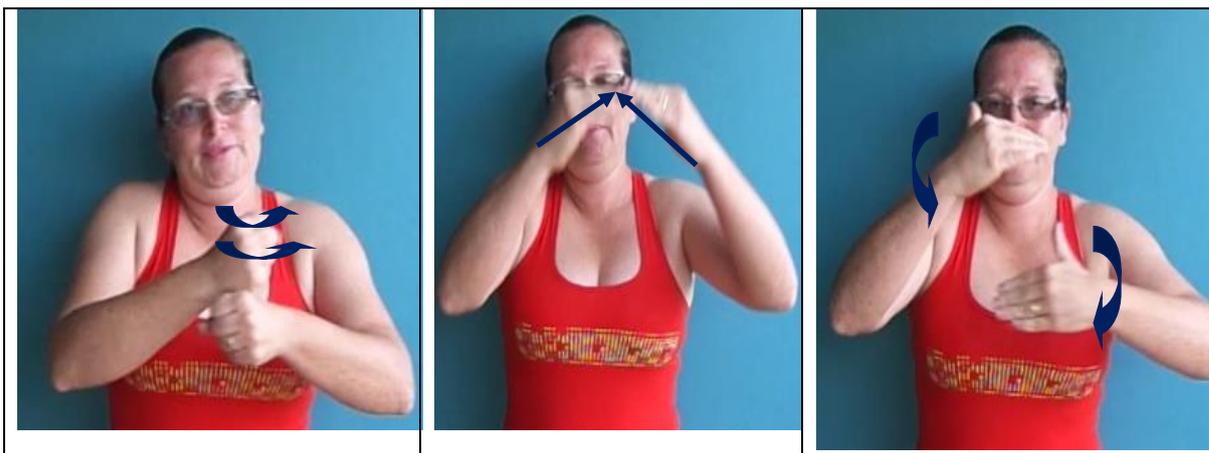
O sinal CASA (4.18), que também se caracteriza pela compacidade, remetendo às ideias de delimitação espacial e contabilidade, bem como estabilidade temporal, pode representar alternativamente o conceito 'morar', inversamente relacionado.

(4.18) CASA 'casa' ¹⁰¹

A interpretação por um ou outro sentido, mais uma vez, se define no contexto de comunicação. Sabemos que (4.18) exemplifica uma instância de N porque, segundo o contexto narrativo explicitado em (4.19), a sinalizante expressa que estava reformando sua casa aos poucos.

¹⁰⁰ Vídeo 7, tempo: 00:05.

¹⁰¹ Vídeo 3, tempo: 00:18.



(4.19) REFORMAR CASA PROGRESSIVO 'reformar casa aos poucos'¹⁰²

É importante destacar que vários sinais apresentados como prototípicos da categoria lexical N, conforme os critérios propostos por Givón (2001), se analisados isolados de um contexto, apresentariam a mesma composição para representarem a categoria lexical V. Como exemplo, o sinal PORTA (4.10) poderia ser interpretado como ABRIR PORTA, BEBÊ (4.12) como BALANÇAR BEBÊ, JESUS como CRAVAR PREGOS e CASA (4.19) como MORAR.

4.2.2 Verbo

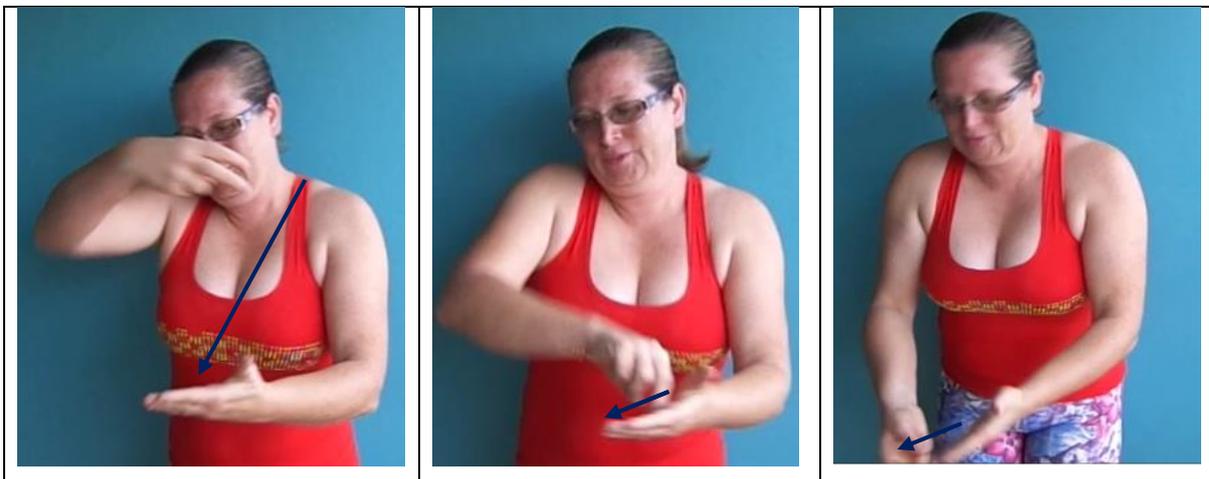
Para Givón (2001), o Verbo remete à ideia de um evento, de um processo, de uma relação dinâmica no tempo e difusa no espaço, apresentando como características prototípicas a instabilidade temporal, a compacidade temporal, a concretude, a complexidade e difusão espacial, e a agentividade e atividade mental (seção 3.1).

4.2.2.1 Instabilidade temporal

Os verbos *atirar* e *cair* são citados por Givón (2001) como exemplos típicos de V devido ao traço semântico de instabilidade temporal, pois são conceitos que invocam forte dinamicidade. Os exemplos (4.20-4.21) ilustram respectivamente os sinais ATIRAR e CAIR, em libras.

¹⁰² Vídeo 3, tempo: 01:17 – 00:19.

No enunciado abaixo (4.20) a sinalizante realiza o sinal CAIR ao relatar que seu sogro é doente e cai, de modo que ela precisa ficar cuidando dele. Nota-se visualmente a representação de um conceito dinâmico, que é o evento 'cair', através do movimento inerente no sinal.



(4.20) CAIR 'cair' ¹⁰³

O sinal em (4.21), por sua vez, poderia ser interpretado alternativamente como 'revolver' ou como 'atirar'. Porém, as expressões faciais e corporais do sinalizante indicam forte dinamicidade, sendo o princípio da força motriz representado pelo próprio sinalizador, indicando agentividade.

A interpretação do sinal como representativo de um evento se reforça pelo contexto narrativo, em que o sinalizante falava sobre um homem que invadiu uma escola no Rio de Janeiro disparando tiros, matando doze pessoas.



(4.21) ATIRAR 'atirar' ¹⁰⁴

¹⁰³ Vídeo 3, tempo: 00:39 – 00:40.

¹⁰⁴ Vídeo 3, tempo: 00:24 – 00:25.

4.2.2.2 Concretude, Compacidade Temporal

Os conceitos recém representados, 'cair' e 'atirar', também ilustram bem os traços semânticos *concretude* e *compacidade*, na opinião de Givón (2001). Estes conceitos envolvem as noções de ação, atividade física ou deslocamento no espaço, dos participantes. Quanto mais ação houver no evento, maior o grau de concretude inerente no conceito.

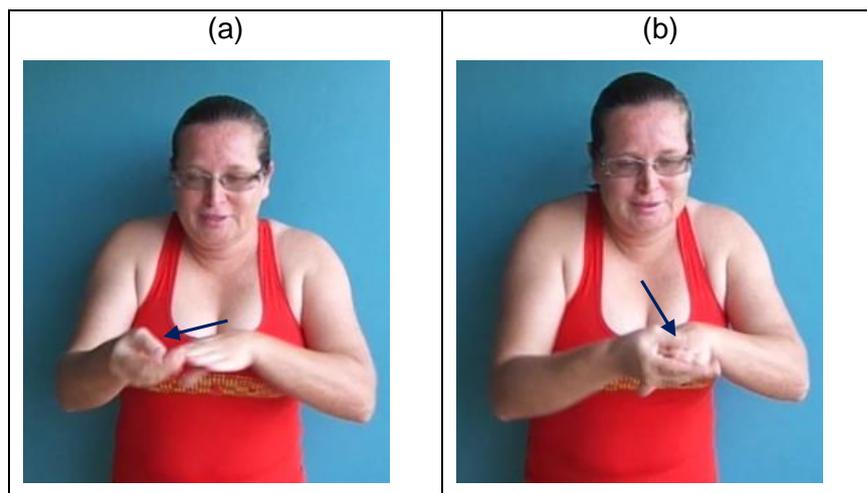
Em (4.20), a sinalizante representa o evento das quedas habituais do sogro utilizando-se de bastante movimento, inclusive corporal, para a codificação do deslocamento inerente à queda. E em (4.21), a representação do evento envolve grande agitação física por parte do sinalizante, indicando assim a concretude do conceito.

A outra característica, a compacidade temporal, também pode ser percebida nos sinais (4.20-4.21), pois os eventos são representados por inteiro, como uma unidade narrativa completa. Cada representação, por sua vez, caracteriza-se internamente pela sua difusão espacial e dinamicidade, sendo assim um conceito semanticamente complexo.

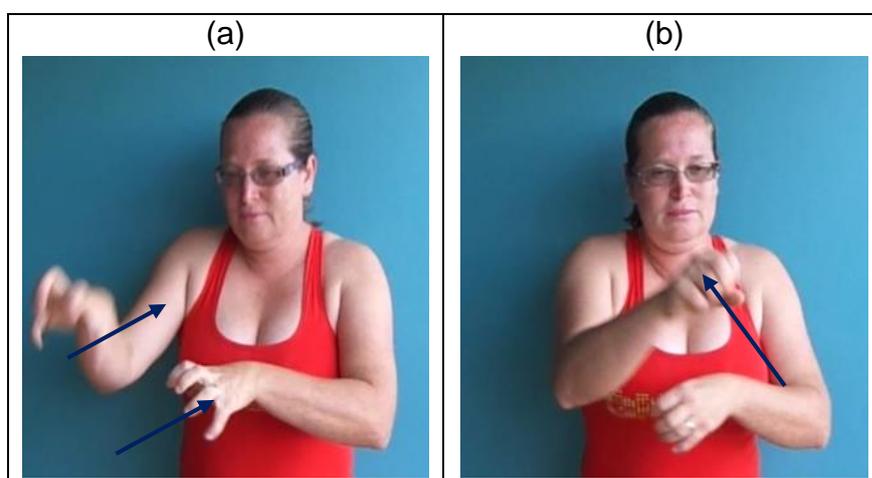
4.2.2.3 Complexidade e difusão espacial

O traço de complexidade e difusão espacial descreve as múltiplas relações inerentes a um conceito verbal. Um evento é difuso no espaço porque descreve as relações existentes entre diferentes participantes, bem como suas várias etapas de desenvolvimento durante o seu tempo de duração.

Na produção do sinal ACONSELHAR (4.22), a sinalizante demonstra os vários participantes do evento através de pontos de referência durante a sinalização. No contexto narrativo, ela conta que as suas duas filhas brigam e que ela as aconselha. Assim, primeiramente ela direciona o sinal movendo o corpo sutilmente para a direita e logo em seguida repete o sinal com o corpo voltado para a esquerda. Percebem-se então três participantes no espaço de sinalização: as duas filhas e a mãe.

(4.22) ACONSELHAR 'aconselhar' ¹⁰⁵

Outro exemplo semelhante é o sinal BUSCAR (4.23), no contexto em que a sinalizante diz que buscava suas filhas na escola, partindo do centro dêitico (ela mesma) e indicando outros participantes no espaço de sinalização para representação do evento e suas etapas de desenvolvimento.

(4.23) BUSCAR 'buscar' ¹⁰⁶

4.2.2.4 Agentividade e atividade mental

Os traços de agentividade e atividade mental remetem, respectivamente, a ações voluntárias de seres animados, e ao grau de esforço consciente envolvido em uma atividade mental descrita por V. Nos dados do corpus, os sinais EXPLICAR e PENSAR ilustram diferentes graus de envolvimento consciente relativo às atividades

¹⁰⁵ Vídeo 3, tempo: 00:08 – 00:09.

¹⁰⁶ Vídeo 3, tempo: 00:33.

mentais (4.24-4.25), contrastando com ATIRAR (4.21) e BUSCAR (4.23), acima, que expressam visualmente a agentividade e a volição através dos sinalizantes.



(4.24) EXPLICAR 'explicar' ¹⁰⁷

O sinal em (4.24) se situa no contexto narrativo em que, após expor sua satisfação com o aumento do número de intérpretes de libras, o sinalizante diz vai explicar o porquê de estar satisfeito.

No contexto em que se situa (4.25), o sinalizante narra que trabalhava numa confecção e, após passar no vestibular do curso Letras Libras, seu amigo o pressionava para que ele trabalhasse com o ensino de libras e ele ficava pensando sobre a questão. A atividade mental “pensar” do sinalizante embora exija a sua própria vontade não implica uma ação concreta.



(4.25) PENSAR 'pensar' ¹⁰⁸

¹⁰⁷ Vídeo 2, tempo: 00:23.

¹⁰⁸ Vídeo 2, tempo: 01:45 – 01:46.

O critério semântico é um importante auxiliar para a identificação das categorias, em se tratando de uma língua visogestual, especialmente porque muitas vezes a análise necessita levar em conta o contexto semântico-pragmático em que ocorre o sinal para decidir pela sua interpretação como N ou V.

Além desses, no entanto, uma análise de natureza tipológico-funcional requer ainda a consideração dos fatores estruturais da enunciação, especialmente quando as interpretações dos dados dependem tão diretamente do contexto comunicativo. A seguir, passaremos então a considerar os critérios gramaticais.

4.3 Critérios gramaticais da libras

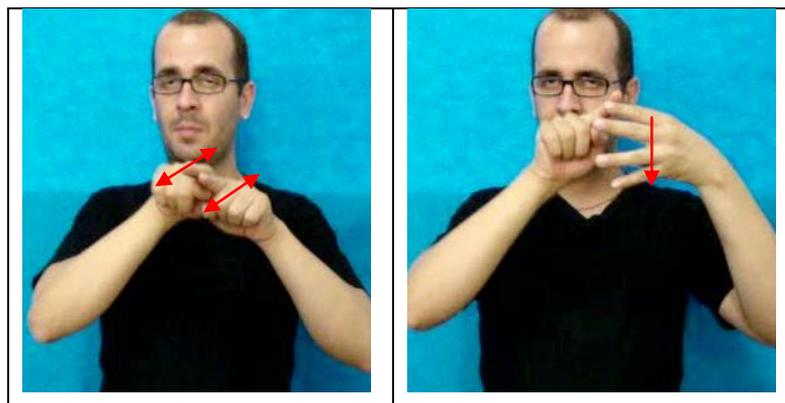
Nesta seção serão levados em conta os critérios gramaticais levantados em Schachter e Shopen (2007) e Praça (2007), os quais incluem distinções gramaticais típicas de N e V, e que se codificam nas LO nos planos morfológico e sintático. Nesta análise, observa-se até que ponto tais critérios serão aplicáveis às LS.

4.3.1 Categorias morfológicas: Gênero, Tempo/Aspecto/Modalidade, Negação

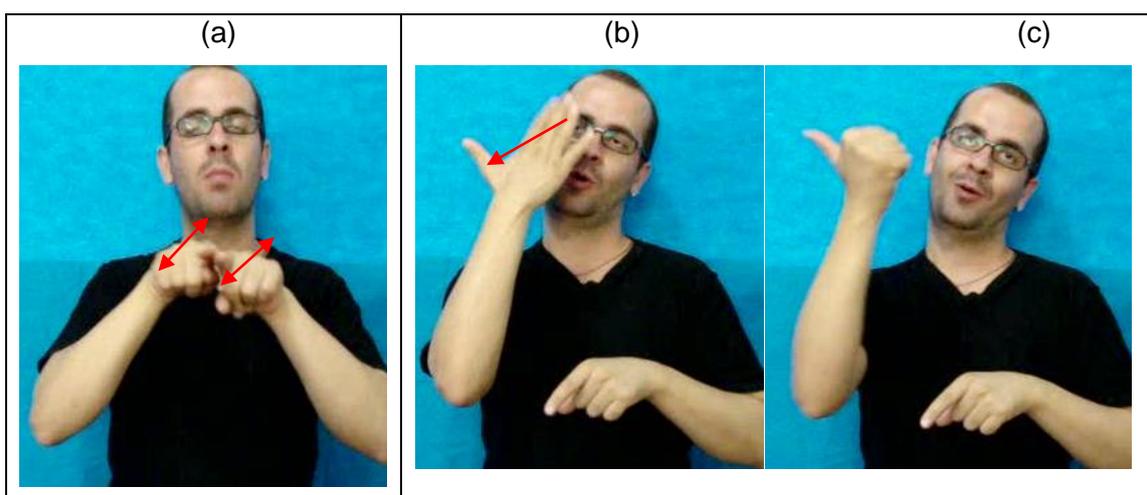
Shachter e Shopen (2007) demonstram através dos dados de línguas orais que as categorias morfológicas típicas de N e V podem ser utilizadas como critério para identificação das classes translinguisticamente. É interessante ponderar, no entanto, sobre até que ponto as categorias morfológicas dos paradigmas orais se conformam à modalidade visogestual.

Em libras, há sinais que consistem da indicação de gênero masculino ou feminino quando o contraste se faz devidamente necessário no contexto pragmático. Contudo, não é o caso de se esperar um sistema de gênero morfológico comparável ao que se vê em LP.¹⁰⁹

¹⁰⁹ Até porque a própria existência de um nível morfológico flexional pode se mostrar uma premissa inadequada na descrição do funcionamento gramatical de LS. (OLIVEIRA, 2013; comunicação pessoal).

(4.26) IRM@ QUATRO 'Somos em quatro irmãos' ¹¹⁰(4.27) PRIMEIR@ MULHER 'A primeira é mulher' ¹¹¹

No enunciado acima, o sinalizador estabelece que há quatro irmãos na família (4.26); a primeira é mulher, bem como a segunda e a terceira (4.27). Ele é o último, único homem. Assim, quando na sequência o sinalizador menciona as irmãs, já não é mais necessário frisar o contraste. O gênero já não vem marcado no enunciado, como se vê em IRM@ CHAMAR1s 'Minha irmã me chamou' (4.28).

(4.28) IRM@ CHAMAR1s 'Minha irmã me chamou' ¹¹²

¹¹⁰ Vídeo 8, tempo: 00:22 – 00:23.

¹¹¹ Vídeo 8, tempo: 00:24 – 00:30.

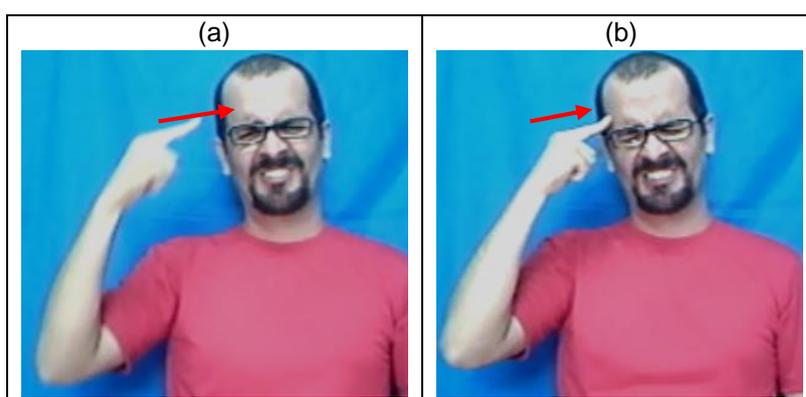
¹¹² Vídeo 8, tempo: 5:00 – 5:01.

Ainda assim, resta a observação de que, quando ocorre abertamente marcado, o sinal indicador do gênero ocorre associado a outro sinal em função referencial, típica de N. Os mesmos índices de gênero são os sinais MULHER e HOMEM, em libras.

No que tange as categorias T/A/M¹¹³, tipicamente verbais, pode-se observar que a indicação morfosintática de tempo segue a mesma linha do gênero, no sentido de se fazer presente mais quando há necessidade de contraste no contexto pragmático. Nos enunciados recém-mencionados, não há marca de tempo na oração CHAMAR1s, o que existe é a contextualização do evento dentro da narrativa: no início, o sinalizante diz que vai contar a sua história de vida, de modo que a narrativa se conforma a uma sequência temporal ocorrida desde o passado.

Por outro lado, as categorias de aspecto e negação se manifestam abertamente nos enunciados da libras, conforme (4.29-4.35). Em LO estas categorias também são tipicamente codificadas como morfologia verbal.

O sinal em (4.29) situa-se no contexto narrativo em que o sinalizante havia passado no vestibular e começado o curso de graduação em Letras-Libras, quando seu amigo insistiu para que ele deixasse de trabalhar como costureiro e passasse a ensinar libras. Em (4.29), o sinalizante demonstra que pensou profundamente sobre o assunto, com a expressão facial indicativa de intensidade. Este sinal inclui a nuance aspectual imperfectiva, pois enfatiza a duração do processo no tempo.



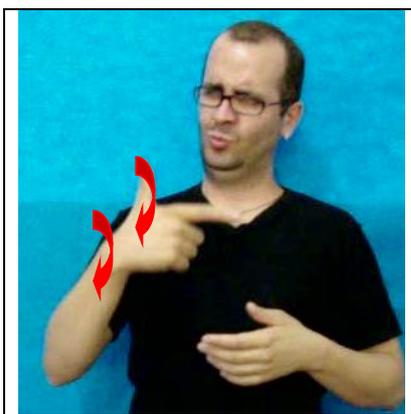
(4.29) PENSARⁱ 'Pensei muito!' ¹¹⁴

¹¹³ Tempo/Aspecto/Modo.

¹¹⁴ Vídeo 2, tempo: 02:04.

A expressão da negação em libras pode ocorrer embutida no sinal que codifica o evento, mas também pode ocorrer em outros lócus dentro do enunciado. Usualmente, a negação se manifesta pela combinação de expressão facial e parâmetro movimento, mas também pode vir acompanhada de expressão corporal.

Em (4.30), o sinal 'não tem' se caracteriza pela combinação de configuração de mão, movimento e expressão facial, resultando num sinal existencial negativo, de natureza verbal.



(4.30) NÃO-TER 'não tem' ¹¹⁵

Em (4.31), o conceito negativo é codificado através da representação de um bloqueio perante as vistas, expresso através da combinação de configuração de mão e movimento, presentes na composição do sinal.

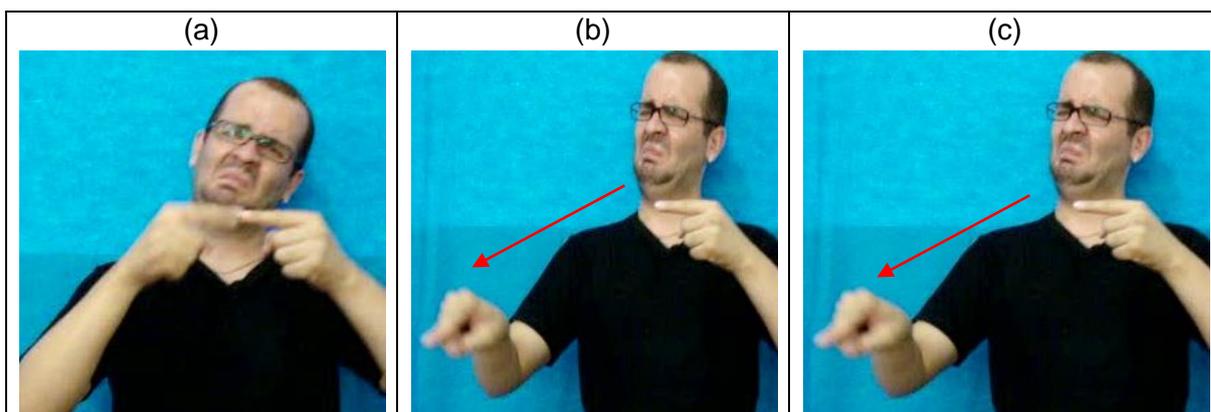


(4.31) NÃO-VER 'não viram' ¹¹⁶

¹¹⁵ Vídeo 8, tempo: 01:45.

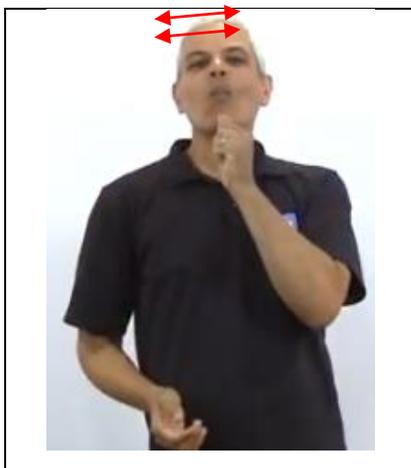
¹¹⁶ Vídeo 6, tempo: 06:39.

Em (4.32), a negação do conceito ‘combinar’ é codificada pela combinação entre expressão facial e movimento de separação dos dígitos utilizados na configuração de mão. Neste caso, é possível identificar a contraparte positiva de base (4.32.a).



(4.32) NÃO-COMBINAR ‘Não combina.’¹¹⁷

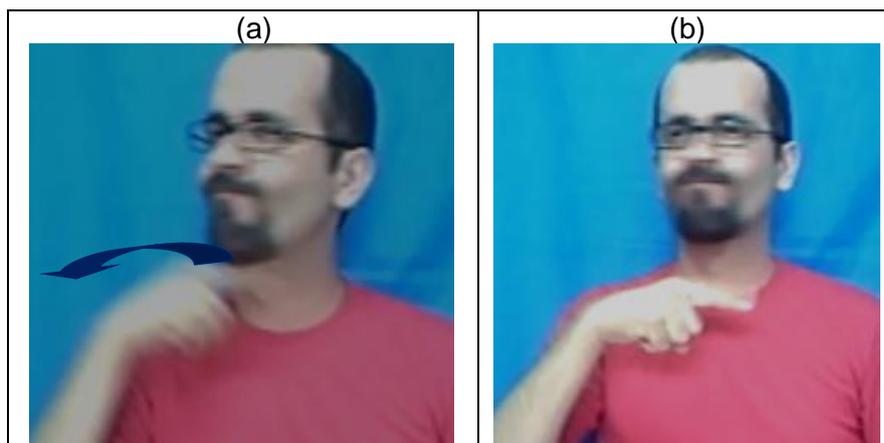
Em (4.33), (4.34) e (4.35), os sinais de base vêm acrescidos do movimento de negação feito com a cabeça.



(4.33) NÃO-TER ‘não tem’¹¹⁸

¹¹⁷ Vídeo 8, tempo: 06:00 – 06:01.

¹¹⁸ Vídeo 5, tempo: 11:18.

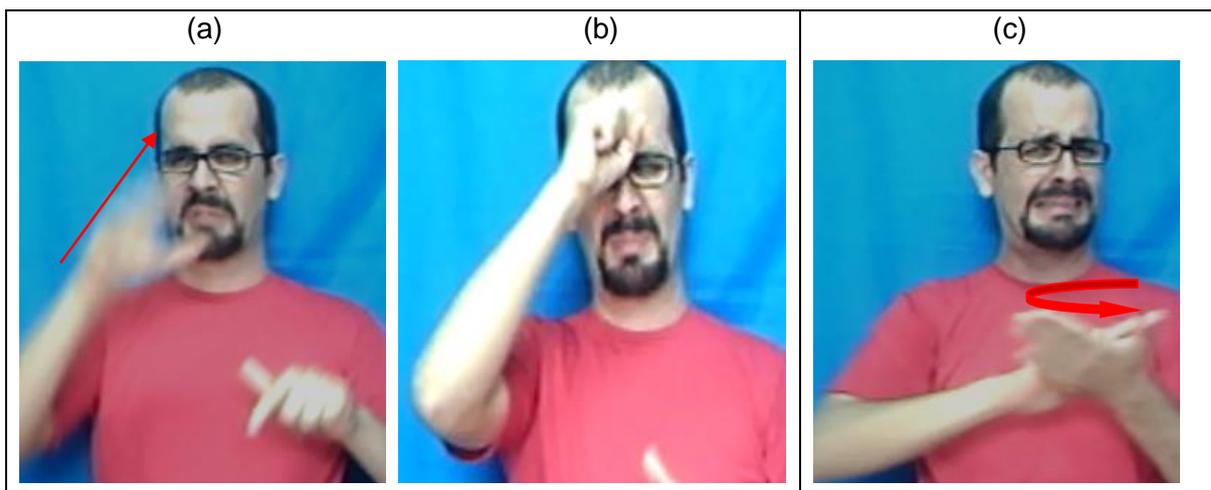
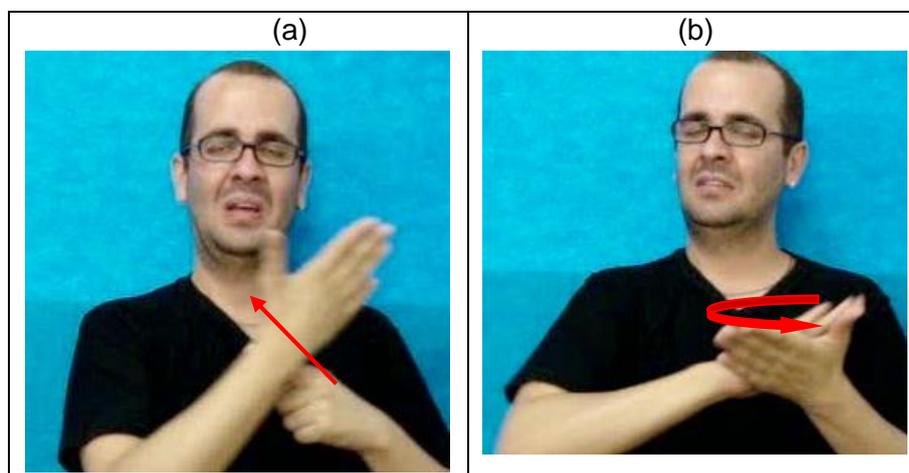
(4.34) NÃO-CONSEGUIR 'não consegui'¹¹⁹(4.35) NÃO-PODER 'não pode'¹²⁰

A negação também se expressa em libras através do sinal NADA (4.36.c; 4.37.b), em combinação com a expressão facial negativa, colocado imediatamente na sequência do predicado a que se refere.

No contexto de (4.36), o sinalizante relata que, devido à deficiência na comunicação, ele não aprendia nada. E em (4.37), o sinalizante relata que estudou numa escola em que os colegas não o ajudavam em nada.

¹¹⁹ Vídeo 2, tempo: tempo: 01:54 – 01:55.

¹²⁰ Vídeo 5, tempo: tempo: 10:00.

(4.36) APRENDER NADA 'não aprendia nada'¹²¹(4.37) AJUDAR-ME NADA 'não me ajudavam em nada'¹²²

4.3.2 Construções predicativas nominais

Dos testes estruturais propostos tanto em Schachter e Shopen (2007), quanto em Praça (2007), as construções predicativas nominais constituem critério útil para a distinção entre N e V, especialmente em línguas do tipo onipredicativo, em que a própria construção sintática é que determina a interpretação que se tem da categoria a que pertence o lexema empregado. Nessas línguas, parece não haver N e V enquanto categorias *lexicais*, sendo as raízes lexicais neutras a esse respeito.

Levando em consideração os estudos sobre as línguas da família Tupi-Guarani, Queixalós (2005) aponta que a onipredicatividade pode sofrer recessão em

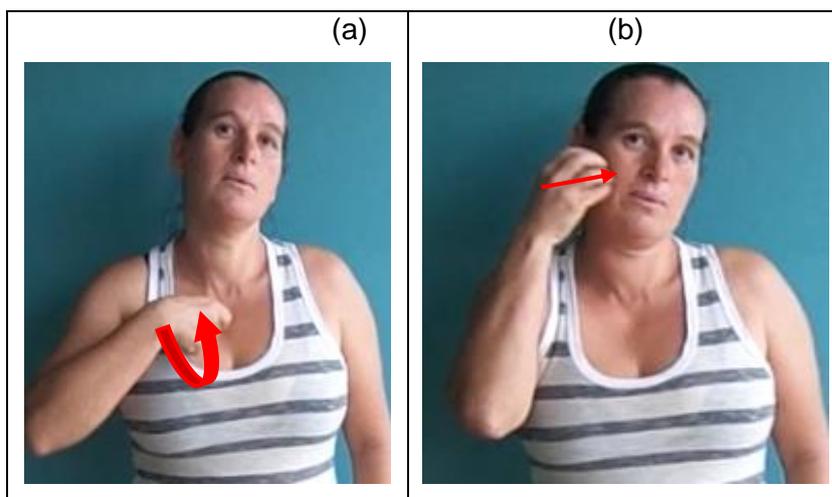
¹²¹ Vídeo 2, tempo: 00:50 – 00:51.

¹²² Vídeo 8, tempo: 03:37 – 03:38.

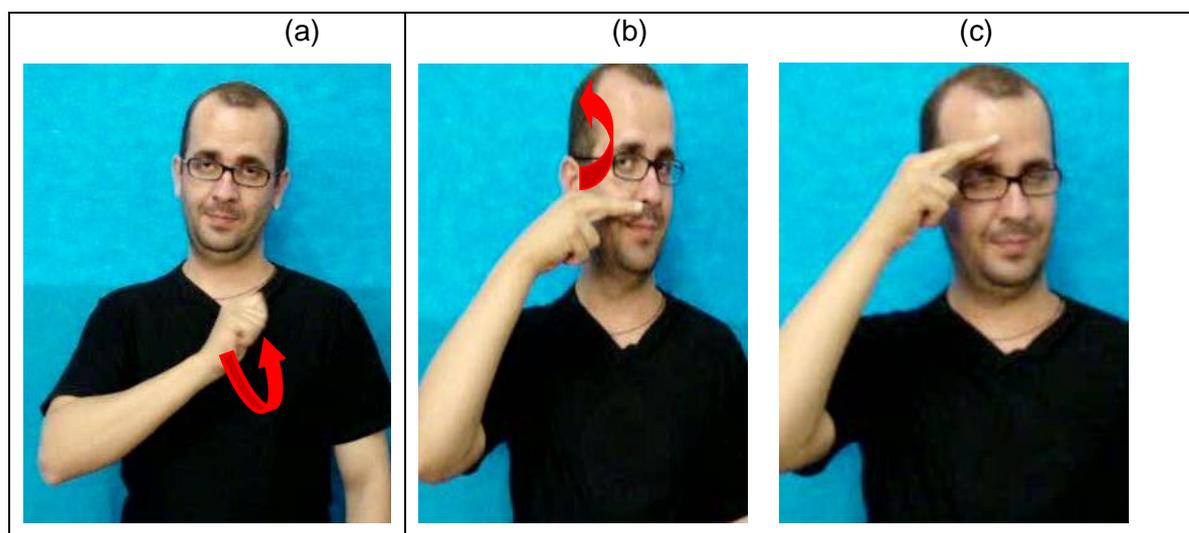
decorrência do surgimento da cópula, embora o uso de cópulas não seja uma característica predominante nestas línguas. Conforme Borges (2006, p. 123) expõe, em Tupinambá “não há nem partículas nem verbos copulativos”.

No *corpus* sob análise, há várias enunciações envolvendo relação de predicação entre itens semanticamente caracterizáveis como N. Nas construções apresentadas a seguir, há ausência de cópula.

Nos enunciados ilustrados abaixo (4.38-4.39), os sinalizantes produzem os sinais SINAL-MEU (a) seguido do seu sinal de identificação¹²³, sem o uso de cópula.



(4.38) SINAL-MEU [SINAL PRÓPRIO] ‘Meu sinal é [sardas].’¹²⁴



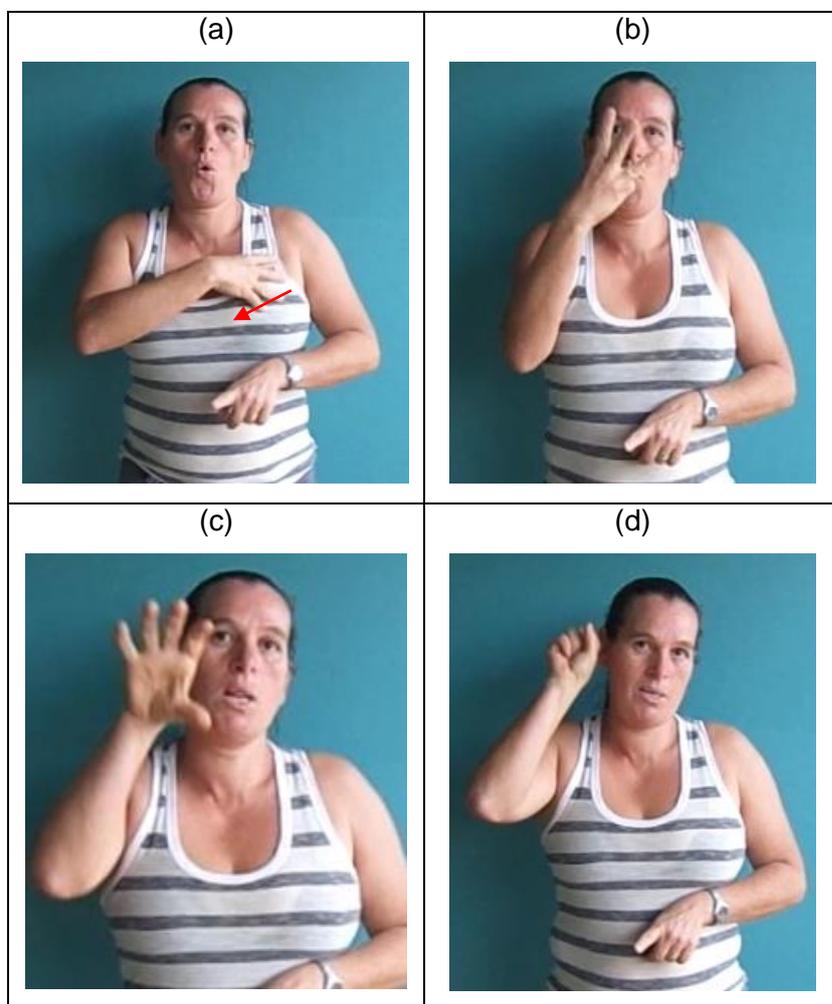
(4.39) SINAL-MEU [SINAL PRÓPRIO] ‘Meu sinal é [x]’¹²⁵

¹²³ Quando uma pessoa se insere na comunidade surda, ela recebe um nome próprio em libras, codificado por aquele que será o seu sinal pessoal na língua. O sinal próprio geralmente se compõe a partir de uma característica visual típica da pessoa e/ou uma representação do seu nome na LP (ver LIMA, 2012). Neste caso, o sinal da sinalizante representa as suas sardas no rosto.

¹²⁴ Vídeo 4, tempo: 00:07 – 00:08.

¹²⁵ Vídeo 8, tempo: 00:09 – 00:10.

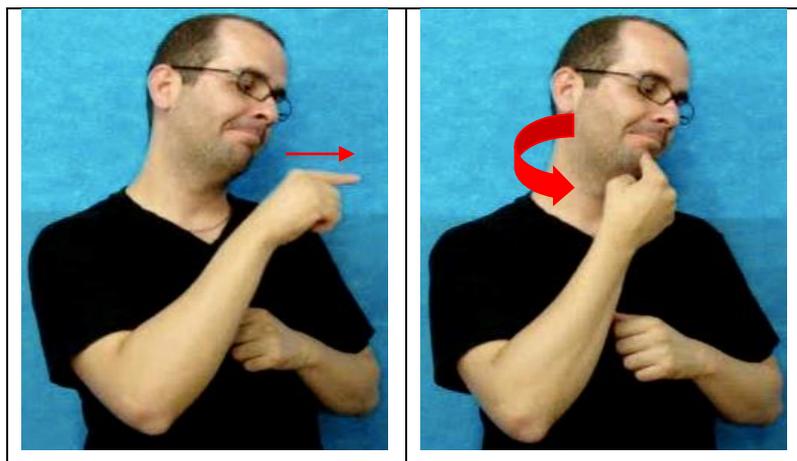
No enunciado a seguir, a sinalizante produz em sequência os sinais FILHO, TRÊS, e OUVINTE para dizer que os três filhos dela são ouvintes (4.40). Novamente, observa-se a ausência de cópula em favor da justaposição dos elementos nominais.



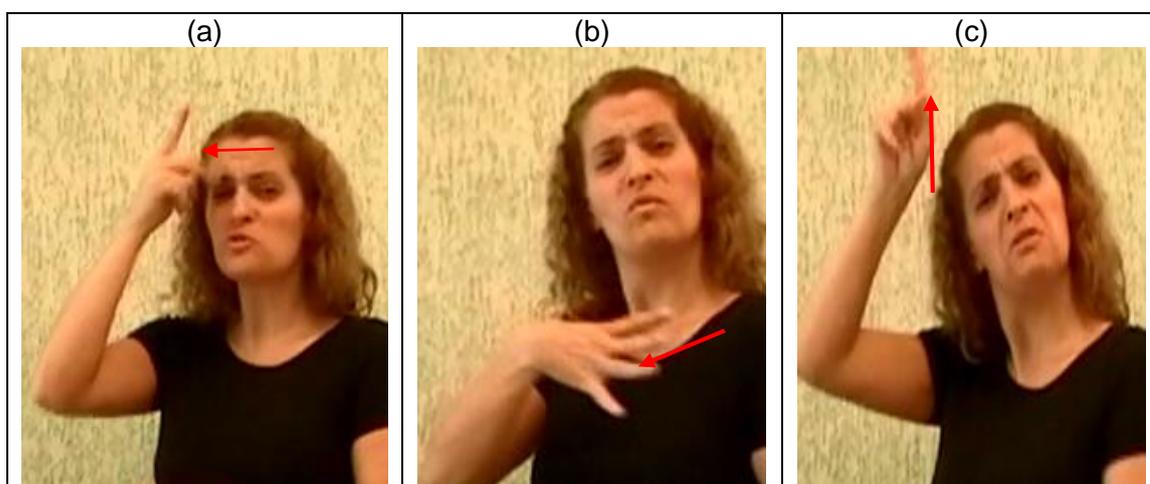
(4.40) FILHO TRÊS OUVINTE 'Os três filhos são todos ouvintes'¹²⁶

No enunciado EL@ SURD@ 'Ele é surdo', o sinalizador narra o momento em que o médico explicou para sua mãe que se tratava de um bebê surdo. Embora este exemplo se situe numa sequência narrativa referente ao passado, não há marca de tempo, nem há cópula. A tradução no tempo presente reflete o discurso direto entre mãe e médico.

¹²⁶ Vídeo 4, tempo: 00:11 – 00:13.

(4.41) EL@ SURD@ 'Ele é surdo' ¹²⁷

Na sentença em (4.42.a-c), a sinalizante produz a sequência de sinais PESSOA, FILH@ e DEUS, nesta ordem. No contexto narrativo, após expor algumas boas ações que a pessoa deve fazer, a sinalizante então conclui que as pessoas que desempenham tais ações são filhas de Deus.

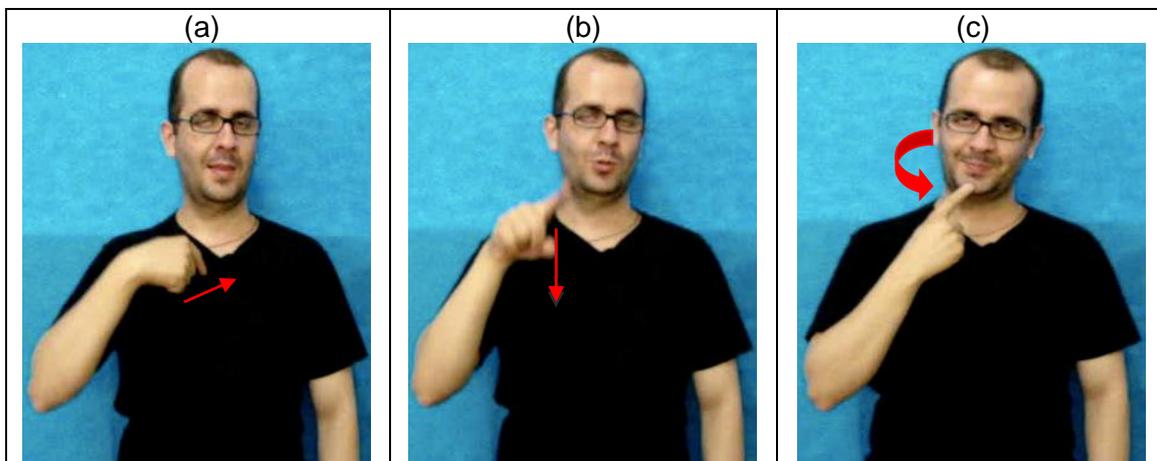
(4.42) PESSOA FILH@ DEUS 'A pessoa é filha de Deus.' ¹²⁸

Outro tipo de construção predicativa nominal presente em libras envolve a expressão do predicado através do uso de É, verbo de ligação emprestado do português. Tais construções são, no entanto, menos recorrentes que aquelas

¹²⁷ Vídeo 8, tempo: 00:46 – 00:48.

¹²⁸ Vídeo 6, tempo: 04:20 – 04:22.

envolvendo justaposição¹²⁹. Casos deste tipo são ilustrados pelo exemplo (4.43) a seguir.



(4.43) EU É SURD@ 'Eu sou surdo'¹³⁰

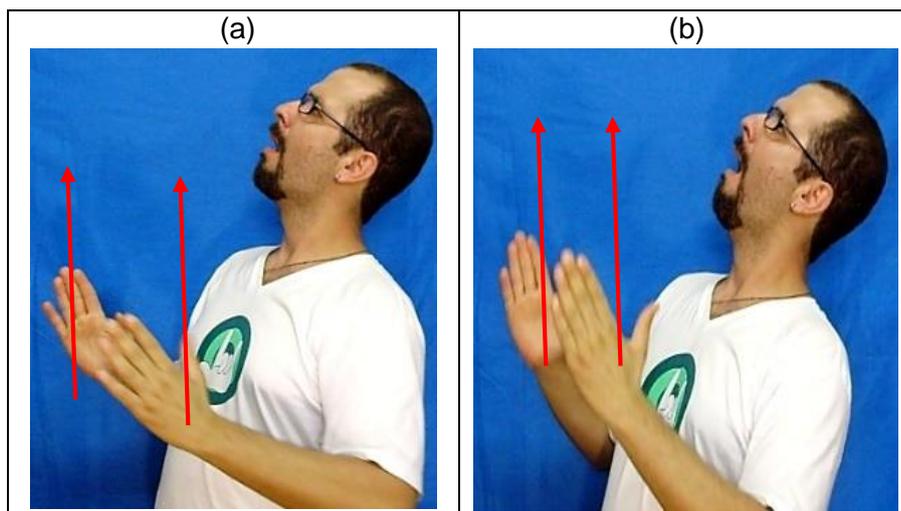
4.4 Considerações de Lima (2012) sobre as categorias lexicais N e V em libras

Conforme mencionado anteriormente, Lima (2012) propõe a adição do traço semântico *dimensão* àqueles arrolados por Givón (2001), para a delimitação da classe N, como um desdobramento da propriedade de *compacidade*. Segundo Lima, a utilidade deste traço na análise da libras é que ele consegue descrever com maior propriedade a representação tridimensional das entidades.

O sinal em (4.44) abaixo ilustra a utilização das dimensões de um edifício, que constituem característica visual tridimensional, para a representação conceitual da entidade em questão, numa língua visogestual.

¹²⁹ Lima (2012) também identificou outros tipos de construções que envolvem a presença de elementos copulativos, mas desta vez, retirados do próprio sistema gramatical da libras, sem envolver empréstimos de qualquer ordem. Para maiores detalhes, ver LIMA (2012).

¹³⁰ Vídeo 8, tempo: 00:10 – 00:12.



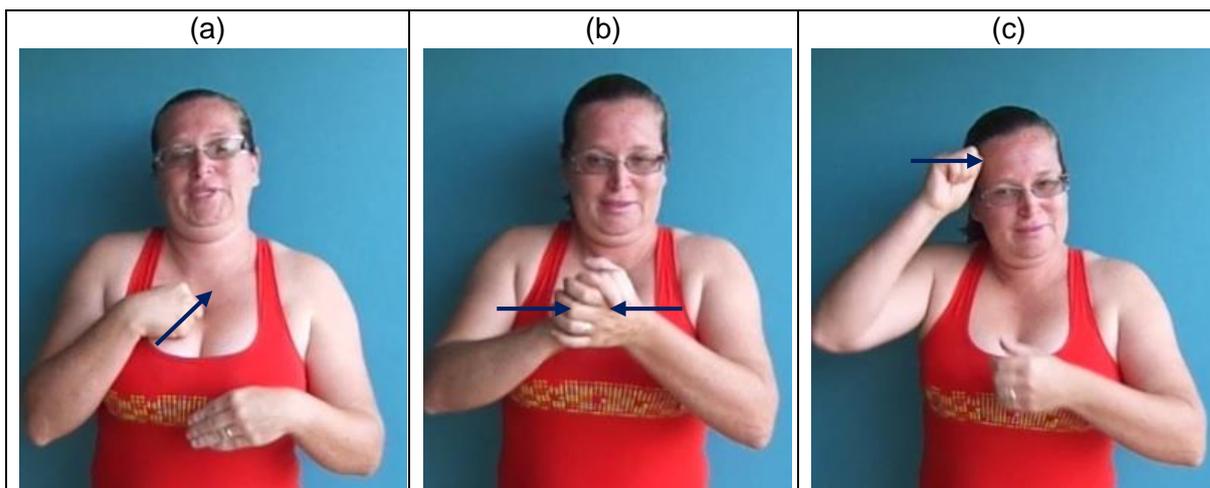
(4.44) PRÉDIO 'prédio'

O emprego da dimensão como característica presente na representação visual dos conceitos de ordem nominal pode ser observado também em alguns exemplos já citados anteriormente, como é o caso dos sinais BEBÊ e LIVRO. Sinais pertencentes a esse conjunto tipicamente codificam N e são caracterizados por outros traços semânticos prototípicos da classe.

Lima (2012) destaca a importância de se levar em conta ainda a construção sintática na qual os itens lexicais estão inseridos, já que um mesmo item lexical pode expressar conceitos pertencentes a categorias distintas. Um fator determinante continua sendo o contexto da enunciação, como se pôde perceber na análise do contraste entre 'ir de avião' (4.1) e 'avião' (4.3, 4.5, 4.6) vistos anteriormente.

Além desses, outra instância selecionada do nosso *corpus* ilustra bem a ambivalência de um mesmo sinal, dependendo do contexto de ocorrência. Trata-se da distinção entre os conceitos 'casar' e 'espos@', expressos por um mesmo sinal (mesma estrutura nuclear interna). A interpretação de CASAR / ESPOS@ como N ou V será definida com base no contexto pragmático, conforme ilustram (4.45-4.46).

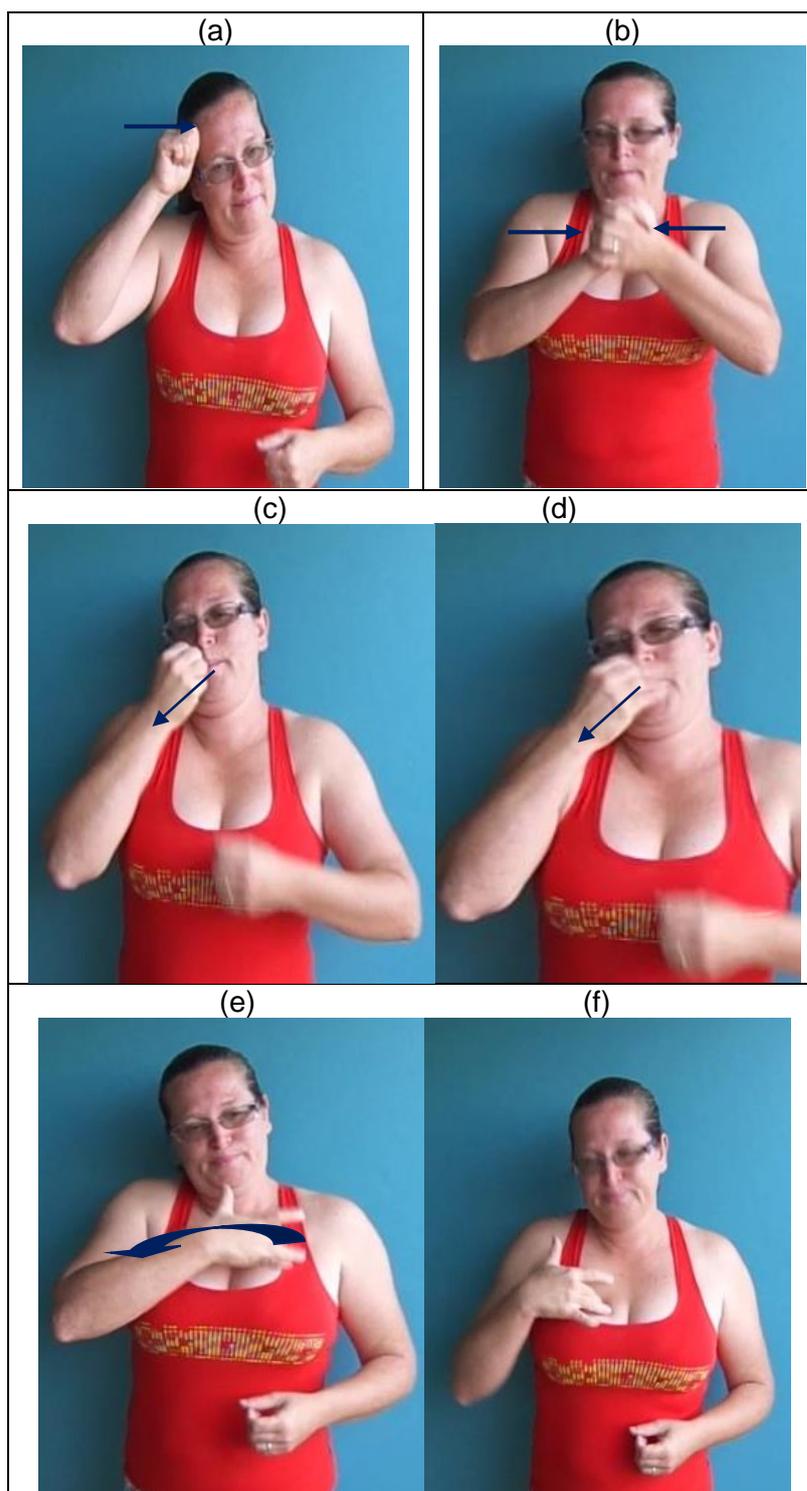
No enunciado em (4.45), a sinalizante declara que é casada com Aparecido, a partir do contexto narrativo em que fala sobre si e sua família. Neste caso, a interpretação é de que se trata de um evento envolvendo o conceito 'casar'.



(4.45) EU CASAR APARECIDO 'Eu sou casada/casei com Aparecido'¹³¹

Por outro lado, a predicação no enunciado (4.46) é 'estar bem de saúde'. Neste contexto, os sinais recorrentes – CASAR e APARECIDO – são mais adequadamente interpretados como remetendo a um referente, a saber, 'meu marido Aparecido', em vez de efetivamente expressarem uma predicação.

¹³¹ Vídeo 3, tempo: 00:20 – 00:22.



(4.46) APARECIDO ESPOS@ BEM SAÚDE
 'O esposo Aparecido está bem de saúde'¹³²

Assim, vê-se que o mesmo sinal presente em (4.45.b) e em (4.46.b) pode ser interpretado como V e como N, respectivamente, dependendo do contexto da enunciação.

¹³² Vídeo 3, tempo: 01:14 – 01:16.

Lima (2012) observou em seu corpus que a datilologia ocorreu entre os sinais da classe N. No nosso *corpus*, também encontramos vários exemplos de datilologia em libras que corroboraram a observação de Lima, conforme (4.1).

Quadro 4.1

Itens lexicais: datilologia e contexto de enunciação

Vídeo	Item lexical	Contexto da enunciação
1	R-I-O D-E J-A-N-E-R-O	Título da história do vídeo. Houve supressão da letra “I”.
1	M-A-R	O sinalizante utiliza a datilologia deste item lexical em dois momentos: - Ao narrar que o amigo o chamou para ir à praia conhecer o mar. Nesta enunciação, ele utiliza apenas a datilologia; - Ao narrar que ele e o amigo foram à praia e ficaram admirando o mar. Nesta enunciação, ele produz o sinal MAR e logo faz a datilologia.
2	Q-U-I-N-Z-Z-U-C-A	Apresentação do nome do sinalizante.
2	R-I-O V-E-R-D-E	O sinalizante cita a cidade em que ele nasceu. Primeiro ele produz o sinal da cidade, logo após usa a datilologia.
2	A-N-T-O-N-I-O	O sinalizante cita o nome do seu amigo.
5	M-A-R-I-A	O sinalizante cita o nome de Maria, e diz que ela era irmã de Lázaro. Logo após contar uma história bíblica na qual ela é uma das personagens.
5	C-O-M-P-A-N-H-E-I-R-I-S-M-O	O sinalizante fala sobre a importância de conhecer, conversar, ajudar e ficarmos junto das pessoas, que isto se chama companheirismo.
5	R-I-O	O sinalizante vai falar de uma história de um intérprete do Rio de Janeiro, ele diz que a história aconteceu “aqui”, realiza a datilologia e em seguida faz o sinal RIO DE JANEIRO.
5	S-A-C-O	O sinalizante começa a contar a história de um homem, faz datilologia, e logo em seguida, ele simula o

		homem com o saco pendurado nas costas.
6	T-E-M-P-E-R-A-N-Ç-A	A sinalizante utiliza a datilologia para falar o tema da narrativa, logo em seguida ela diz que temperança é cuidar do corpo.
7	R-I-O	O sinalizante usa a datilologia para fazer referência à cidade em que aconteceu uma tragédia numa escola pública, logo em seguida, ele faz o sinal RIO-DE-JANEIRO.
7	F-A-V-E-L-A	O sinalizante usa a datilologia para citar que a escola onde aconteceu a tragédia, localiza-se na favela do Rio de Janeiro. Logo após fazer a datilologia, ele faz o sinal FAVELA.
8 ¹³³	Q-U-I-N-Z-Z-U-C-A	Apresentação do nome do sinalizante.
8	U-N-A-Í	O sinalizante usa a datilologia ao fazer referência à cidade em que ele morou durante um tempo, logo após ele produz o sinal MINAS GERAIS, que é o estado à que a cidade pertence.
8	A-P-A-E	Lugar onde o sinalizante estudou na cidade de Unaí - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).
8	A-N-T-O-N-I-O	O sinalizante cita o nome do seu amigo e logo em seguida fala o sinal do mesmo.
8	S-U-M-E	O sinalizante cita que foi à Subsecretaria Metropolitana de Educação (SUME) para tentar um contrato especial como instrutor de libras.
8	C-O-E-E	O sinalizante cita que foi à Coordenação de Ensino Especial (COEE) para tentar um contrato especial como instrutor de libras.

¹³³ Os vídeos 2 e 8 contêm o depoimento do mesmo sinalizante, por isso algumas informações coincidem. Porém o vídeo 2 é mais resumido, e o vídeo 8 apresenta vários detalhes da sua vida.

De acordo com Zeshan (2002), a datilologia é a fase inicial de um empréstimo linguístico entre as línguas em contato, sendo que os empréstimos ocorrem predominantemente em torno de conceitos da categoria lexical N (NASCIMENTO, 2010; VILELA, 1994).

Lima (2012) afirma também que os sinais que representam V devem ter necessariamente o parâmetro movimento, em decorrência da ideia de dinamicidade à qual remetem esses itens. Porém se considerarmos o deslocamento das mãos para a formação dos sinais como movimento, todos os sinais manuais, terão movimento, independentemente de serem N ou V.

Por outro lado, se levarmos em consideração apenas as mudanças de configuração de mão, orientação da palma ou locação durante a realização do sinal, teríamos tanto itens lexicais pertencentes à categoria N quanto à categoria V. Um determinado item lexical nominal pode apresentar uma ideia maior de dinamicidade que um determinado item lexical verbal, como por exemplo, “liquidificador” e “ajoelhar”, sinal apresentado por Felipe e Monteiro (2007) como sem movimento (seção 3.2). Esse nível de dinamicidade ao qual nos pode remeter um item lexical, de certa forma terá influência no parâmetro movimento dos sinais, conforme exposto nas figuras (4.3) e (4.4) a seguir.

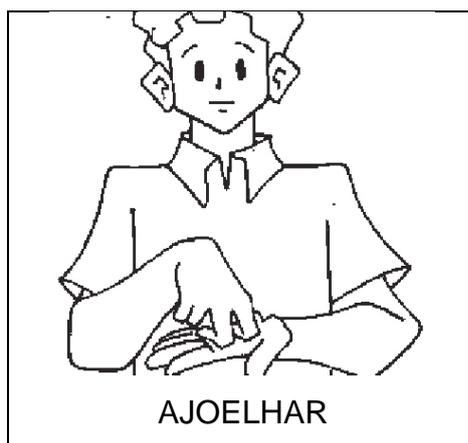


Figura 4.3: Sinal AJOELHAR¹³⁴

¹³⁴ Reproduzido de Felipe e Monteiro (2007, p. 22).

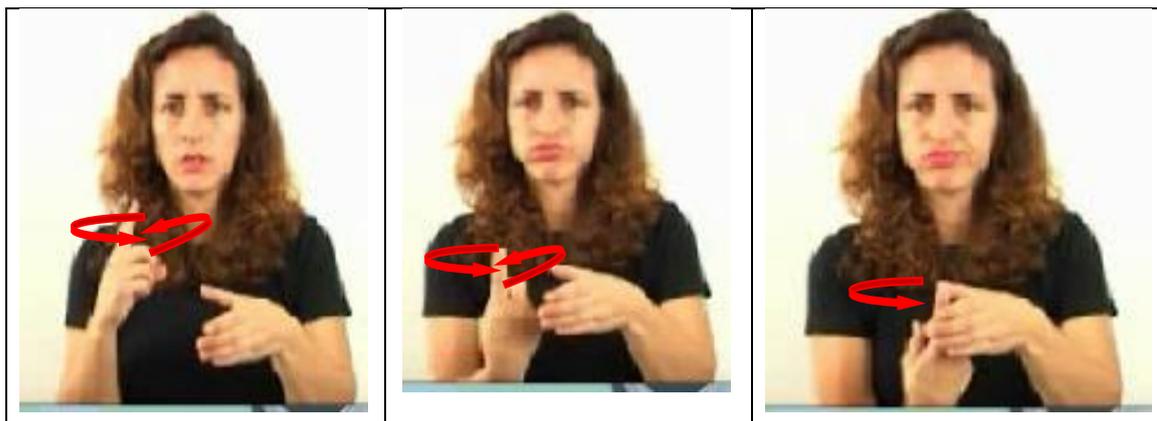


Figura 4.4: Sinal LIQUIDIFICADOR¹³⁵

Acreditamos que a existência ou do tipo de movimento está bem mais relacionado com a ideia de dinamicidade a que o item nos pode remeter, do que ao pertencimento daquele item a uma categoria lexical.

Além disso, conforme Givón (2001), N e V, bem como outras categorias lexicais, apresentam diferentes níveis de prototipicidade, de modo que mesmo aqueles menos prototípicos podem ser categorizados dentro da mesma classe.

4.5 Algumas considerações a partir da ótica cognitivista

Na recém apresentada análise dos dados da libras, observou-se que a modalidade visogestual nem sempre permite uma interpretação categórica como as que se vê em línguas orais, em que as palavras consistem de unidades formais que podem ser entendidas como distintas, e que se organizam paradigmaticamente com respeito umas às outras.

Línguas de sinais (LS) são muito mais livres na sua forma de expressão por serem visualmente acessíveis, de modo que formas significativas de expressão podem se manifestar a partir de qualquer ponto no corpo do sinalizante, para além dos sinais convencionados. Os próprios sinais que compõem o sistema da língua muitas vezes são formalmente bem distintos, embora remetam a um mesmo domínio conceitual.

Além disso – ou em razão disso –, a questão de se definir se há ou não a distinção entre as categorias lexicais N e V se torna uma tarefa um tanto mais

¹³⁵ Sinal retirado do dicionário virtual: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>>

espinhosa, já que formalmente não se pode contar com critérios de ordem morfológica com a mesma produtividade que nas LO.

Em LS, o critério formal mais útil sempre remete à organização sintática e pragmática da mensagem. Associado a este, pode-se contar também com a caracterização semântica, que nos proporciona neutralidade suficiente para enxergarmos os fatos estruturais da língua como ela é.

Nesta seção, retomaremos alguns conceitos desenvolvidos por Langacker (2008). Trataremos agora do plano cognitivo, no intuito de buscar algumas interpretações adicionais para os fenômenos abordados nas seções anteriores.

Langacker (2008), como já foi dito, chama atenção para a possibilidade de se definirem as categorias em termos de esquemas conceituais mais gerais, que englobem todos os membros da classe.

A definição de arquétipo que nos interessa aqui vem da psicologia jungiana, segundo a qual o arquétipo é um padrão herdado de pensamento ou de imaginário simbólico derivado de experiências coletivas passadas, presentes no inconsciente individual¹³⁶. É dessas experiências arquetípicas que surgem os esquemas conceituais.

Os esquemas, por sua vez, remetem a um nível conceitual mais amplo e abstrato, do qual se pode eleger um perfil, que é “o foco de atenção dentro do conteúdo invocado”¹³⁷. Segundo o autor, “[o] que determina a categoria gramatical de uma expressão não é o seu conteúdo conceitual geral, mas a natureza do seu perfil em particular”¹³⁸.

Neste ponto, podemos tomar como exemplo o sinal ESPOS@/CASAR, da libras. A partir de um mesmo esquema conceitual (caracterização genérica da grade conceitual envolvendo noivos, padre, alianças, padrinhos, bolo, festa, etc), pode-se estabelecer os perfis que remetem aos conceitos ‘casar’, por um lado, em que o foco recai sobre o evento; e ‘espos@’, por outro, cujo foco são os cônjuges envolvidos. O mesmo se pode dizer dos exemplos IR-AVIÃO / AVIÃO, cujos perfis são distintos entre si. Então, cada um desses perfis define uma categoria prototípica – N ou V.

¹³⁶ The American Heritage Dictionary of the English Language, 4. ed. Boston-MA: Houghton Mifflin Co, 2000. Tradução nossa. No original: “Archetype. In Jungian psychology, an inherited pattern of thought or symbolic imagery derived from past collective experience and present in the individual unconscious.”

¹³⁷ Tradução nossa. No original: “The profile is the focus of attention within the content evoked.” (LANGACKER, 2008, p. 98)

¹³⁸ Tradução nossa. No original: “What determines an expression’s grammatical category is not it’s overall conceptual content, but the nature of it’s profile in particular.” (LANGACKER, 2008, p. 98)

Tais categorias, no entanto, não se definem neste contexto como classes lexicais. Dizem respeito, em vez, a processos cognitivos distintos, envolvendo habilidades presentes em vários domínios da experiência humana. O autor enfatiza, dentre essas, as nossas capacidades de (a) agrupamento; (b) reificação; (c) apreender relações; e (d) rastrear relações através do tempo. Tais capacidades nos permitem uma caracterização esquemática plausível das categorias N e V.

O *agrupamento* pode ocorrer em diferentes níveis de organização conceitual, e é motivado por fatores tais como a contiguidade e a similaridade entre os elementos, bem como o reconhecimento de configurações familiares. Uma vez estabelecido, um grupo pode funcionar como uma unidade em níveis de conceitualização mais elevados.

Essa capacidade de manipular um grupo como se fosse uma entidade unitária para fins cognitivos mais elevados é o que Langacker (2008) chama de *reificação*. Ele define *coisa* como sendo o produto de agrupamento e reificação. Esta é uma caracterização de N, que ele considera “*conceptualmente autônomo*, no sentido de que podemos conceitualizá-lo independentemente da sua participação num evento.”¹³⁹

Já as habilidades de *apreender relações* e *rastrear* essas relações através do tempo estão envolvidas no reconhecimento de V. Como observa Langacker (2008), um “evento é *conceptualmente dependente*, não pode ser concebido sem se conceberem os participantes que interagem para constituí-lo”¹⁴⁰.

Enfim, a contribuição desta discussão é levantar o ponto de que, se N e V forem entendidos sob o ponto de vista dos processos cognitivos envolvidos, e não como categorias lexicais em si. Nesse sentido, as categorias devem ser entendidas como um processo amplo das conceitualizações que elas remetem – entidade ou evento, e não apenas à estruturação morfológica dos léxicos. Sendo assim, poderia se dizer que N e V de fato constituem uma distinção universal. E este ponto pode contribuir para uma reavaliação do universal de Greenberg (1966).

¹³⁹ Tradução nossa. No original: “An object is **conceptually autonomous**, in the sense that we can conceptualize it independently of its participation in an event.” (grifo do autor)

¹⁴⁰ Tradução nossa. No original: “An event is **conceptually dependent**, it cannot be conceptualized without conceptualizing the participants who interact to constitute it.” (grifo do autor)

CAPÍTULO 5

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: AS CATEGORIAS NOME E VERBO CONSTITUEM UM UNIVERSAL ABSOLUTO?

Neste capítulo, oferecemos algumas reflexões sobre a influência da modalidade na organização gramatical das línguas de sinais (LS), em especial, no que se refere às categorias lexicais N e V. Diante da especificidade da modalidade visogestual, discutiremos sobre o universal absoluto da distinção das categorias lexicais N e V. Apresentamos três seções para a divisão deste capítulo. Na primeira seção, discutimos sobre o papel dos gestos no uso da libras. A segunda seção apresenta uma relação das características prototípicas e da iconicidade em N e V da libras. A terceira seção apresenta uma discussão sobre como os dados da libras podem interferir no caráter absoluto do universal linguístico da distinção das categorias lexicais N e V.

5.1 O papel dos gestos no uso da libras

Durante o processo de transcrição, tradução e análise dos dados, deparamo-nos com gestos que não remetem a itens lexicais, propriamente, mas que de forma alguma devem ser ignorados, devido ao seu valor linguístico. Um exemplo ilustrativo se apresenta na transcrição em (5.1).

(5.1) Tempo: 00:11 – 00:17 (Vídeo 1)

EU IR AVIÃO EU IR bolsa/ombro COLOCAR (faz movimento com o corpo de caminhar segurando a bolsa).

Tradução para o Português: Eu fui de avião, coloquei a bolsa no ombro e saí andando.

A anotação entre parênteses presente na glosa, “faz movimento com o corpo de caminhar segurando a bolsa”, assim como em outros casos encontrados durante a análise de dados, refere-se aqui aos *gestos* presentes no sinal. De forma bastante simplificada, tomamos por gestos as ações corporais produzidas intencionalmente durante as enunciações em Libras, as quais contribuem diretamente para a compreensão da comunicação verbal (KENDON, 2004).

McCleary e Viotti (2011) apontam a existência dos gestos tanto nas línguas orais (LO) quanto nas LS. Os autores, no entanto, defendem que, nas LS, a ocorrência dos gestos é mais frequente, tornando-se mais difícil estabelecer a distinção entre o que é gestual e o que é propriamente linguístico. Os gestos possuem mais relevância na organização gramatical das LS que das LO. Para os autores, durante a construção do discurso, os gestos proporcionam uma variedade muito grande de subsídios aos sinais manuais convencionalizados:

Nas línguas sinalizadas, a criatividade parece estar, sobretudo, na utilização de diversas combinações, em diferentes graus, de partes linguísticas e partes gestuais para a criação de novas expressões, para a adição de qualificações às expressões, para a indicação do ponto de vista e afeto do sinalizador em relação aos referentes das expressões, para a descrição de lugares, objetos ou movimentos, para a narração de eventos e para a explicação de ideias (MCCLEARY; VIOTTI, 2011, pág. 291).

A modalidade visogestual implica numa dificuldade maior na distinção entre os planos gestual e linguístico do que normalmente ocorre nas LO, em decorrência dos canais de produção da língua. Enquanto nas línguas orais auditivas, durante a fala os gestos são produzidos predominantemente com as mãos e a fala com a boca, nas LS os canais de produção podem coincidir tanto em itens linguísticos como gestuais (MCCLEARY; VIOTTI, 2011).

Apresentamos elementos percebidos em nossa análise que não seguem totalmente uma convenção existente nos sinais, mas que se tornam indispensáveis ao entendimento das enunciações em libras, conforme exemplos a seguir (5.2).



(5.2) Movimento corporal de caminhar enquanto segura a bolsa¹⁴¹

¹⁴¹ Vídeo 1, tempo: 00:11 – 00:17

No exemplo (5.2) o sinalizante faz um movimento com o corpo simulando o ato de andar. O sinal ANDAR em libras, encontrado nos dicionários referindo-se a pessoas, certamente não é a movimentação do corpo fazendo uma simulação do ato de andar, conforme exposto no exemplo (5.3), porém nesta enunciação o gesto de movimentação do corpo pode apresentar uma equivalência a um item lexical pertencente à categoria V. A presença dos gestos na enunciação em libras nos possibilitou a tradução livre ‘eu fui de avião, coloquei a bolsa no ombro e saí andando’, visto que a expressão ‘saí andando’ só foi possível pelo movimento do corpo do sinalizante.

O mesmo gesto de movimentação do corpo juntamente com o segurar a bolsa é produzido pelo sinalizante, mas desta vez com a presença do sinal ANDAR, conforme exemplo (5.3).



(5.3) Movimento corporal de caminhar enquanto segura a bolsa e sinaliza ANDAR¹⁴²

No exemplo (5.3) tal gesto não é o único determinante da indicação de que o sinalizante estava andando, pois há a presença do sinal ANDAR, porém permite uma maior visibilidade da enunciação ao balançar o corpo simultaneamente com o sinal ANDAR e bolsaSEGURAR.

Apesar de não ter sido citado por Greenberg (1966) como um universal absoluto, os gestos estão presentes tanto em LO como em LS, e de acordo com Ducan (2003), podem ser considerados um universal linguístico.

Nas LS os gestos apresentam uma maior relevância devido à modalidade visogestual, porém o fato das produções serem feitas pelo mesmo canal dificulta a

¹⁴² Tempo: 01:22-01:25

diferenciação entre o verbal e o gestual (MCLEARY; VIOTTI, 2011). Conforme exposto, em nossos dados, identificamos nos gestos a equivalência de um item lexical pertencente à categoria V e como um recurso que produz maior visibilidade na enunciação, podendo ser esta denominada de entonação.

Liddell (2004) declara que um dos motivos da entonação e dos gestos não receberem a devida atenção na linguística é o fato da dificuldade de registro escrito dos mesmos. Porém estes recursos não podem ser tratados como instrumentos periféricos na linguística, pois eles apresentam um papel central na organização gramatical de uma língua. Ao se referirem à entonação e aos gestos nas LS, o autor afirma que a entonação e os gestos são elementos constitutivos e expressam a estrutura fundamental das sentenças.

5.2 A relação das características prototípicas e da iconicidade em N e V na libras

A estabilidade temporal, a complexidade, a concretude e a compactação espacial são traços semânticos propostos por Givón (2001) para classificar de forma geral os itens lexicais nas categorias N e V (seção 3.1.1). Apesar dos traços semânticos coincidirem para as duas categorias lexicais, cada um dos traços apresentará sua especificidade em cada categoria, implicando assim em diferentes níveis de prototipicidade dos itens lexicais nas categorias N e V.

Os itens lexicais mais prototípicos da categoria N nos dão a ideia de uma entidade com considerável estabilidade temporal, complexidade, concretude, compactidade espacial e ainda, uma característica prototípica de N, a possibilidade de remeterem à contabilização. Lima (2012) sugere ainda o traço semântico da dimensão para a categoria N em língua de sinais (LS).

Os itens lexicais mais prototípicos da categoria V nos remetem a ideia de uma baixa estabilidade temporal, codificando situações com dinamicidade no decorrer do tempo. A complexidade também é presente no V, mas ao invés de remeter às características complexas de que uma entidade é composta, como acontece com os N, remete ao envolvimento de diferentes participantes ou diferentes estágios de desenvolvimento de um evento. A concretude também é presente no V devido a possibilidade de remeter à descrição de ações e mudanças físicas no espaço dos participantes envolvidos. A compactidade presente no V traz a ideia de uma concentração temporal, pois o envolvimento dos participantes num evento implica

numa conceitualização de difusão no espaço. A agentividade e atividade mental são apresentadas por Givón (2001) como traço específico do V, a qual pode remeter à intenção, ao controle, à volição, à atividade mental, ao estado mental e à mudança de estado do participante.

Em nossos dados da libras, podemos perceber nos sinais mais prototípicos das categorias N e V, a existência de uma iconicidade bastante significativa. No entanto, isso não significa que os sinais não icônicos não podem pertencer à categoria N ou V, pois a iconicidade apresenta diferentes níveis.

Apesar de vários sinais na libras possuírem uma forte iconicidade, eles podem não ser previsíveis como afirmam Viotti (2008) e Stokoe (1960), pois são frutos de convenção de um povo e não uma representação direta entre a sua estrutura lexical e a imagem do objeto ou evento que ele representa, conforme afirma Taub (2004, p. 19-20)¹⁴³:

Iconicidade não é uma relação objetiva entre imagem e referente; mais do que isso, ela é uma relação entre nossos modelos mentais de imagem e referente. Estes modelos são parcialmente motivados por nossas experiências corporificadas comuns para todos os humanos e parcialmente por nossas experiências em culturas e sociedades particulares.

Se a iconicidade dos sinais fosse simplesmente uma representação direta da sua estrutura lexical a sua imagem do objeto ou evento que ele representa, todos os sinais seriam iguais nas diferentes LS do mundo. Langacker (2008) ressalta que os seres humanos possuem a capacidade cognitiva de perceber a realidade de formas diversas.

Ainda que os sinais sejam constituídos por intermédio das escolhas em certos aspectos “arbitrárias” de um povo (seção 2.3), de acordo com as experiências vividas, acreditamos na existência da proporcionalidade entre a prototipicidade e a iconicidade, pois, quanto mais representativo de uma categoria for um item lexical, terá mais tendência de apresentar “associações com imagens visuais e ações corporais” (TAUB, 2004, p. 67).

¹⁴³ Tradução nossa, no original :”Iconicity is not an objective relationship between image and referent; rather, it is a relationship between our mental models of image and referent. These models are partially motivated by our embodied experiences common to all humans and partially by our experiences in particular cultures and societies”.

5.3 O caráter absoluto do universal linguístico da distinção das categorias lexicais Nome e Verbo

A distinção entre as categorias lexicais N e V é apontada como um universal absoluto (seção 2.2), tida como uma característica presente em todas as línguas e, embora existam autores que defendam o contrário, os dados contra-argumentativos são considerados insuficientes para a maioria dos linguistas (SCHACHTER; SHOPEN, 2007).

Praça (2007) confirma a existência do universal absoluto da distinção entre N e V, porém demonstra que as funções sintáticas de predicado e argumento podem ocorrer nas duas categorias e que os critérios utilizados para o estabelecimento dessas categorias lexicais não são universais, mas específicos de cada língua. Por exemplo, em Tapirapé é possível uma raiz lexical exercer o papel tanto de N quanto de V, dependendo da morfologia flexional recebida na sentença. Na libras, tal possibilidade é bastante recorrente, dependendo porém de uma análise do contexto e não da morfologia flexional.

Em nossos dados, podemos perceber, em várias enunciações, a existência da distinção das categorias N e V, porém houve uma necessidade de recorrer ao contexto no qual o sinal foi produzido, fazendo uso na identificação das categorias lexicais, de critérios semânticos e principalmente sintáticos e contextuais.

Muitas vezes, um item lexical que nos remete à ideia de um evento, não há como ser separado do item lexical que representa uma entidade, devido à simultaneidade presente na modalidade visogestual (seção 4.1). A ocorrência da indissociação de itens lexicais na libras é bastante frequente e está em consonância com a proposta de Croft (2001) de que as unidades básicas da estrutura linguística são de fato as construções, e não as categorias.

Langacker (2008) afirma que N e V são as categorias mais evidentes nas línguas, porém ele tem a preocupação de observar a adequação de classificação das categorias a todos os membros e não apenas àqueles prototípicos. O autor considera que a língua seleciona e apresenta uma série de processos cognitivos.

De modo geral, a linguística cognitiva concebe a estrutura da língua como uma representação da experiência cultural dos indivíduos, portanto cada língua apresentará diferentes formas para representação das categorias (NEVES, 1997).

Lakoff e Johnson (1999) declaram que o todo o processo de categorização humana é o resultado da forma de interação do nosso corpo e mente. Assim, podemos dizer que indivíduos surdos, usuários fluentes da libras têm como base uma experiência predominantemente visual para a categorização na língua.

Diante da especificidade presente na modalidade da libras, bem como as experiências de indivíduos surdos, questionamos até que ponto a distinção entre as categorias lexicais torna-se possível. Porém se pensarmos em N e V como uma construção cognitiva, em que a mente humana remete a ideia de evento e de entidade, podemos confirmar a universalidade da distinção entre N e V.

Os dados da libras podem nos sugerir uma reflexão sobre o universal linguístico da distinção das categorias N e V, se este é absoluto ou se é implicacional, pois mesmo que na libras ocorra a distinção de N e V, tal fenômeno às vezes pode não permitir um apontamento nítido das categorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou contribuir para os estudos descritivos da libras, e conseqüentemente para os estudos da tipologia linguística, pois, apesar de os estudos tipológicos buscarem uma diversidade na constituição de sua base de dados, seu *corpus* é composto predominantemente por línguas orais (LO), causando então um distanciamento entre os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais e a tipologia linguística.

A discussão central desta pesquisa foi sobre a validação do universal tido como absoluto sobre a distinção das categorias lexicais Nome e Verbo. Para tanto, nos apoiamos em análise de dados linguísticos contextualizados e levamos em consideração estudos existentes sobre as categorias lexicais N e V nas línguas orais e nas línguas de sinais.

Os estudos sobre as categorias lexicais nas línguas orais apontam para a relevância de diferentes critérios. Givón (2001) propõe o critério semântico para a classificação dos itens lexicais, sendo cada categoria composta por traços prototípicos, os quais permitem uma flexibilidade de pertencimento às categorias, pois um item poderá pertencer a uma determinada categoria mesmo sem apresentar todos os traços que a caracterizam.

Os traços propostos por Givón (2001) para as categorias N e V são: estabilidade temporal; complexidade; concretude; e compactação espacial. O traço contabilidade é adicionado à categoria N e o traço agentividade e atividade mental à categoria V. Lima (2012), em sua análise de dados da libras, propõe o acréscimo, ao inventário de Givón (2001), do traço *dimensão* para a caracterização do protótipo N em LS.

Em nossos dados, percebemos a relevância dos traços semânticos apresentados por Givón (2001) e por Lima (2012), porém muitas vezes estes traços por si só não foram suficientes para a categorização dos itens lexicais.

A visão de que léxico e gramática são polos dentro de um mesmo contínuo, bem como as especificidades de cada língua para a definição das categorias, indicadas por Langacker (2008), foram bastante consistentes durante a nossa análise de dados. Vários itens lexicais na libras coincidem para representar tanto N, quanto V, por isso fez-se necessário atrelar os sinais aos contextos de enunciações, a fim de

identificar elementos gramaticais capazes de fornecer subsídios para a identificação das categorias lexicais.

Durante nossa análise de dados pudemos comprovar a observação de Lima (2012) sobre a dependência do contexto discursivo-pragmático no qual o sinal é produzido para a interpretação das funções sintáticas desempenhadas pelos sinais em libras. O contexto é o principal elemento diferenciador na distinção da categoria lexical na libras, mediante a análise do conjunto de acontecimentos numa narrativa, visto que a formação morfológica do sinal por si só, muitas vezes torna-se insuficiente.

Em consonância com os autores supracitados, Schachter e Shopen (2007) apontam o critério gramatical como fundamental para a definição de categorias lexicais. Os autores afirmam que neste critério, tanto os aspectos estruturais internos da gramática de uma língua, bem como as suas informações semânticas e funcionais fazem parte do critério gramatical. A afirmação do autor, também pode ser constatada em nossos dados, visto que houve a necessidade de recorrermos ao contexto de enunciação para identificarmos os aspectos gramaticais e contextuais a fim de identificarmos as categorias lexicais N e V.

A percepção de Praça (2007) sobre a ocorrência de tanto N, quanto V, pertencerem à construção sintática de predicado e argumento no Tapirapé, foi também identificada nos nossos dados em libras. Porém nossa análise de dados não compartilha da relevância de critérios morfológicos para a distinção das categorias N e V do Tapirapé, pois devido à simultaneidade presente na estrutura dos sinais da libras, este nível de análise parece não se sustentar tão bem na modalidade visogestual.

As pesquisas de Supalla e Newport (1978) sobre a língua de sinais americana (ASL) serviram de base para o trabalho de Quadros e Karnopp (2004) sobre a libras, o qual propõe que a distinção de N e V ocorre mediante o parâmetro movimento. Para os autores, nas LS, V se caracteriza por um movimento longo e N por um movimento curto e repetitivo. Assim como Felipe (2006), Figueiredo-Silva e Sell (2009) e Pizzio (2011), em nossos dados, o parâmetro movimento não foi o elemento distintivo das categorias lexicais N e V.

O apontamento do parâmetro movimento como um dos elementos responsáveis pela codificação de aspecto e a incorporação da negação ao verbo, também pode ser identificado de forma recorrente em nossos dados da libras,

corroborando os estudos realizados por Zeshan (2002), Ferreira-Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004).

A ocorrência do parâmetro movimento em todos os itens lexicais pertencentes à categoria V é apontada por Lima (2012) devido ao fato de os sinais representativos desta categoria codificarem uma dinamicidade existente entre os participantes de um evento. Cabe ressaltar, no entanto, como apresenta Givón (2001), que há diferentes níveis de prototipicidade dos itens lexicais de uma mesma categoria, logo alguns sinais V não parecem se caracterizar pela dinamicidade prototípica de V, de modo que alguns sinais caracterizam-se pela ausência de movimento na sua expressão, como analisa Felipe e Monteiro (2007) com respeito ao sinal AJOELHAR.

A datilologia apresentada por Lima (2012) como um recurso ocorrido em seus dados apenas nos itens lexicais representativos da categoria N também foi recorrente em nossos dados.

Percebemos uma proporcionalidade entre a prototipicidade semântica apresentada por Givón (2001) nas categorias lexicais e a iconicidade presente nos sinais da libras de nossos dados. Acreditamos que esta relação de proporcionalidade é justificada pela modalidade que as LS apresentam, pois é possível numa modalidade visogestual selecionar as características visuais prototípicas de uma entidade ou evento e representá-las durante a produção dos sinais. Percebemos ainda a ocorrência de gestos tanto para trazer maior visibilidade, quanto para apontar propriedades semânticas em nossos dados, sendo este um universal linguístico, pois estão presentes tanto em LS quanto em LO.

Finalmente, concordamos com Schachter e Shopen (2007) e Praça (2007) sobre a existência do universal da distinção de N e V e que os critérios de distinção são específicos a cada língua. Os dados da libras, porém nos instigam a questionar o caráter absoluto do universal em questão, pois em algumas sentenças, as noções nominais e verbais estão atreladas a um mesmo sinal. Sugerimos então que, na libras, propriedades N e V sejam analisadas como pertinentes às construções, indissociáveis do contexto, e não como definidoras de categorias de ordem lexical, conforme proposto por Croft (2001).

Esperamos que os estudos descritivos de diversas LS possam colaborar para um estudo de universais linguísticos que abranjam as características específicas da modalidade visogestual.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. *A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciadores*. Campo Grande: UFMS, 2005. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2005.

BORGES, Mônica Veloso. *Aspectos Fonológicos e Morfossintáticos da Língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)*. 2006. 335 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2006.

BRASIL. *Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em 12 dez. 2012.

BRASIL. *Decreto n.º 5626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 12 dez. 2012.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

CASTRO, Alberto Rainha; CARVALHO, Isa Silva. *Comunicação por língua de sinais: livro básico*. Brasília: Editora SENAC, 2005.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1989. (Primeira edição em 1981)

CROFT, William. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CUNHA, Karina Miranda Machado Borges. *A estrutura silábica na Língua Brasileira de Sinais*. 2011. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antônio; CEZÁRIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da;

OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 29-55.

DUNCAN, Susan. Gesture in language: issues for sign language research. In: EMMOREY, Karen (Ed.). *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003, p. 259-268.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra. *Representações lexicais da língua de sinais brasileira*. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FELIPE, Tanya Amara. O processo de formação de palavras na libras. *Educação Temática Digital*, vol. 7, n. 2. Campinas-SP: jun. 2006, p. 200-217.

FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna Salerno. *Libras em contexto: curso básico: livro do professor*. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ. Departamento de Linguística e Filologia. 1995.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. *A elaboração e a apresentação do trabalho de conclusão de curso na área de formação de professores de línguas*. Goiânia, 2010. mimeo.

FIGUEIREDO-SILVA, Maria Cristina. *Morfologia*. Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. (Texto Base do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância)

GESSER, Audrei. *LIBRAS?: que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. Vol. I.

GREENBERG, Joseph Harold. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, Joseph Harold (Ed). *Universals of Language*. 2. ed. Cambridge: The MIT Press, 1966. p. 58-90. (Primeira edição em 1963)

GREENBERG, Joseph Harold. *Language Typology*. A historical and analytic overview. Paris: Stanford University, 1974.

JACOBSEN, William H.Jr. Noun and verb in Nootkan. In: VICTORIA CONFERENCE ON NORTHWESTERN LANGUAGES, 1976, Victoria. Papers... Victoria: British Columbia Provincial Museum, 1979, p.83-153.

KENDON, Adam. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford-CA: University Press, 1987. Vol. I: Theoretical Prerequisites.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LEHMANN, Winfred P. *Syntactic Typology*. Studies in the phenomenology of language. Galveston-TX: University of Texas Press, 1981.

LEITE, Tarcísio Arantes. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIDDELL, Scott K. *Grammar, gesture, and meaning in american sign language*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2004. (Primeira edição 2003)

LIMA, Hildomar José de. *Categorias lexicais na língua brasileira de sinais: Nomes Verbos*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

LOURENÇO, Kátia Regina Conrad; BARANI, Eleni. Educação e Surdez: Um resgate histórico pela trajetória educacional dos surdos no Brasil e no mundo. *Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade*, Petrópolis, n.8, set. 2011. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=591>>. Acesso em: 02 abr. 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MACEDO, Éricka Viviene Faria. *História dos Surdos no Brasil*, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/nai/noticias.php?id=41>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

MAIA, Marcus Antônio. Rezende. *Aspectos tipológicos da língua javaé*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986.

McCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Transcrição de dados em uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: Salles, Heloísa (Org.). *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia, GO: Cãnone Editorial. p. 73-96.

MCCLEARY, Leland.; VIOTTI, Evani. Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Veredas*. Juiz de Fora, v.1, p. 289-304, 2011.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. *Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: línguas em contato*. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2010.

NEGRÃO, Esmeralda; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: FIORIN, José Luiz (Org.) *Introdução à Linguística II: Princípios de análise*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

NEVES, Maria Helena Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PRAÇA, Walkíria Neiva. *Morfossintaxe da língua Tapirapé*. 274 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PIZZIO, Aline Lemos. *A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos*. Florianópolis: UFSC, 2011. Tese de Doutorado, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, R. M. *O tradutor de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. 2. ed. Secretaria de Educação Especial. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline Lemos; CAMPELLO, Ana Regina de Souza. *Língua Brasileira de Sinais II*. Florianópolis: UFSC, 2009. (Texto base do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância).

QUEIXALÓS, Francesc. The Primacy and Fate of Predicativity in Tupi-Guarani. In: LOIS, Ximena; VAPNARSKY, Valentina. *Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages* (Orgs.). Ann Arbor-MI: Peter Lang, 2006. p. 256-270.

ROBINS, Robert Henry. *Linguística geral*. Tradução de Elizabeth Corbetta A. da Cunha et. al. 2. ed. Porto Alegre, Rio de Janeiro: Globo, 1981.

ROCHA, Solange Maria. *História do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos*, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/institucional/Paginas/historiadoines.aspx>>. Acesso em 02 abr. 2013.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima; FAULSTICH, Enilde; CARVALHO, Orlene Lúcia; RAMOS, Ana Adelina Lopo. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007, vol. 1.

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. *Sign language and linguistic universals*. 2 ed. New York: Cambridge University Press, 2009. (Primeira edição em 2006)

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução aos estudos da fala*. Tradução de J. Mattoso Camara Jr. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. (Primeira edição em 1921)

SCHACHTER, Paul; SHOPEN, Timothy. Parts-of-speech systems. In: SCHACHTER, Paul; SHOPEN, Timothy (Org.). *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge University Press. 2. ed. 2007, vol. 1: Clause Structure. p. 1-60. (Primeira edição 1985)

STROBEL, Karen; FERNANDES, Sueli. *Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais*. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, Karin Lílian. A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p. 244-252, jun.2006.

STOKOE, William C. Jr. *Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf*. Journal of Deaf Studies and Deaf Education. vol. 10. n. 1. Oxford: Oxford University, 2005. (Primeira edição 1960)

SUPALLA, Ted.; NEWPORT, Elisa. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. In: SIPLE, Patricia (Org.). *Understanding Language through Sign Language Research*. New York: Academic Press, 1978.

SWADESH, Morris. Nootka internal syntax. *International Journal of American Linguistics* 9, p. 77-102, 1939.

TAUB, Sarah F. *Language from the body. Iconicity and metaphor in American sign language*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2004. (Primeira edição em 2001)

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

The American Heritage Dictionary of the English Language, 4. ed. Boston-MA: Houghton Mifflin Co, 2000.

VIOTTI, Evani de Carvalho. *Introdução aos estudos linguísticos*. Florianópolis: UFSC, 2008. (Texto base elaborado para os cursos de Licenciatura e Bacharelado de Letras Libras na modalidade à distância)

WHALEY, Lindsay J. *Introduction to typology: The unity and diversity of language*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.

ZESHAN, Ulrike. Towards a notion of 'word' in sign languages. In: DIXON, Robert Ward; ALKHENVALD, Alexandra Y. *Word. A cross-linguist typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 153-177.

ZESHAN, Ulrike. Raízes, folhas e ramos – A tipologia de língua de sinais. In: QUADROS, R. M. de. VASCONCELLOS, M. L. B. de. *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Tradução de Alinne B. P. Fernandes et. al. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 33-54.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário (a), de uma pesquisa sobre língua de sinais brasileira (libras). Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida **sobre a pesquisa ou sobre os seus direitos** como participante, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, **Karime Chaibue**.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do projeto: Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais Nome e Verbo

Pesquisador responsável: Karime Chaibue

Telefone para contato:

E-mail: karime_chaibue@yahoo.com.br

Esta pesquisa é um estudo descritivo da libras a partir de dados coletados por meio de filmagens e da bibliografia disponível, com o intuito de questionar um universal linguístico considerado absoluto mediante dados encontrados na libras,

verificando as possíveis divergências entre a literatura existente e as especificidades desta modalidade de língua. A partir da interpretação de dados, será feita uma comparação com alguns universais linguísticos estabelecidos com base nas línguas orais, referidos como absolutos em fontes bibliográficas. O propósito da pesquisa é averiguar a validação destes universais.

Os dados serão coletados a partir de enunciados livres sinalizados por pessoas surdas fluentes em libras. O registro será por meio de filmagens, sendo posteriormente transcritos e analisados.

Esta pesquisa, de orientação tipológico-funcional, busca contribuir para a expansão do conhecimento, a autonomia da libras junto à comunidade surda e oferecer subsídios teóricos para usuários e profissionais desta língua.

A sua participação neste projeto de pesquisa é voluntária e depende única e exclusivamente do seu consentimento, de forma que você está livre de qualquer obrigação. As entrevistas não têm duração determinada, podendo variar conforme o andamento. Você tem plena liberdade de retirar seu consentimento de participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem que isto incorra em penalidades. Todos estes direitos serão respeitados no âmbito deste projeto.

Karime Chaibue
PESQUISADORA

Observações complementares:

APÊNDICE B – Consentimento da pessoa como participante da pesquisa



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO



CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____, RG
n.º _____, CPF n.º _____
_____, abaixo assinado, concordo em ser
participante do estudo “Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais:
discussão sobre as categorias lexicais Nome e Verbo”. Fui devidamente informado(a)
e esclarecido(a) pela pesquisadora **Karime Chaibue** sobre os objetivos da pesquisa,
os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios
decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu
consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade
decorrente disso.

Local e data: _____

Nome e Assinatura do sujeito: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

Observações complementares: ver termo de consentimento livre e esclarecido.

Karime Chaibue
PESQUISADORA

APÊNDICE C – Questionário aplicado aos participantes da pesquisa



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO



Pesquisa: Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais Nome e Verbo

Pesquisadora: Karime Chaibue

Orientadora: Profª Drª Christiane Cunha de Oliveira

DADOS DO ENTREVISTADO

1. Nome: _____

2. Data de nascimento: ____/____/____.

3. Local de nascimento: _____

4. Cidade e Estado em que mora atualmente? Desde quando?

5. E-mail: _____

6. Escolaridade:

() Ensino Fundamental - completo () incompleto ()

() Ensino Médio – completo () incompleto ()

() Ensino Superior – completo () incompleto ()

() Especialista. Curso: _____

() Pós-graduação. Curso: _____

Marque apenas o nível mais alto de escolaridade.

7. Quais línguas domina/usa?

() Libras. Como adquiriu? Local: () CAS () ASG () Outro. Especificar:

Com qual idade? _____

() Língua Portuguesa. Como adquiriu? Local: () CAS () ASG () Outro. Especificar:

Com qual idade? _____

() Língua Inglesa. Como adquiriu? Local: () CAS () ASG () Outro. Especificar:

Com qual idade? _____

() Língua Espanhola. Como adquiriu? Local: () CAS () ASG () Outro. Especificar:

Com qual idade? _____

() ASL (Língua Americana de Sinais)

() Outra. Especificar: _____

8. Tipo de surdez:

() Congênita (pré-lingual, ou seja, antes da aquisição da língua). Qual língua?

() Libras () Língua Portuguesa () Outra: _____

() Adquirida (ocorreu no decorrer da vida, após a aquisição da língua). Qual língua?

() Libras () Língua Portuguesa () Outra: _____

9. Causa da surdez:

() Doença da mãe

() Drogas ototóxicas (medicamentos utilizados no ouvido)

() Infecções – meningite (), encefalite (), caxumba (), sarampo ()

() Outras: _____

10. Utiliza aparelho de amplificação sonora:

() Sim () Não () Outros _____

11. Possui outros familiares surdos:

() Sim () Não Quem: _____

12. Como se comunica com os familiares:

() Língua de Sinais (Libras)

() Língua Portuguesa (leitura orofacial e oralização)

() Língua Portuguesa (escrita)

() Gestos

() Outros _____

13. A aprendizagem da Libras aconteceu de forma:

() Tranquila () Espontânea () Forçada

() Traumática () Difícil () Fácil

14. A aprendizagem da Língua Portuguesa aconteceu de forma:

() Tranquila () Espontânea () Forçada

() Traumática () Difícil () Fácil

15. Você se considera fluente na Libras?

() Sim () Não

16. Você trabalha:

() Sim. Onde? _____ Qual sua função? _____

() Não

17. Como se comunica com os colegas de trabalho:

() Língua de Sinais (Libras)

() Língua Portuguesa (leitura orofacial e oralização)

() Língua Portuguesa (escrita)

() Gestos

() Tem hábito de usar outros meios de comunicação para acesso à Libras? Quais?

() Tem hábito de usar outros meios de comunicação para acesso à Língua Portuguesa? Quais? _____

Gostaria de acrescentar alguma informação que não consta no questionário e que julga pertinente?

Observações:

CAS – Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez

ASG – Associação dos Surdos de Goiânia

ANEXO A – Universais Linguísticos¹⁴⁴

Nº	Descrição do Universal
1	Em sentenças declarativas, com sujeito e objetos nominais, quase sempre, o sujeito precede o objeto.
2	Em línguas com preposições, o nome quase sempre precede o genitivo, enquanto que em línguas com posposições, o genitivo precede o nome.
3	Línguas com a ordem dominante VSO são sempre preposicionais.
4	Línguas com ordem dominante SOV provavelmente são posposicionais.
5	Se uma língua com ordem dominante SOV e o nome antecede o genitivo, então o nome também antecede o adjetivo.
6	Todas as línguas com a ordem dominante VSO têm SVO como uma ordem alternativa ou como uma única ordem alternativa.
7	Se numa língua com a ordem dominante SOV, não há uma ordem alternativa ou há apenas a ordem OSV como alternativa, então todos os modificadores adverbiais do verbo igualmente precedem o verbo.
8	Traços entonacionais em perguntas afirmativas ou negativas são calculados mais a partir do fim da frase do que do início.
9	Quando as partículas interrogativas ou afixos são especificados em posição de referência para toda a frase, se for em posição inicial, provavelmente a língua é preposicional, se for em posição final, é posposicional.
10	Partículas interrogativas ou afixos quando especificados em posição de referência a uma palavra na sentença, quase sempre, procedem a palavra. Estas partículas não ocorrem em línguas com ordem dominante VSO.
11	A anteposição do V em relação ao S ocorre somente em línguas em que a palavra interrogativa QU ocupa posição inicial na frase. Essa inversão ocorre em questões afirmativas ou negativas somente se ocorre em interrogativas.
12	Línguas VSO em frases declarativas sempre têm palavras interrogativas no início da frase. Línguas SOV não têm posição fixa para as palavras interrogativas.
13	Se o objeto nominal precede o verbo, então o verbo da oração subordinada precede o verbo da oração principal.
14	As orações condicionais precedem orações conclusivas.
15	Em expressões de desejo e propósito, o verbo principal está sempre anteposto ao verbo subordinado, exceto em línguas com ordem dominante OV.
16	Em línguas com ordem dominante VSO, o auxiliar precede o verbo. Em línguas com ordem dominante SOV, o verbo precede o auxiliar.
17	Línguas com ordem dominante VSO, provavelmente têm o adjetivo após o nome.
18	Quando o adjetivo descritivo precede o nome, provavelmente, numeral o demonstrativo provavelmente também o precedem.
19	Se a regra geral da língua for do nome anteceder o adjetivo, pode haver exceções, numa minoria ocorrer do adjetivo preceder o nome. Se a regra geral for do adjetivo anteceder o nome, não haverá exceções.
20	Se o demonstrativo, o numeral e o adjetivo estão antepostos ao nome, ocorrem nessa ordem. Se o demonstrativo, o numeral e o adjetivo estão

¹⁴⁴ Adaptado de Greenberg (1966, p. 77-96).

	pospostos ao nome, a ordem é então inversa: adjetivo, numeral, demonstrativo.
21	Se algum ou todos os advérbios estão pospostos aos adjetivos, este está posposto ao nome e o objeto nominal posposto ao verbo, na ordem dominante.
22	Em comparações de superioridade, a sequência “padrão-marcador-adjetivo” implica língua posposicional. A sequência “adjetivo-marcador-padrão” implica, provavelmente, língua preposicional.
23	Se o nome próprio antecede o nome comum, provavelmente, o nome antecede o genitivo. Se o nome comum antecede o nome próprio, provavelmente, o genitivo antecede o nome.
24	Se a expressão relativa precede o nome, a língua é posposicional, ou o adjetivo precede o nome, ou ocorrem ambas as implicações.
25	Se o verbo precede o objeto pronominal, o verbo precede o objeto nominal.
26	Se uma língua tem afixos descontínuos, sempre terá prefixação, ou sufixação, ou ambos.
27	Se uma língua tem exclusivamente sufixo, ela é posposicional. Se uma língua tem exclusivamente prefixos, ela é preposicional.
28	Se a raiz está anteposta ou posposta à derivação e à flexão, a derivação sempre ocorre entre a raiz e a flexão.
29	Se uma língua tem flexão, ela terá também derivação.
30	Se o verbo tem categoria número-pessoa ou tem categoria de gênero, ele terá também categoria modo-temporal.
31	Se o sujeito ou o objeto concordam com o verbo em gênero, então o adjetivo também concorda com o nome em gênero.
32	Se o verbo concorda com o sujeito ou o objeto em gênero, o verbo também concorda com o sujeito ou objeto em número.
33	Quando a concordância de número entre verbo e nome é suspensa e a regra é baseada em ordem, verbo, no singular, precede nome.
34	Nenhuma língua tem número trial sem número dual, ou número dual sem plural.
35	Não há língua em que o plural não tem alguns alomorfes diferentes de zero, considerando que existem línguas em que o singular é expresso somente por zero. Número dual e trial raramente são expressos apenas por zero.
36	Se uma língua tem categoria de gênero, também tem categoria de número.
37	Uma língua não tem mais categorias de gênero no plural do que no singular.
38	O único caso que sempre tem apenas alomorfes zero é o do sujeito de verbo intransitivo.
39	Quando morfemas de número e caso estão presentes e ambos seguem ou precedem a base nominal, a expressão de número vem, quase sempre, entre a base nominal e a expressão de caso.
40	Quando o adjetivo está posposto ao nome, o adjetivo exprime todas as categorias de flexão do nome. Em tais casos, podem faltar evidências de uma ou todas essas categorias no nome.
41	Uma língua que tem o verbo posposto ao sujeito e ao objeto como ordem dominante, quase sempre tem sistema de casos.
42	Todas as línguas têm categorias pronominais envolvendo, pelo menos, três pessoas e dois números.

43	Se uma língua tem categorias de gênero no nome, tem categorias de gênero também no pronome.
44	Se uma língua tem distinção de gênero na 1ª pessoa, também tem distinção de gênero na 2ª pessoa e/ou na 3ª pessoa.
45	Se uma língua tem distinções de gênero no plural do pronome, também tem algumas distinções de gênero no singular.